



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE  
CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E  
DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**ROSANA DE FÁTIMA JANES CONSTÂNCIO**

**RELAÇÕES DE ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA FORMAÇÃO DOS  
SINAIS EM LIBRAS**



**CASCAVEL – PR**

**2022**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE  
CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E  
DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**ROSANA DE FÁTIMA JANES CONSTÂNCIO**

**RELAÇÕES DE ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA FORMAÇÃO DOS  
SINAIS EM LIBRAS**

Tese apresentada como requisito parcial de defesa ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra.  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Aparecida Martins

CASCAVEL – PR

2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes  
Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos  
sinais em Libras / Rosana de Fátima Janes CONSTÂNCIO;  
orientador Jorge Bidarra; coorientadora Tânia Aparecida  
Martins. -- Cascavel, 2022.  
195 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Iconicidade. 2. Arbitrariedade. 3. Língua Brasileira de  
Sinais . I. Bidarra, Jorge, orient. II. Martins, Tânia  
Aparecida, coorient. III. Título.

## RELAÇÕES DE ARBITRARIEDADE E ICONICIDADE NA FORMAÇÃO DOS SINAIS EM LIBRAS

Esta tese foi julgada adequada pelos membros da Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Jorge Bidarra  
Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Orientador



---

Prof.ª Dr.ª Lina Paulus  
University of Cologne Faculty of Human Sciences Sign Language Interpreting  
for DGS – German Sign Language  
Membro efetivo (convidado)



---

Prof.ª Dr.ª Maria Cristina da Cunha Pereira  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP  
Membro efetivo (convidado)



---

Prof.ª Dr.ª Márcia Sipavicius Seide  
Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Membro efetivo (da Instituição)



---

Prof.ª Dr.ª Tânia Aparecida Martins  
Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE  
Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 20 de junho de 2022.

A Deus, que me concedeu a graça de viver com pessoas maravilhosas. Gratidão!

À minha amada mãezinha Nice, presente em nossos corações.

Ao meu querido e amado pai, sempre tão presente em minha vida.

Ao meu lindo e querido irmão, Luís Alberto.

Aos amores de minha vida, Eduardo e Juliana, filhos tão especiais.

Aos filhos que a vida me deu na união do amor dos filhos, representados pela nora, Bruna, e pelo genro, Augusto, que são pessoas maravilhosas.

Às minhas paixões, que são os netos Diogo, Samuel, Rafaela, Cauã e Bela.

Ao Júlio, esposo querido e companheiro leal, sempre presente em todos os momentos de minha vida!

## **AGRADECIMENTOS**

Com a defesa desta tese finalizo uma etapa da minha vida acadêmica com os estudos realizados nestes anos no Doutorado, com muitas leituras, pesquisas, análises. Sem considerar as noites e as madrugadas que pouco a pouco foram exaurindo as minhas forças, mas que permitiram chegar à etapa final, em que será possível apresentar os dados coletados que aqui estão descritos, discutidos e analisados, os quais acredito que contribuirão para a compreensão dos fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade na Libras.

Tenho convicção de que a tese não se constrói de forma isolada e solitária, mas sim com a participação e o envolvimento de muitas pessoas, as quais faço questão de agradecer, respeitando as diferentes contribuições, sejam elas apoio emocional da família, as palavras de incentivo e o estímulo dos amigos, as discussões e debates do grupo de pesquisa PORLIBRAS, a socialização e a troca de saberes de colegas da área, o compartilhamento dos conhecimentos intelectuais e científicos dos professores do programa e tantos outros contributos que favoreceram o resultado de pesquisa para esta tese.

Não há como nomear todos, mas deixo registrada a minha gratidão àqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu pudesse defender esta tese, que é a formalização de um sonho por mim almejado, para alcançar o título de Doutora em Letras.

Quero agradecer, primeiramente, a Deus, por todas as oportunidades, pela graça da vida, pela bênção de uma amada família, pela profissão, pelos amigos e por toda trajetória educacional e profissional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Bidarra, sempre atento, dedicado e participativo em todas as etapas no desenvolvimento, e por sua exigência que me fez sair do senso comum para alçar os conhecimentos específicos que fundamentaram a construção da tese. Por acreditar e abraçar o tema e o potencial da pesquisa, corroborando com todo o seu empenho nas orientações realizadas constantemente e, por diversos meios, colaborando e incentivando a minha formação como Professora Pesquisadora. Por fim, pela honra de ser a sua orientanda neste percurso de pesquisa e pelos laços que oportunizaram a participação, não só nos momentos de orientação, mas também de apresentação em Congressos e Eventos da área.

À minha coorientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Aparecida Martins, uma pessoa de muitos valores e de um coração imenso, que em todos os momentos estava disponível para auxiliar no que fosse preciso, pelos seus sábios conselhos e pelas dicas pertinentes para a evolução da pesquisa, por acreditar na inovação, na produção da tese e no meu potencial para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores que foram membros das bancas no Seminário de Tese, na Qualificação e na Defesa, pelo tempo que dedicaram à leitura da pesquisa, com correções criteriosas e proposições teóricas e metodológicas, visando a aprimorar a construção da tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), com carinho a todos os docentes que ministraram as disciplinas, as quais foram fundamentais para minha formação como pesquisadora. Também, à toda a equipe da secretaria do programa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas voltado para a investigação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em Interface com Língua Portuguesa Brasileira (PORLIBRAS), pelos momentos de estudos, de pesquisas e de discussões que fomentaram a construção dos conhecimentos, bem como por todo o apoio na proposição e na elaboração do formulário para a análise dos dados.

Aos colegas do grupo de estudo, pelas trocas de conhecimento e pela socialização dos saberes, nas pessoas de Aline Pin, Janete de Melo Nantes, Leidiane da Silva Reis, Tânia Aparecida Martins, Sandra Mendes, Thiago Rafael Mazzarollo, Valdenir de Souza Pinheiro, Valéria Menezes Bastos. Um agradecimento especial à querida Keli Pereira Malaquias, pelo acolhimento e apoio em todo o percurso.

À Faculdade de Educação a Distância (EaD) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), por oportunizar o afastamento integral e parcial para a realização dos estudos, em especial à diretora da EaD/UFGD, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Matos Rocha, por ser uma incentivadora e apoiadora nos projetos, nos estudos e nas pesquisas dos docentes.

À intérprete Rejane Dias Lobo Bataglin, pelo apoio na gravação de alguns vídeos dos respectivos sinais que foram registrados e analisados no Google Forms.

Aos meus pais, Gilberto e Nice (*in memoriam*), que foram incentivadores e apoiadores em todos os momentos de minha vida, sempre presentes para apoiar nas decisões e nas escolhas que realizei.

Ao meu esposo Júlio, meu companheiro que sempre está disponível para os percursos, sejam eles familiares, profissionais ou de estudos. Companheiro de vida!

Aos filhos, Eduardo e Juliana, à nora, Bruna, e ao genro, Augusto, pelo incentivo e pela valorização de toda minha trajetória de vida. Aos netos que eu tanto amo e que considero como bênçãos de Deus: Diogo, Samuel, Rafaela, Cauã e Bella. Vocês são o meu amor incondicional.

Ao meu irmão querido, que sempre esteve ao meu lado nos bons momentos em família, nos desafios e nas conquistas alcançadas.



*“A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais”.*

(Joseph Schuyler Long, Diretor da Iowa School for the Deaf).

CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes. **Relações de Arbitrariedade e Iconicidade na composição dos sinais em Libras**. 2022. 195f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

## RESUMO

No Brasil, as pesquisas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras) cada vez mais vêm se intensificando, notadamente a partir do seu reconhecimento como “meio de comunicação e expressão” (Lei Federal nº 10.436/02, Art. 1º). Os avanços obtidos no campo dos estudos linguísticos e das práticas educacionais envolvendo a Libras e as necessidades demandadas pelos alunos/estudantes surdos brasileiros têm sido notáveis. Apesar disso, ainda são muitas as questões a respeito da língua que precisam ser aprofundadas; uma delas diz respeito à natureza dos sinais que compõem o seu léxico. Motivados pelo fato de a Libras ser uma língua gestual, visual e espacial, não são raros os que defendem a ideia de que tais sinais sejam icônicos, uma vez que muitos remetem, de fato, aos referentes que nominam. Todavia, esse tipo de afirmação não se sustenta, e vários estudos já demonstram isso. O assunto da iconicidade, portanto, é objeto de estudo desta tese. A fim de aprofundá-lo, o objetivo desta tese foi não apenas resgatar os aspectos teóricos relacionados à iconicidade presente nas línguas, sejam elas orais ou de sinais, mas, sobretudo, compreender o *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Quatro perguntas centrais orientaram esta investigação: (i) Como se dão as relações de formação dos sinais em Libras?; (ii) Tomando por base os resultados obtidos em (i), é possível afirmar que os sinais da Libras são apenas icônicos ou arbitrários como geralmente muitos têm preconizado? (iii) Será que os sinais da Libras também podem assumir outros níveis?; e (iv) Assumindo o que preconiza a literatura especializada (KLIMA; BELUGGI, 1979; PERNISS; VIGLIOCCO, 2014; ORTEGA, 2017), que, para além da relação icônica e arbitrária, existem ainda dois outros níveis em que os itens lexicais de uma língua podem se distribuir, como esse arranjo se dá com a Libras? Para responder a essas perguntas, apoiou-se em pressupostos teóricos defendidos pela Linguística Descritiva (STOKOE, 1960; FERREIRA-BRITO, 1990, 2010; PERINI, 2010) e pelos estudos do léxico (CABRÉ, 1998). Os dados para análise foram extraídos, inicialmente, a partir da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (GAMA, 1875), ao todo, 407 sinais e seus referentes que foram contrastados em outras três obras (OATES, 1969; SOCIEDADE TORRE DE VIGIA, 1992; CAPOVILLA *et al.*, 2001). No entanto, para as análises, considerou-se apenas a obra com a versão mais atualizada: *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017). Os resultados obtidos desse processo de investigação confirmaram nossas hipóteses iniciais de que existem outros dois possíveis níveis na Libras, o translúcido e o obscuro, que podem se enquadrar no *continuum* dos fenômenos linguísticos da iconicidade à arbitrariedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iconicidade; Arbitrariedade; Língua Brasileira de Sinais (Libras).

CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes. **Arbitrariness and Iconicity Relationships in the formation of signs and in the expression of grammatical categories in Libras**. 2022. 195f. Thesis (Doctorate in Letters) – Stricto Sensu Graduate Program in Letters, State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

## ABSTRACT

In Brazil, research related to the Brazilian Sign Language (*Libras*, in portuguese) has been increasingly intensified, notably after its recognition as a "means of communication and expression" (Federal Law No. 10.436/02, Article 1). The advances made in the field of linguistic studies and educational practices involving Libras and the needs demanded by Brazilian deaf students/students have been remarkable. Nevertheless, there are still many questions about the language that need to be deepened; one of them concerns the nature of the signs that make up its lexicon. Motivated by the fact that Libras is a sign language, visual and spatial, there are many who defend the idea that these signs are iconic, since many of them do in fact refer to the referents they name. However, this kind of statement does not hold, and several studies have shown that. The subject of iconicity, therefore, is the object of study of this thesis. In order to deepen it, the goal of this thesis was not only to rescue the theoretical aspects related to the iconicity present in languages, whether oral or sign languages, but, above all, to understand the continuum from iconicity to arbitrariness. Four central questions guided this research: (i) How are the relations of formation of signs in Libras?; (ii) Based on the results obtained in (i), is it possible to say that Libras signs are only iconic or arbitrary as generally advocated by many? (iii) Can Libras signs also assume other levels? (iv) Assuming that, according to the specialized literature (KLIMA; BELUGGI, 1979; PERNISS; VIGLIOCCO, 2014; ORTEGA, 2017), besides the iconic and arbitrary relationship, there are two other levels where the lexical items of a language can be distributed, how does this arrangement occur in Libras? To answer these questions, we relied on theoretical assumptions advocated by Descriptive Linguistics (STOKOE, 1960; FERREIRA-BRITO, 1990, 2010; PERINI, 2010) and by lexical studies (CABRÉ, 1998). The data for analysis were extracted initially from the work *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (GAMA, 1875), in all, 407 signs and their referents that were contrasted in three other works (OATES, 1969; SOCIEDADE TORRE DE VIGIA, 1992; CAPOVILLA *et al.*, 2001). However, for the analysis, we considered only the work with the most updated version: *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017). The results obtained from this investigation process confirmed our initial hypotheses that there are two other possible levels in Libras, the translucent and the obscure, which may fit the continuum of linguistic phenomena from iconicity to arbitrariness.

**KEYWORDS:** Iconicity; Arbitrariness; Brazilian Sign Language (Libras).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alfabeto Manual de Bonet (1920).....	29
Figura 2 - Chirológia - Sistema desenvolvido por (JOHN BULWER, 1644) .....	30
Figura 3 - Sinal de NÃO-PODE .....	34
Figura 4 - Sinal de OCUPADO .....	34
Figura 5 - Sinal de ABANDONAR em Libras .....	35
Figura 6 - Sinal de ENSINAR .....	35
Figura 7 - Sinal de AVENIDA .....	35
Figura 8 - Sinal de PAÍS.....	36
Figura 9 - Sinal de PAPEL .....	36
Figura 10 - Conjunto composto por sete possíveis CMs passiva em ASL conforme Battison (2000) .....	37
Figura 11 - Expressões não manuais da Libras (FERREIRA-BRITO; LANGEVIN, 1995).....	38
Figura 12 - Sinal de POR QUÊ?.....	38
Figura 13 - Sinal de NÃO SABE NADA.....	38
Figura 14 - Sinal de ÉBRIO.....	39
Figura 15 - Sinal de NÃO .....	39
Figura 16 - Sinal de TERÇO .....	39
Figura 17 - Sinal de SOLUÇÃO.....	39
Figura 18 - Sinal de GRAVIDEZ com representação pantomímica .....	40
Figura 19 - Sinal de GRAVIDEZ sem representação pantomímica .....	41
Figura 20 - Sinal de CARRO .....	41
Figura 21 - Sinal de DIRIGIR .....	42
Figura 22 - Sinal de GLOBO - TV.....	42
Figura 23 - Sinal de VOCÊ.....	43
Figura 24 - Sinal de BRASIL .....	43
Figura 25 - Sinal de LILÁS .....	44
Figura 26 - Sinal de PROFESSOR.....	44
Figura 27 - Diferença entre pantomima e sinal da ASL .....	45
Figura 28 - Léxico ÁRVORE .....	53
Figura 29 - Signo Linguístico.....	59
Figura 30 - Sinal de ÁRVORE nas línguas de sinais: (a) Chinesa, (b) Dinamarquesa e (c) Americana .....	70
Figura 31 - Sinal de COMPUTADOR .....	73
Figura 32 - Sinal de LÁBIO, LÍNGUA e OLHO .....	74
Figura 33 - Sinal de ÁRVORE na DGS .....	75
Figura 34 - Sinal de HOUSE na ASL.....	77
Figura 35 - Sinal de: MATEMÁTICA; TRÁFEGO; PORTA na LIS .....	78
Figura 36 - Sinal de HOUSE (CASA) na AUSLAN .....	80
Figura 37 - Sinal de SCIENCE (CIÊNCIA) na AUSLAN .....	80
Figura 38 - Sinal de BISCUIT (BOLACHA) na AUSLAN.....	81
Figura 39 - Sinal de ADVERTIR em Libras .....	82
Figura 40 - 1ª edição.....	96
Figura 41 - Edição do INES.....	96
Figura 42 - Exemplos de movimento na obra de Gama (1875) .....	98
Figura 43 - Formação dos itens lexicais SAL e TEMPERAR.....	98
Figura 44 - Sinais de FACA e de CANIVETE .....	99
Figura 45 - Dicionário Ilustrado Trilíngue: Língua de sinais Brasileira .....	99

Figura 46 - Exemplo de sinais para o mesmo referente .....	100
Figura 47 - Exemplo de sinais que se flexionam em pessoa, número e aspecto....	101
Figura 48 - Sinal de ABRAÇAR - ABRAÇO.....	101
Figura 49 - Itens lexicais com significados diferentes.....	102
Figura 50 - Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Novo Deit-Libras.....	102
Figura 51 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos .....	103
Figura 52 - Tipos de Configurações de Mãos.....	106
Figura 53 - Locação no espaço neutro .....	107
Figura 54 - Identificação da locação.....	108
Figura 55 - Locação no ombro .....	109
Figura 56 - Locação no peito.....	109
Figura 57 - Locação no abdome .....	110
Figura 58 - Locação no quadril.....	110
Figura 59 - Pontos de contato no braço .....	110
Figura 60 - Pontos de contato nas mãos.....	111
Figura 61 - Movimento Angular .....	111
Figura 62 - Movimento Circular .....	112
Figura 63 - Movimento Semicircular .....	112
Figura 64 - Movimento Helicoidal .....	113
Figura 65 - Movimento Retilíneo .....	113
Figura 66 - Movimento Sinuoso .....	114
Figura 67 - Movimento Tremular .....	114
Figura 68 - Sem movimento .....	115
Figura 69 - Expressão Não Manual da sobancelha.....	116
Figura 70 - Expressão Não Manual dos olhos.....	116
Figura 71 - Expressão Não Manual do Nariz.....	116
Figura 72 - Expressão Não Manual da bochecha.....	117
Figura 73 - Expressão Não Manual dos dentes.....	117
Figura 74 - Expressão Não Manual da língua .....	117
Figura 75 - Expressão Não Manual da boca .....	118
Figura 76 - Diagrama das trilhas percorridas no percurso teórico-metodológico ....	119
Figura 77 - Gradações .....	121
Figura 78 - Sinal de COMER.....	123
Figura 79 - Sinal de SAL .....	126
Figura 80 - Sinal de SAL.2 .....	128
Figura 81 - Sinal de SAL.3 .....	129
Figura 82 - Sinal de PÃO .....	131
Figura 83 - Sinal de PÃO.2 .....	132
Figura 84 - Sinal de VINAGRE .....	133
Figura 85 - Sinal de ELEFANTE.....	135
Figura 86 - Sinal de ELEFANTE.2.....	137
Figura 87 - Sinal de ELEFANTE.3.....	138
Figura 88 - Sinal de VERME .....	139
Figura 89 - Sinal de GALINHA .....	141
Figura 90 - Sinal de PORCO.....	143
Figura 91 - Sinal de PORCO.2.....	144
Figura 92 - Sinal de SOLDADO .....	146
Figura 93 - Sinal de BISPO .....	147
Figura 94 - Sinal de PADRE.1.....	149
Figura 95 - Sinal de PADRE.2.....	150

Figura 96 - Sinal de PADRE.3.....	151
Figura 97 - Sinal de PADRE.4.....	152
Figura 98 - Sinal de EMPREGADO.....	153
Figura 99 - CASA.....	156
Figura 100 - Tipos de telhados.....	157
Figura 101 - Porcentagem identificada dos itens léxicos das categorias semânticas .....	161

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e Dissertações na área do percurso investigativo – 2006-2017 ...	50
Quadro 2 - Pesquisas sobre iconicidade nas Línguas de Sinais .....	68
Quadro 3 - Tipos de categorias e quantitativo de sinais a partir de Gama (1875) ....	87
Quadro 4 - Sinais das categorias correspondentes aos itens lexicais de: COMER; BEBER; ESCREVER; LIVRO; HOMEM e SOLDADO; BURRO; PASSARINHO; PEIXE; INSETOS; GRANDE; OBEDIENTE; EU; PRESENTE; ABANDONAR; DIA; SOBRE; E; OH!; QUAL? .....	88
Quadro 5 - Caracterização das obras selecionadas .....	95
Quadro 6 - Exemplos na obra de Gama (1875).....	97
Quadro 7 - Total de referentes nas obras.....	104
Quadro 8 - Sinais e categorias .....	120
Quadro 9 - Resultados das análises .....	160

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CM	Configuração de mão
D	Direção
DGS	<i>Deutsche Gebärdensprache</i> (Língua de Sinais Alemã)
EaD	Educação a Distância
ENM	Expressão Não Manual
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IBICT	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
IISM	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
ISL	<i>Irish Sign Language</i> (Língua de Sinais Irlandesa).
JSL	<i>Japanese Sign Language</i> (Linguagem de Sinais Japonesa)
L	Locação
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LIS	<i>Lingua dei Segni Italiana</i> (Língua de Sinais Italiana)
LSF	<i>Langue des Signes Française</i> (Língua de Sinais Francesa)
LSM	<i>Lengua de Señas Mexicana</i> (Língua de Sinais Mexicana)
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
M	Movimento
OR	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PC	Ponto de Contato
PORLIBRAS	Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da LIBRAS em Interface com Língua Portuguesa Brasileira
TILS	Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais
TSL	<i>Taiwan Sign Language</i> (Língua de Sinais Tailandesa)
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNAERP	Universidade de Ribeirão Preto



UNIOESTE      Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
ZGF              *Zhōngguó Shǒuyǔ* (Língua de Sinais Chinesa)

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>1 LÍNGUA DE SINAIS: DA FORMAÇÃO DOS SINAIS AO SEU ESTATUTO LINGUÍSTICO .....</b>	<b>28</b>
1.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS: UM BREVE HISTÓRICO .....	28
1.2 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS.....	33
1.3 O DEBATE DOS FENÔMENOS DA ICONICIDADE E DA ARBITRARIEDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	40
1.4 A LIBRAS EM FOCO .....	46
1.4.1 As investigações iniciais .....	47
1.4.2 Contribuições do nosso objeto de estudo.....	49
<b>2 O PAPEL DA ICONICIDADE NAS LÍNGUAS: PERCEPÇÕES DOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO DA LIBRAS .....</b>	<b>57</b>
2.1 ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE: PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS NATURAIS .....	57
2.1.1 O debate da iconicidade e da arbitrariedade, segundo outros autores .....	60
2.1.2 Iconicidade dos itens lexicais nas línguas naturais.....	64
2.1.3 O debate da iconicidade <i>versus</i> arbitrariedade nas línguas de sinais.....	66
2.2 PANORAMA GERAL DAS PESQUISAS REALIZADAS NO ÂMBITO INTERNACIONAL SOBRE ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	72
2.2.1 O que revelam as pesquisas internacionais .....	72
2.3 ICONICIDADE NA LIBRAS.....	81
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....</b>	<b>85</b>
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	85
3.1.1 Etapa inicial: o momento de seleção das obras .....	85
3.2 ESTUDOS INICIAIS DAS OBRAS SELECIONADAS .....	95
3.2.1 Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos .....	96
3.2.2 Dicionário da Língua de Sinais Brasileira .....	99
3.3 ETAPA INTERMEDIÁRIA .....	103
3.4 ORGANIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS .....	104
<b>4 ANÁLISES DOS DADOS, DISCUSSÕES E RESULTADOS .....</b>	<b>120</b>
4.1 ALIMENTOS.....	123
4.1.1 COMER .....	123
4.1.2 SAL .....	125
4.1.2.1 SAL.2.....	127
4.1.2.2 SAL.3.....	129
4.1.3 PÃO .....	131
4.1.3.1 PÃO. 2.....	132
4.1.4 VINAGRE .....	133
4.2 GRUPO ANIMAIS .....	135
4.2.1 ELEFANTE .....	135
4.2.1.1 ELEFANTE.2.....	136
4.2.1.2 ELEFANTE.3.....	138
4.2.2 VERME .....	139
4.2.3 GALINHA.....	141
4.2.4 PORCO.....	143
4.2.4.1 PORCO.2 .....	144

4.3	GRUPO PROFISSÕES.....	145
4.3.1	SOLDADO .....	145
4.3.2	BISPO.....	147
4.3.3	PADRE.1 .....	148
4.3.3.1	PADRE.2 .....	150
4.3.3.2	PADRE.3 .....	151
4.3.3.4	PADRE.4 .....	152
4.3.4	EMPREGADO .....	153
4.4	RESULTADOS .....	154
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>165</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>176</b>
	APÊNDICE A – DADOS DA ANAMNESE .....	176
	APÊNDICE B – SINAIS ANALISADOS NO GOOGLE FORMS A PARTIR DA OBRA DE CAPOVILLA <i>ET AL.</i> (2017) .....	182

## APRESENTAÇÃO

Minha trajetória no campo profissional na área educacional atuando como docente iniciou-se no ano de 1991, após alguns anos formada no Magistério, em um momento em que as políticas públicas estavam dedicando-se a novos paradigmas voltados à inclusão. Esse fato me levou a buscar novas formações (Ensino Superior) que atendessem a essa demanda. A partir do ano de 1997, um novo percurso despontou nesse caminho. Foi quando iniciei minha atuação profissional na área da surdez, ora atuando como docente, ora atuando como intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), logo após a conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia com habilitação em Deficiente da Audiocomunicação<sup>1</sup>.

O meu contato com a comunidade surda e o interesse em me comunicar com os surdos surgiu com a formação do curso de Pedagogia. Tão logo eu me licenciiei, passei a atuar como docente de uma Sala Especial de alunos surdos, em uma escola pública estadual na cidade de Ribeirão Preto (SP). Para minha surpresa, somente essa formação não foi suficiente para que pudesse me comunicar efetivamente com os estudantes surdos usuários da Libras.

As dificuldades vivenciadas nesse contexto linguístico me angustiaram de tal forma que despertou o interesse em aprofundar os conhecimentos na Libras para que fosse possível superar os desafios vividos em uma área da linguística ainda pouco explorada e disseminada. Foi assim que realizei, por alguns anos, muitos cursos de Libras e, em especial, os cursos Básico, Intermediário e Avançado na FENEIS de São Paulo.

Foram muitos os desafios encontrados nos momentos de atuação docente ou de interpretação, e, para superá-los, a formação em curso de pós-graduação e de capacitação foi fundamental.

Com a trajetória profissional vivenciada na área de atuação, no ano de 2004, concluí minha primeira Especialização em Educação Especial. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulou-se A importância da Língua de Sinais na escolarização dos educandos surdos. No entanto, outras exigências na formação e na capacitação foram surgindo à medida que o envolvimento e o contato com a comunidade surda foram se ampliando e ressignificando a minha atuação profissional.

---

<sup>1</sup> Em 1996, concluí o curso de licenciatura na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP).

A segunda especialização realizada foi em Letramento e Alfabetização, sendo direcionada à linha de investigação em Letramento e Alfabetização na Educação de Surdos, em consonância com os estudos realizados e investigados no mesmo período, no Mestrado.

O ingresso no Mestrado aconteceu em 2008, e teve como princípio norteador investigar como se dá a constituição de alguns itens lexicais da Libras, a carência de alguns sinais específicos nos momentos de atuação vivenciados pelos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) e a falta de regulamentação para o exercício da profissão. O fruto dessa investigação culminou na dissertação intitulada *O Intérprete de Libras no Ensino Superior: sua atuação como mediador entre a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais* (CONSTÂNCIO, 2010)<sup>2</sup>.

Os estudos e as investigações realizadas no mestrado instigaram a continuidade das pesquisas relacionadas aos estudos linguísticos da Libras. Em sintonia com o desejo de compreender cada vez mais a singularidade da Libras, também cursava a graduação em Letras-Libras. Senti o quanto era necessário prosseguir estudando. Em 2015, fiz uma nova especialização na área de Libras, culminando na produção do TCC intitulado *Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e os desafios linguísticos no ato da Tradução Interpretação*.

Toda trajetória profissional e de formação acadêmica colaboraram para a minha evolução e aumentaram o desejo de aprofundar os conhecimentos específicos da área da linguística da Libras, com pesquisas e estudos investigativos que pudessem corroborar não somente para a minha *expertise* na área, mas também disseminar os novos saberes profissionalmente na área da linguística da Libras.

Foi nesse processo de idas e vindas, presente e passado, que a pesquisa desenvolvida nesta tese fortaleceu os estudos iniciados no mestrado, momento em que busquei compreender os desafios linguísticos vivenciados pelos TILS em contextos de atuação com os surdos. Esta tese, intitulada *Relações de arbitrariedade e iconicidade na formação dos sinais em Libras*, situa-se, portanto, no âmbito da Linguística e emerge como um desdobramento e aprofundamento dos estudos que realizei e vivenciei proponente na área da educação de surdos, haja vista que atuo no

---

<sup>2</sup> A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto (SP), com área de concentração em Educação Escolar, na Linha de Pesquisa *Constituição do Sujeito no Contexto Escolar*.

curso de licenciatura e bacharelado em Letras-Libras em uma Instituição Pública Federal no Mato Grosso do Sul.

Considerando o exposto, o interesse pessoal, como pesquisadora, em compreender os fenômenos linguísticos se justifica pelo fato de que a iconicidade em Libras não tem sido, geralmente, objeto de investigação em pesquisas acadêmicas, ou, quando é, os resultados são pouco aprofundados. Assim, existe a necessidade de um aprofundamento por um viés linguístico, considerando que há uma linha tênue que perpassa desde a formação paramétrica de um sinal com características mais icônicas e suas gradações até chegar a um sinal totalmente arbitrário. Apesar dos resultados alcançados com este estudo, sabemos que ainda vamos vivenciar novos desafios, pois a pesquisa não se encerra com a defesa da tese.

## INTRODUÇÃO

A investigação dos fenômenos linguísticos e do modo como as línguas de sinais se manifestam, cada vez mais, vem despertando interesse, não só de linguistas, mas também de pesquisadores de outras áreas do conhecimento. Esse interesse, embora não seja um fato novo, ganhou muito mais força a partir do reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais, o que, desde então, vem provocando importantes mudanças, seja no ambiente educacional, nas políticas públicas voltadas para o atendimento das pessoas com surdez e, de modo especial, junto à comunidade técnica e científica.

Tanto em termos nacionais, referindo-nos aqui ao Brasil, quanto internacionais, as pesquisas desenvolvidas no âmbito das línguas de sinais (XAVIER, 2006; FITZGERALD, 2014; RODERO-TAKAHIRA, 2015; MARTINS, 2017; ROCCAFORTE, 2017) têm analisado e explicado como elas, de fato, se realizam, não apenas no que diz respeito ao seu uso pelos “falantes” (os surdos), mas também aos aspectos gramaticais que a consolidam como línguas.

No caso específico da Libras, os investimentos a ela direcionados, algo que também acontece em muitos outros países, intensificaram-se, sem sobras de dúvida, com a promulgação da Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002), e por sua regulamentação, a partir do Decreto nº 5626/05 (BRASIL, 2005), em que, em seu artigo 1º, estabelece que em todo o território nacional a Libras é o “meio legal de comunicação e expressão” da comunidade surda brasileira.

Essa decisão, diga-se de passagem, acertadíssima e absolutamente necessária, não apenas representou uma conquista resultante das duras lutas travadas pela comunidade surda, como, ao mesmo tempo, trouxe aos educadores e pesquisadores uma série de novos desafios, muitos dos quais até hoje perduram.

Se, de um ponto de vista educacional, chegou-se à conclusão de que novos paradigmas de ensino e aprendizagem de alunos/estudantes surdos precisavam ser pensados e, bem mais do que isso, levados a termo, com relação à parte técnica e científica envolvendo a língua, as demandas, que já não eram poucas antes desse marco histórico para o Brasil, passaram a cobrar desses especialistas uma atenção redobrada. Nesse sentido, necessita-se de respostas que sejam factíveis, demonstráveis e esclarecedoras, notadamente no que tange aos aspectos linguísticos que caracterizam uma língua, a qual, de todas as maneiras, diferencia-se daquela

falada pelos brasileiros: a língua portuguesa (LP). Entender as línguas de sinais, suas estruturas e seus funcionamento, sem dúvida alguma, vem impondo aos estudiosos e aos educadores uma série de desafios.

Um deles, e talvez o maior de todos, apesar dos esforços que vêm sendo perpetrados, é desconstruir a tão negativa quanto falsa ideia de que, na Libras, a maioria dos seus sinais é icônico ou mesmo uma forma pantomímica encontrada pelos surdos para se comunicar uns com os outros. Embora marcante, esse não é o único obstáculo; há tantos outros desafios que, a nosso ver, são ainda muito mais difíceis de serem resolvidos.

Se desviarmos o nosso foco para as questões linguísticas que permeiam a gramática da Libras, veremos que, nessa área, há um conjunto de questões que continuam em aberto. É o caso, por exemplo, da velha, mas sempre atual, discussão sobre se os sinais das línguas de sinais de um modo geral, e da Libras, de modo mais específico, são de fato icônicos ou não. Esse é o assunto que discutimos ao longo deste texto.

O objetivo geral desta tese é analisar e discutir como se dão as relações na formação dos sinais em Libras no tocante à iconicidade e às variações, considerando a seleção de alguns itens lexicais que constam tanto na obra de Gama (1875), fonte primária de dados, quanto no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017). A partir da seleção inicial, estabelecemos como critério analisar somente os sinais que são simples<sup>3</sup> e monomanuais<sup>4</sup>.

Os objetivos específicos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho são:

- (i) Verificar se outras gradações poderiam se enquadrar em um *continuum*<sup>5</sup> da iconicidade à arbitrariedade;
- (ii) Pesquisar, analisar e identificar se, assim como com as palavras, os sinais na Libras também podem assumir outras gradações;

---

<sup>3</sup> Sinais simples se distinguem dos sinais compostos por serem constituídos pela combinação de alguns ou todos os parâmetros (CM, L, M, D, ENM), resultando em um sinal com significado. Já os sinais compostos se constituem na junção de dois sinais simples, resultando, assim, em um sinal com novo significado (QUADROS; KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010).

<sup>4</sup> Sinais monomanuais são aqueles realizados com uma única mão.

<sup>5</sup> *Continuum* é uma palavra derivada do latim, que literalmente tem o significado de contínuo, e pode também ser compreendido como uma sequência. É muito difícil estabelecer essa diferença entre as possíveis gradações da iconicidade e da arbitrariedade, em nossa investigação.



- (iii) Avaliar se os parâmetros presentes na formação dos sinais possibilitam a identificação de níveis que compreendem icônicos, translúcidos, obscuros e arbitrários.

Com tal problema em mente, as perguntas que serviram de base para conduzir as nossas reflexões e proposições foram:

- Como se dão as relações de formação dos sinais em Libras?
- Até que ponto é verdade que os sinais da Libras são apenas icônicos ou arbitrários, como geralmente muitos têm preconizado?
- Será que, assim como com as palavras, os sinais também podem assumir outras gradações?
- Sabendo-se que os sinais da Libras se manifestam visualmente no espaço e que são estruturados com base na combinação e na articulação de parâmetros linguísticos (STOKOE, 1960; KLIMA; BELLUGI, 1979), além de serem determinados, como esses parâmetros atuam ou podem atuar na determinação dessa gradação?

De acordo com Gil (2019), “[...] o ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia.” (GIL, 2019, p. 1). Essa assertiva nos levou a refletir sobre o interesse no objeto da pesquisa, em compreender a relação de arbitrariedade e da iconicidade na formação dos itens lexicais da Libras. Em outras palavras, ponderamos sobre em que momento esse interesse surgiu entre a pesquisadora e o objeto de estudo, na perspectiva da construção de uma tese de doutorado.

Desenvolver uma pesquisa de modo que contribua com os estudos linguísticos da Libras é um desafio que nos permite responder a muitas indagações vivenciadas em nossa trajetória profissional e acadêmica. Nesses percursos, muitos desafios foram vivenciados, ora no ensino, ora na atuação de interpretação. Na busca de rompê-los, esta pesquisa tem como embasamento teórico a corrente da Linguística Descritiva, mobilizada por ser uma abordagem da linguagem que busca compreender a formação e a estrutura da língua para estabelecer uma conexão do funcionamento e do uso. Essa escolha harmoniza-se com o pensamento de Perini (2010), de que é

preciso “[...] estudar a língua como ela é [...]” (PERINI, 2010, p. 21), em sua essência e não em uma visão tradicional.

Além dessa perspectiva teórica, neste estudo, estabelecemos uma interface com os estudos do léxico, ao buscarmos compreender a formação de alguns itens lexicais da Libras, considerando suas possíveis gradações. Para a terminóloga Cabré (1998), "Um dos componentes básicos de uma língua é o léxico, o qual consiste de palavras de uma língua e as regras que controlam a criatividade do falante. As palavras são unidades de referências da realidade e nos conectam ao mundo real." (CABRÉ, 1998, p. 29). Isso também vale para as línguas de sinais e é o que assumimos para esta pesquisa.

Visando a compreender a formação dos itens lexicais na Libras, nas análises realizadas, verificamos que alguns sinais podem se enquadrar em determinadas gradações com o viés da linha teórica da Linguística Cognitiva, haja vista que se trata de uma abordagem da linguagem que estabelece uma conexão do conhecimento com a experiência humana do mundo, tendo a iconicidade e a naturalidade como princípios funcionais da organização linguística, embora não seja essa a linha que fundamenta esta pesquisa. Dessa forma, as estruturas da linguagem são concebidas como manifestações de capacidades cognitivas que realizam um processamento das experiências culturais, sociais e individuais (SILVA, 1997). Nessa perspectiva, Castilho (2014) argumenta que “[...] as línguas naturais são o ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade.” (CASTILHO, 20104, p. 33).

Quanto à perspectiva metodológica, partimos de uma metodologia de natureza básica e de cunho qualitativo. Assumimos a abordagem da revisão bibliográfica e exploratória, porque, na construção da tese, fazemos uso das obras de Gama (1875) e Capovilla *et al.* (2017) para nortear nosso objeto de estudo. De acordo com Gil (2019), a revisão bibliográfica é desenvolvida com base “[...] em material já elaborado, que traz como principal vantagem o fato de permitir uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que se obteria ao se pesquisar diretamente.” (GIL, 2019, p. 38). Com relação à perspectiva exploratória, essa permite “[...] a identificação das relações entre os fenômenos estudados.” (GIL, 2019, p. 131).

Outro aspecto desta tese é o caráter documental, pois “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico,

ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” (GIL, 2019, p. 36).

Para além das técnicas e dos métodos de pesquisa citados, de acordo com Chizzotti (2006), há critérios que validam os dados obtidos e que são essenciais para que as análises possam ocorrer com toda fidedignidade, destacando-se: a fiabilidade com independência de julgamentos preconcebidos e ideológicos do autor; a credibilidade que se relaciona à exatidão das informações; a constância interna; e a transferibilidade, possibilitando que se estendam as conclusões a outros contextos.

Esta pesquisa se justifica considerando que é necessário romper as limitações no âmbito das pesquisas existentes e nos aprofundarmos em busca da compreensão dos fenômenos linguísticos da Libras, visando a identificar se outros níveis estão presentes no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Compreender como se dá a formação e a execução da Libras possibilita-nos uma nova visão do sujeito surdo, na perspectiva da sua singularidade linguística e da necessidade de se compreender a língua. Isso possibilita que tanto surdos como ouvintes se apropriem dela de forma significativa, entendendo a sua constituição linguística em termos de iconicidade e de arbitrariedade e de outras possíveis gradações (KLIMA; BELLUGI, 1979; CAPOVILLA, 2009; PERNISS; VIGLIOCCO, 2014; ORTEGA, 2017).

A relevância da tese está nos resultados obtidos, os quais nos permitem entender a formação dos itens lexicais icônicos e arbitrários da Libras selecionados, tendo em vista a relação de iconicidade e de arbitrariedade, e como se dão as restrições morfossintáticas em sua constituição, considerando que duas outras gradações, por exemplo, translúcido e obscuro<sup>6</sup>, podem se manifestar no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade nos itens lexicais da Libras analisados nesta tese. Assim, tais análises contribuem não apenas para a própria área de estudos linguísticos, mas para o ensino de Libras, uma vez que, quanto mais se conhece a gramática de uma língua, seja ela de tradição oral ou de sinais, mais esse conhecimento poderá ser revertido em ferramentas direcionadas aos profissionais que atuam na área.

Esta tese, intitulada “Relações de arbitrariedade e iconicidade na formação dos sinais em Libras”, situa-se no âmbito da Linguística e emerge como um

---

<sup>6</sup> Essas duas gradações foram conceituadas e descritas por Johnston (1987) em várias entradas do dicionário da Língua de Sinais Australiana (AUSLAN), intitulado *A Preliminary Signing Dictionary of Australian Sign Language (Auslan)*.

desdobramento e aprofundamento de nossos estudos e vivências na área da educação de surdos. Desse modo, buscamos entender, na essência da Linguística Descritiva, como a Libras se constitui em sua formação, refletindo sobre os fenômenos linguísticos de iconicidade e de arbitrariedade nas línguas de sinais, em especial, da Libras.

Em sintonia com a nossa trajetória profissional, especialmente nos cursos de licenciatura e de bacharelado em Letras-Libras, em uma instituição pública federal<sup>7</sup>, a proposta desta tese é, não apenas resgatar os aspectos teóricos relacionados à iconicidade presente nas línguas, sejam elas orais ou de sinais, mas, sobretudo, compreender o *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Para apresentar tais reflexões, organizamos a tese em quatro capítulos, explicados a seguir.

No Capítulo 1, intitulado *Língua de Sinais: da formação dos sinais ao seu estatuto linguístico*, discorremos sobre a contribuição dos estudos realizados no âmbito das línguas de sinais, especialmente a partir dos trabalhos desenvolvidos por Stokoe (1960), na Língua de Sinais Americana (ASL). Dentre outros tópicos, abordamos a formação dos sinais, tomando por base os parâmetros usados em sua morfologia, tal como definidos por Stokoe (1960) e por outros estudiosos. Ainda nesse capítulo, descrevemos os estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, com o foco na Libras, e em que aspectos dialogam com nossa pesquisa.

No Capítulo 2 - *O papel da iconicidade nas línguas: percepções dos aspectos linguísticos no âmbito da Libras* -, discutimos algumas definições e conceitos importantes da pesquisa. Embora nosso foco esteja na Libras, como são termos teóricos linguísticos universais, achamos por bem não limitarmos essa apresentação às línguas de sinais, tampouco à Libras, mas o fazemos tomando como ponto de partida as línguas faladas<sup>8</sup>, tendo em vista serem elas a motivação da grande maioria dos autores aqui mencionados. Os conceitos linguísticos em destaque nesse capítulo são o de iconicidade e de arbitrariedade, refletindo sobre a definição do conceito da arbitrariedade atribuído por Saussure (2012), bem como na perspectiva de outros pesquisadores. Destacamos, ainda, o conceito de iconicidade nas línguas naturais<sup>9</sup> e

---

<sup>7</sup> Docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), lotada na Faculdade de Educação a Distância (EaD/UFGD), dos cursos Letras-Libras Bacharelado e Letras-Libras Licenciatura.

<sup>8</sup> Nesta tese, entendemos por língua falada toda forma de comunicação e expressão humana, por isso, a distinção entre línguas orais, quando referirmos às línguas oralizadas, e de sinais, quando nos referirmos às línguas sinalizadas.

<sup>9</sup> Por línguas naturais, nesta tese, consideramos todas as línguas desenvolvidas de forma natural pelo ser humano.

o debate da iconicidade *versus* arbitrariedade nas línguas de sinais. Para finalizar, socializamos um panorama geral das pesquisas realizadas internacionalmente sobre a iconicidade nas línguas de sinais, enfatizando-se os trabalhos correlatos realizados por diversos pesquisadores da área, os quais fundamentam os estudos linguísticos.

No Capítulo 3, denominado *Percurso metodológico da pesquisa*, apresentamos nossa fundamentação teórico-metodológica, delineando o desenvolvimento das ações efetivadas para atingirmos os nossos objetivos. Descrevemos os rumos do desenvolvimento de nossa pesquisa, a delimitação de nosso objeto de investigação e as trilhas percorridas, esclarecendo-se, por exemplo, as dificuldades, as estratégias e as tomadas de decisões para a construção desta tese. Dessa forma a nossa pesquisa básica que teve em vista a ampliação e aquisição de novos conhecimentos foi desenvolvida com uma abordagem de cunho qualitativo e descritivo, pautada em levantamento exploratório e bibliográfico, tendo como referência inicial a obra de Gama (1875), onde consta o registro dos nossos primeiros sinais no século XIX, que mais tarde daria origem ao léxico da língua que hoje é reconhecida como Libras, e uma versão mais atualizada de Capovilla e Raphael (2001), do século XXI, que depois foi substituída pela obra mais recente de Capovilla *et al.* (2017). Registramos o percurso metodológico, com a seguinte organização: contextualizaremos, no 3.1, a metodologia utilizada na construção da tese, explicando o critério de seleção das obras analisadas na pesquisa e; no 3.2, apresentaremos, de forma sucinta, as obras selecionadas em suas características e constituição; na sequência, no 3.3, explicaremos os procedimentos de geração dos dados e a justificativa para a seleção da obra e dos itens lexicais analisados.

No Capítulo 4 - *Análise dos dados, discussões e resultados* -, explicamos os critérios utilizados com as análises dos itens lexicais, os quais nos possibilitaram avançar no desenvolvimento de nossas investigações.

Para finalizar todo o percurso investigativo, os estudos realizados e os dados coletados, nas *Considerações Conclusivas*, retomamos os objetivos e as perguntas de pesquisa para sintetizar os resultados desta tese, além de acenarmos para as perspectivas futuras destas reflexões, em continuidade e em sintonia com as pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da Libras em Interface com Língua Portuguesa Brasileira (PORLIBRAS).

## 1 LÍNGUA DE SINAIS: DA FORMAÇÃO DOS SINAIS AO SEU ESTATUTO LINGUÍSTICO

*“É fácilimo aceitarmos como natural a língua, a nossa própria língua – talvez seja preciso encontrarmos outra língua, ou, melhor dizendo, um outro modo de linguagem, para nos surpreender, nos maravilhar novamente”.*  
(Oliver Wolf Sacks).

### 1.1 AS LÍNGUAS DE SINAIS: UM BREVE HISTÓRICO

Na antiguidade, os filósofos defendiam a premissa de que as pessoas que não falavam não possuíam linguagem e, muito menos, pensamento. Dessa forma, até o século XV, o surdo foi considerado alguém incapaz (QUADROS, 2004). A partir do século XVI, essa visão foi aos poucos sendo desconstruída, inicialmente com a pesquisa realizada por Cardano<sup>10</sup> (1501-1576), com os que eram surdos de nascença, com os que adquiriram a surdez antes de aprender a falar e com os que adquiriram a surdez depois de terem desenvolvido a fala, ou mesmo, depois de aprender a falar e a escrever. Embora as investigações realizadas por Cardano tenham concluído que “[...] a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos [...]” (JANNUZZI, 2004, p. 31), suas considerações não ganharam repercussões.

Ainda no século XVI, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon foi reconhecido como sendo o primeiro professor de surdos. De acordo com Soares (1999), foi com Ponce de Leon que se iniciou o ensino da escrita para surdos, no entanto, não há nenhum registro sobre o trabalho realizado. Como relata a autora, “[...] não se tem conhecimento detalhado da sua metodologia [...]” (SOARES, 1999, p. 21), apenas sabe-se que a metodologia por ele adotada incluía o uso de um alfabeto manual, de escrita e de oralização.

Embora Ponce de Leon tenha produzido esse alfabeto manual, a sua publicação só aconteceu graças à Juan Pablo Bonet, no século XVII. Bonet (1620) publicou a obra intitulada *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, na qual constava o alfabeto manual (*finger alphabet*) - Figura 1 -, sendo considerado uma referência à época.

---

<sup>10</sup> Girolano Cardano era um médico que tinha um filho surdo.

As investigações realizadas por Sofiato (2005) indicam que, “Em 1620, o espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1633) publicou o livro *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, considerada a primeira obra publicada sobre a metodologia de ensinar uma língua aos surdos” (SOFIATO, 2005, p. 14, grifos da autora). Segundo a pesquisadora, o livro é apontado como o primeiro registro lexicográfico. Na Figura 1, notamos uma ilustração do alfabeto manual criado por Bonet (1620), o qual sugeriu formas de mãos como símbolos para substituir as letras do alfabeto tradicionalmente escrito na língua espanhola.

Figura 1 - Alfabeto Manual de Bonet (1920)

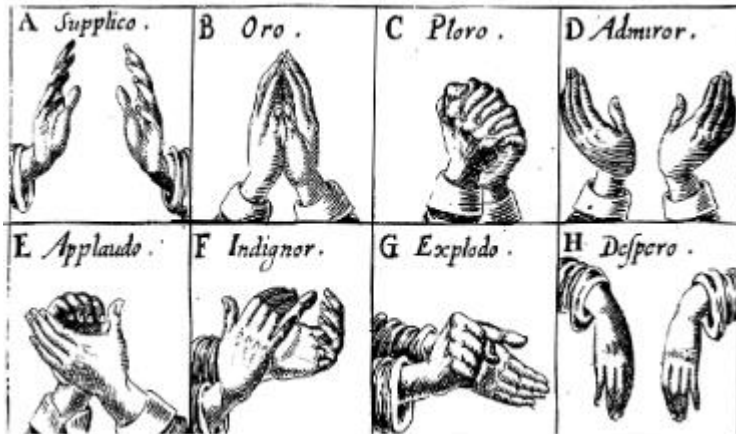


Fonte: Bonet (1620).

Ainda no mesmo século, no ano de 1644, John Bulwer defendeu o uso do alfabeto manual e da leitura labial. Para Bulwer (1964), o gesto era uma forma de comunicação natural da humanidade. Ele publicou obras importantes, dentre as quais se destacam *Chirologia e Natural Language of the Hand* (1644) e *Philocopus* (1648), nas quais afirmava a capacidade dos sinais/gestos expressarem qualquer conceito, mesmo à época ainda não sendo considerados como língua:

In all the declarative conceits of Gesture, whereby the Body, instructed by Nature, can emphatically vent, and communicate a thought, and in the propriety of its utterance expresse the silent agitations of the minde; the Hand, that buisie instrument, is most talkative, whose language is as easily perceived and understood, as if Man had another mouth or fountaine of discourse in his Hand. So proper and apt to make signes, and work great matters is the Hand of Man... (BULWER, 1644, p. 1648).<sup>11</sup>

Figura 2 - Chirologia - Sistema desenvolvido por (JOHN BULWER, 1644)



Fonte: Bulwer (1964).

Em meados do século XVIII, o Abade francês, Charles Michel de L'Épée, teve acesso ao alfabeto publicado por Bonet (1620) e, a partir dele, deu início à elaboração de um sistema de sinais, denominado de metódicos<sup>12</sup>. Esse sistema fora possível não apenas por conta do alfabeto manual, mas também devido aos trabalhos que L'Épée desenvolvia com surdos franceses. Foi então que, em 1799, L'Épée fundou o Instituto Nacional de Surdos-mudos, em Paris, considerada a primeira escola pública para surdos no mundo (DUARTE *et al.*, 2013).

Em uma perspectiva muito parecida com a de L'Épée, despontou no século XIX o instrutor de surdos francês, Roch-Ambroise Cucurron Sicard, que, em seus estudos voltados para os sinais/gestos usados na comunicação entre os surdos da época, passou a aplicar os seus conhecimentos gramaticais para desenvolver métodos de

<sup>11</sup> “Em todos os conceitos declarativos do Gesto, pelos quais o Corpo, instruído pela Natureza, pode enfaticamente exalar e comunicar um pensamento, e na propriedade de sua expressão expressar as silenciosas agitações da mente; a Mão, esse instrumento bué, é mais falante, cuja linguagem é tão facilmente percebida e compreendida, como se o Homem tivesse outra boca ou fonte de discurso em sua Mão. Tão apropriada e apta a fazer sinais e realizar grandes coisas é a Mão do Homem.” (BULWER, 1644, p. 1648, tradução nossa).

<sup>12</sup> Os sinais metódicos são uma combinação da Língua de Sinais Francesa com a gramática do Francês oral, mais o alfabeto digital. Nos sinais metódicos, utilizava-se da letra inicial da palavra em francês para criar o sinal correspondente à palavra.



ensino para surdos. Deste trabalho resultaram duas publicações importantes: *Mémoire sur l'art d'instruction les sourds-muets de naissance* (1789 – *Memórias sobre a arte de ensinar surdos-mudos desde o nascimento*) e *Théorie des signers pour l'instruction des sourds-muets* (1808–1814 – *Teoria dos Sinais para a Instrução de Surdos-Mudos*).

Nessa linha sucessória, Roche Ambroise Bébian foi o próximo, sendo o criador do alfabeto mimográfico<sup>13</sup>. De acordo com Bébian (1825), “*Chaque signe est composé d'un ou de plusieurs gestes; le geste est un mouvement partiel ou général du corps. Il su" ra donc pour écrire le signe, de pouvoir indiquer la partie gesticulant et le mouvement qu'elle exécute.*” (BÉBIAN, 1825, p. 31)<sup>14</sup>.

No século XIX, vários estudiosos se debruçaram sobre as línguas de sinais, na medida em que consideravam que elas eram o verdadeiro meio de comunicação e de expressão dos surdos. Dentre eles, o próprio Bébian (1825)<sup>15</sup> foi um defensor contumaz da ideia de que os sinais poderiam realmente ser a língua natural dos surdos, e, assim como com as línguas faladas, elas também estariam sujeitas a regras gramaticais. Detalhes desse seu trabalho são encontrados na obra *Mimographie ou Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets*. No entanto, a notoriedade do reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais é conquistada com as pesquisas de Stokoe (1960).

Apesar dos avanços obtidos com todos os trabalhos desenvolvidos até o início do século XX, foi com William Stokoe, nos anos 1960, que as primeiras análises, feitas à luz de pressupostos linguísticos teóricos, começam a ser desenvolvidas. Foi ele, por exemplo, que, pela primeira vez, analisou e descreveu a morfologia dos sinais da Língua Americana de Sinais, conhecida mundialmente pela sigla ASL, língua que ele estudou. Stokoe demonstrou, por exemplo, que na ASL, os sinais<sup>16</sup> resultavam de

<sup>13</sup> De acordo com Lage e Kelman (2019), a mimografia se equivale ao conceito de que “as letras pintam as palavras”.

<sup>14</sup> “Cada sinal é composto por um ou mais gestos; o gesto é um movimento parcial ou geral do corpo. Portanto, para escrever o sinal, é necessário indicar a parte gesticulante e o movimento que ela executa.” (BÉBIAN, 1825, p. 31, tradução nossa).

<sup>15</sup> Para um maior aprofundamento, consultar: BÉBIAN, R-A. A. **Mimographie, ou Essai d'écriture mimique, propre a régulariser le langue des sourds-muets**. Paris: Chez Louis Colas Libraire, 1825. Disponível em:

<https://archive.org/details/BebianMimographieLangageSourdsMuets1825/page/n45>. Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>16</sup> Sinais é a forma como são identificadas as palavras, isto é, os itens lexicais das línguas de sinais. Conforme explicam Felipe e Monteiro (2008), “[...] o que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais.” (FELIPE; MONTEIRO, 2008, p. 21).

combinações articuladas de unidades fonéticas complexas, cada qual desempenhando papéis muito bem determinados e suficientes para compor a estrutura morfofonêmica<sup>17</sup> de cada um deles (os sinais). Dadas as características assumidas por essas unidades, o pesquisador as chamou de aspectos, mas, posteriormente, atualizou a terminologia, chamando-as de parâmetros. Nesse seu estudo, dedicou-se à descrição de três parâmetros: a Configuração de Mão (CM), que corresponde à forma que a mão assume quando o sinal é realizado; o Ponto de Articulação (PA) e/ou Locação (L), que se refere à locação, isto é, ao local onde o sinal é realizado, podendo se dar no corpo do sinalizante ou no espaço fora de seu corpo; e o Movimento da Mão (M), que diz respeito ao deslocamento executado na realização do sinal, o que pode envolver diferentes direções e trajetórias das mãos (vertical, horizontal, helicoidal e outros). Tais parâmetros servem, até os dias de hoje, como base para os estudos linguísticos de inúmeras línguas de sinais espalhadas mundo afora, principalmente quando se trata da formação dos sinais a partir de suas unidades mínimas internas.

Mais tarde, outros dois parâmetros foram identificados e desenvolvidos: Battison (1974) reconheceu o parâmetro de Orientação da Palma da Mão<sup>18</sup> (OR) e Baker & Padden (1978) acrescentaram o quinto parâmetro, Traços não manuais, atualmente denominado como Expressão não manual (ENM)<sup>19</sup>.

Discutir acerca dos parâmetros que constituem um item lexical na Libras é de suma importância para esta tese, em vista de ser o comportamento desses parâmetros presentes nos itens lexicais analisados que tendem a nos mostrar o *continuum existente* entre os sinais icônicos e arbitrários.

Após esse breve percurso histórico das línguas de sinais, a próxima seção concentrou-se nas pesquisas desenvolvidas em torno das línguas de sinais.

---

<sup>17</sup> Buscando compreender e explicar, Hockett (1942) defende um nível intermediário entre a morfologia e a fonologia, denominando-o de morfofonêmica, um “[...] ramo da gramática que lida com a forma fonêmica dos morfemas, palavras e construções, sem atenção ao significado.” (HOCKETT, 1942, p. 107 *apud* ROSA, 2000, p. 62).

<sup>18</sup> O parâmetro de OR corresponde à direção para a qual a palma da mão se apresenta ao se produzir um sinal. A mão pode estar voltada para cima ou para baixo, para dentro ou para baixo, em direção ao corpo ou em direção ao espaço de sinalização.

<sup>19</sup> Segundo Quadros e Karnopp (2004), “[...] as ENM (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintática e diferenciação de itens lexicais.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60).

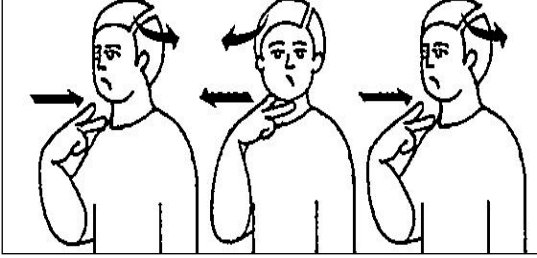
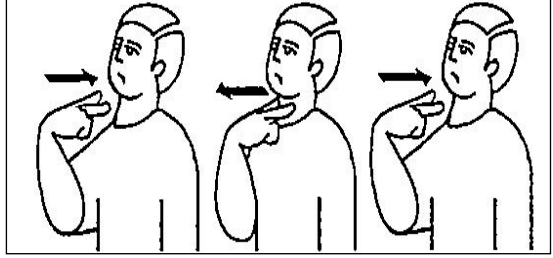
## 1.2 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS


Dentre as várias pesquisas realizadas por Stokoe (1960), uma delas investigou a formação dos sinais de um ponto de vista linguístico. De acordo com o autor, guardadas as devidas diferenças, os queremas seriam unidades morfológicas bastante semelhantes, pelo menos em termos funcionais, às das letras do “alfabeto”, que, quando combinadas, formam fonemas, que, por sua vez, combinados, formam as palavras, as quais, no caso das línguas sinalizadas, são justamente os sinais.

Para Martins (2020), os queremas foram identificados pelo linguista Willian Stokoe (1960) e são “[...] elementos menores e básicos que são inerentes à modalidade visual, gestual e espacial das línguas de sinais, eles compõem os itens lexicais dessas línguas.” (MARTINS, 2020, p. 29). Em outras palavras, para Stokoe, o querema corresponde ao fonema.

Em suas investigações, o pesquisador americano inseriu no debate um aspecto interessante relacionado aos parâmetros, por ele denominado “valor distintivo”. De acordo com Xavier e Barbosa (2014), a premissa de Stokoe (1960), de que a ASL seria de fato uma língua natural, assim como o inglês, não se fundamentou apenas na constatação da formação dos itens lexicais com as unidades sublexicais, mas também no valor distintivo demonstrado com os “[...] *pares mínimos*, ou seja, pares de sinais da ASL que se opõem lexicalmente com base em uma única diferença em suas formas.” (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 374, grifo dos autores).

Assim, nas línguas de sinais, quando há uma variação em uma única diferença dos parâmetros constituintes do sinal, isto é, quando se diferenciam em apenas um elemento fonológico que pode modificar o seu sentido, acarretando a formação de outro sinal, observa-se a ocorrência de um par mínimo, como nos sinais correspondentes as Figura 3 e 4.

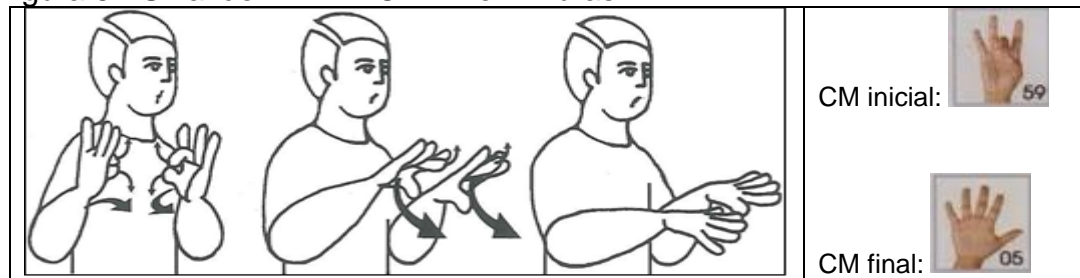
Figura 3 - Sinal de NÃO-PODE	Figura 4 - Sinal de OCUPADO
	
Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1929).	Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 2720).

Os sinais NÃO-PODE e OCUPADO apresentam as mesmas CM , os mesmos PAs/L (no pescoço), os mesmos Ms, opondo-se apenas na ENM. Em NÃO PODE, realiza-se um movimento com a cabeça para os lados; em OCUPADO, por sua vez, não há o movimento.

Stokoe (1965) e seus colaboradores, Dorothy C. Casterline e Carl G. Croneberg, na obra *A dictionary of American Sign Language on linguistic principles*, identificaram 19 CMs em ASL, sendo representadas por 16 letras do alfabeto (A; B; C; E; F; G; H; I; K; L; O; R; V; W; X; Y) e três números (5; 3 e 8) (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965). Desde então, os estudos realizados em ASL foram identificando novas configurações.

Vale ressaltar que as CMs podem representar algumas letras e alguns números, mas, em sua maioria, representam as formas que a(s) mão(s) assume(m) na constituição dos sinais. Entretanto, não há um consenso quanto ao número exato das CMs em uma língua de sinais, talvez porque as línguas de sinais também estão em movimento, o que significa que novos sinais podem surgir, assim como novas entidades no mundo. O sinal pode iniciar com uma determinada CM e, no decorrer de sua realização, apresentar outra CM. O item lexical a seguir, na Figura 5, apresenta dois tipos de CM.

Figura 5 - Sinal de ABANDONAR em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 53).

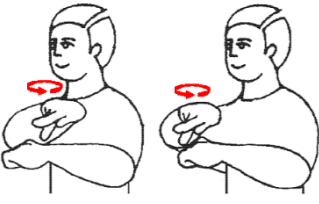
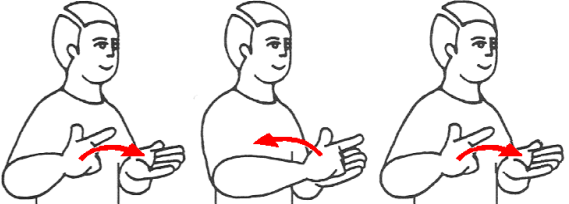
Quanto ao PA ou à L (um dos parâmetros que identifica o lugar no corpo ou o local no espaço onde o sinal é articulado), inicialmente, Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), a partir da ASL, registraram um sistema de notação com 12 PAs possíveis e 24 tipos de Ms.

Sobre o parâmetro OR, embora muitos sinais demandem apenas o uso de uma das mãos (para o destro, em geral, a mão direita e, para o canhoto, a mão esquerda) ou as duas, há sinais que somente fazem sentido se executados com as duas mãos. Nesse último caso, o uso das mãos poderá se manifestar de dois modos, de acordo com as restrições fonológicas de condição de simetria e de condição de dominância, identificadas nas pesquisas realizadas por Battison (1978). Um deles realizado com as duas mãos, assumindo a mesma CM, executando o mesmo tipo de M, que poderá se dar de forma alternada ou simultânea, no mesmo PA, denominado condição de simetria.

Nos exemplos a seguir, ilustramos as restrições fonológicas de condição de simetria que são representados pelos sinais de ENSINAR (Figura 6) e AVENIDA (Figura 7). Nos dois exemplos, os sinais se realizam com as duas mãos (bimanuais) com a mesma CM, sendo um realizado de forma simultânea e outro de forma alternada.

Figura 6 - Sinal de ENSINAR	Figura 7 - Sinal de AVENIDA
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1096).</p>	<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 331).</p>


Com relação aos sinais cuja regra de restrições em sua formação se dá pela condição de dominância, ilustramos com os sinais de PAÍS e PAPEL em Libras (Figuras 8 e 9), denominados de condição de dominância, pois são casos em que ocorre a dominância de uma mão sobre a outra: apenas uma delas realiza o movimento (“mão dominante”) e a outra (“mão passiva”) permanece parada, com as mãos assumindo configurações diferentes uma da outra. Nesse caso, o uso das mãos poderá se manifestar de dois modos, de acordo com as restrições fonológicas de condição de simetria e de condição de dominância (BATTISON, 1978).


Figura 8 - Sinal de PAÍS	Figura 9 - Sinal de PAPEL
	
Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 2070).	Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 2088).

Na ASL, Battison (2000) identificou que, no caso dos sinais em que há a ocorrência de uma mão passiva e outra ativa, a mão passiva, predominantemente,

assume uma das sete configurações, representadas no esquema da Figura 9:



(A) – mão fechada com polegar tocando o indicador;  (S) – mão fechada com

polegar tocando os demais dedos;  (O) – ponta dos dedos com o polegar

formando o círculo;  (C) – mão em semicírculo;  (G) – polegar e indicador



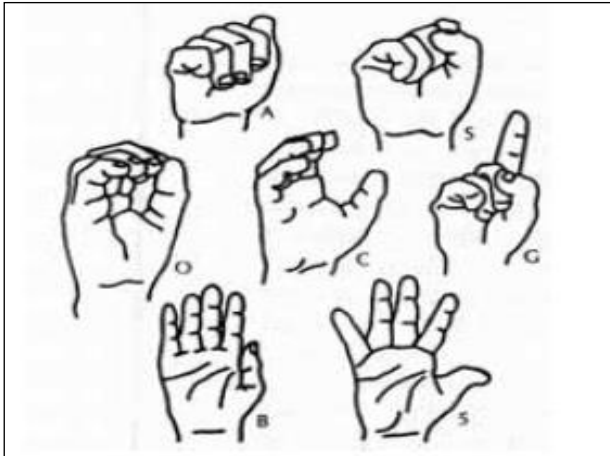
estendido;  (B) – palma plana; e  (5) – palma com os dedos distendidos.

Figura 10 - Conjunto composto por sete possíveis CMs passiva em ASL conforme Battison (2000)

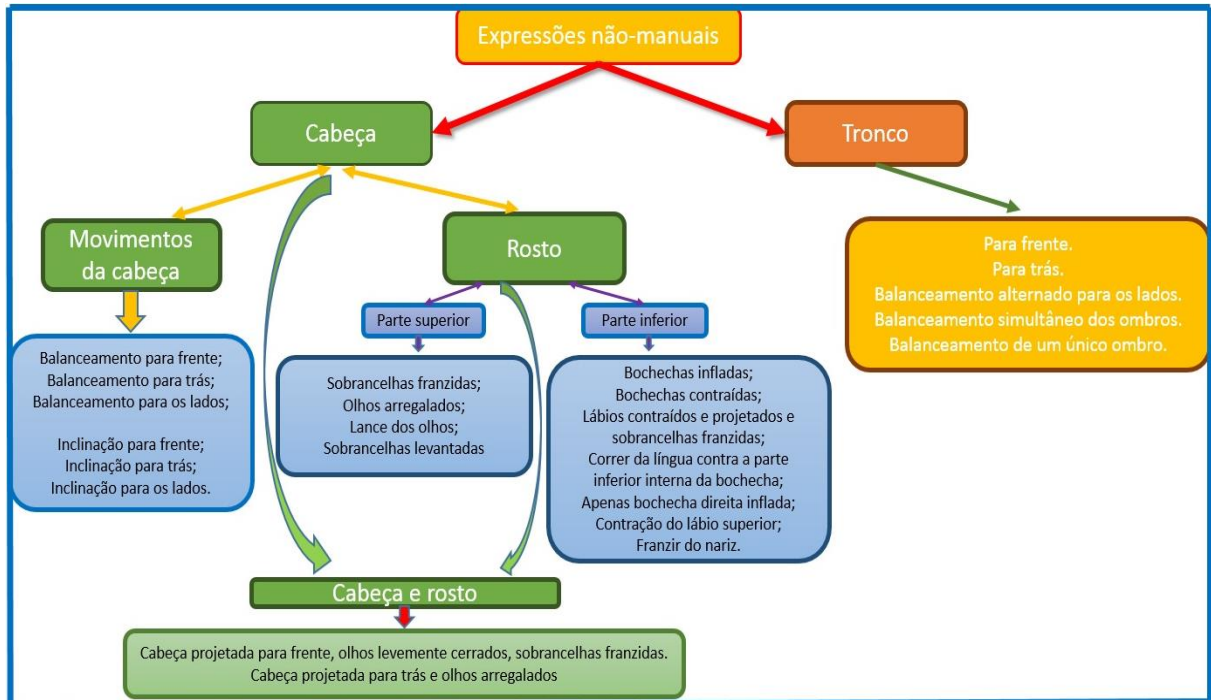


Fonte: Battison (2000, p. 2017).

Embora, como mencionado anteriormente, Stokoe Casterline e Croneberg (1965) tivessem reconhecido que algumas expressões faciais e determinadas posições de cabeça eram necessárias em algumas sentenças, não houve um aprofundamento para detalhar sobre as ENMs. No entanto, com os estudos envolvendo a sintaxe da ASL, a partir da década de 1970, as investigações revelaram a importância das ENMs que envolvem a cabeça e o rosto, visto que são elas que marcam as estruturas gramaticais nas sentenças. Nesse sentido, nas línguas de sinais, as ENMs exercem dois importantes papéis: 1) a marcação de construções sintáticas, por exemplo, se é interrogativa, exclamativa, afirmativa etc.; e (2) a marcação de sinais específicos como o grau aumentativo e diminutivo, o aspecto, entre outros.

Baseadas nos estudos de Baker e Padden (1978), as pesquisas de Brito e Langevin (1995) identificaram as ENMs na Libras, considerando que podem se manifestar: (i) no rosto; (ii) na cabeça; (iii) no rosto e cabeça; e (iv) no tronco. O esquema a seguir (Figura 11) representa as pesquisas desenvolvidas por Ferreira-Brito & Langevin (1995) acerca das ENMs da Libras.

Figura 11 - Expressões não manuais da Libras (FERREIRA-BRITO; LANGEVIN, 1995)


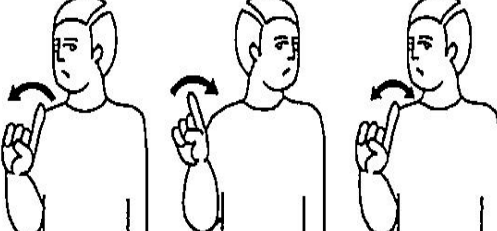

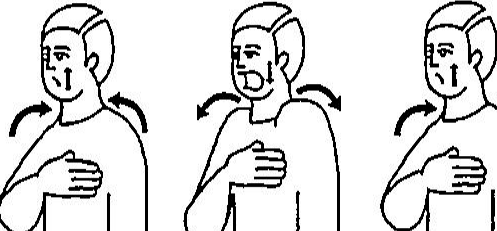


Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Destacamos, a seguir, nas Figuras 12 a 17, alguns exemplos de sinais na Libras que podem identificar e representar algumas ENMs com foco nas sobrancelhas, olhos, bochechas, boca, testa, movimentos com a cabeça e tronco.

Figura 12 - Sinal de POR QUÊ?	Figura 13 - Sinal de NÃO SABE NADA
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 2230).</p>	<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1926).</p>



<p>Figura 14 - Sinal de ÉBRIO</p>	<p>Figura 15 - Sinal de NÃO</p>
	
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1040).</p>	<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1923).</p>
<p>Figura 16 - Sinal de TERÇO</p>	<p>Figura 17 - Sinal de SOLUÇO</p>
	
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 2692).</p>	<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 1923).</p>

Como é possível notar na Figura 12, para a realização do sinal de POR QUE na sua forma interrogativa (o que diferencia as formas afirmativa e interrogativa em Libras é a ENM), é adjungida uma expressão facial em que as sobrancelhas e a boca correspondem à marcação de uma pergunta.

Os estudos na ASL sobre as marcações não manuais revelaram a distinção de seu uso para demonstrar expressões afetiva ou gramaticais (REILLY; MCLNTIRE; SEAGO, 1992; REILLY; WILBUR, 2000, 2006; ELFENBEIN, 2013). Vale ressaltar que as pesquisas inicialmente desenvolvidas na ASL têm também aplicação a outras línguas de sinais como as da Europa, das Américas do Norte, Central e do Sul, dentre outros continentes.

Na sequência, adentramos em alguns conceitos específicos desta tese, como as noções de iconicidade e de arbitrariedade.

### 1.3 O DEBATE DOS FENÔMENOS DA ICONICIDADE E DA ARBITRARIEDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS

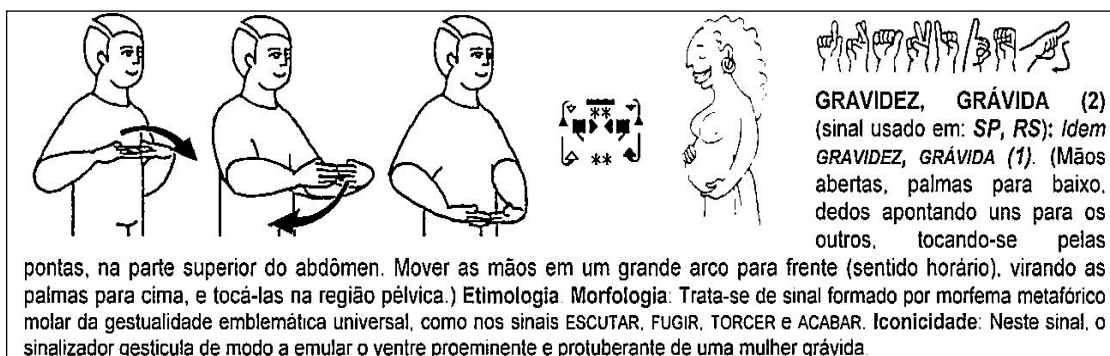
A concepção de que as línguas de sinais eram somente mímicas, pantomimas e icônicas foi predominante até o seu reconhecimento como língua natural, a partir das pesquisas de Stokoe (1960).

Na visão de Stokoe, Casterline e Croneberg (1965), os sinais, assim como as palavras da língua oral, estabelecem-se a partir de uma convenção. Diferentemente das línguas orais, os sinais, contudo, se constituem a partir de uma modalidade gestual-visual, que está relacionada às formas de produção e de recepção das línguas de sinais, ou seja, a língua é produzida gestualmente (mãos, corpo, espaço) e as informações recebidas pelos olhos. Devido a isso, ocasionalmente, pode ocorrer uma relação entre o sinal e o seu referente, de seis formas distintas: (i) pantomímica; (ii) imitativa; (iii) metonímica; (iv) indicativa; (v) sinais de nome; e (vi) forma inicial da mão (STOKOE; CASTERLINE; CRONEBERG, 1965).

Embora os estudos desses pesquisadores não apresentem exemplos figurativos para representar as diferentes formas, para uma maior compreensão, as exemplificamos com base em itens lexicais na Libras também com base em Martins (2020, p. 160, 169).

Os sinais (i) **pantomímicos** seriam aqueles que, ao serem realizados como uma reencenação, assumem de forma realista o que está sendo representado. Por exemplo, na Libras, o sinal de GRAVIDEZ está indexado no Dicionário de Capovilla *et al.* (2017) de três formas, sendo uma correspondente à pantomima (Figura 18) e uma outra entrada sem a representação de pantomima (Figura 19).

Figura 18 - Sinal de GRAVIDEZ com representação pantomímica



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1423).

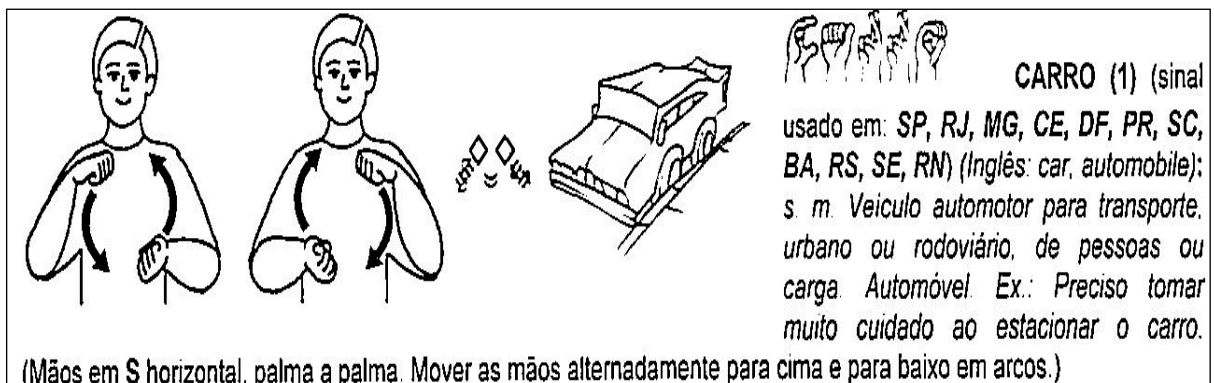
Figura 19 - Sinal de GRAVIDEZ sem representação pantomímica



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1422).

Quanto aos sinais (ii) **imitativos**, compreende-se que são semelhantes à pantomímica, mas se diferem por escolher uma característica que represente uma ação possível de identificar o seu significado, por exemplo, CARRO e DIRIGIR, os dois sinais<sup>20</sup> juntos indicam o que representam.

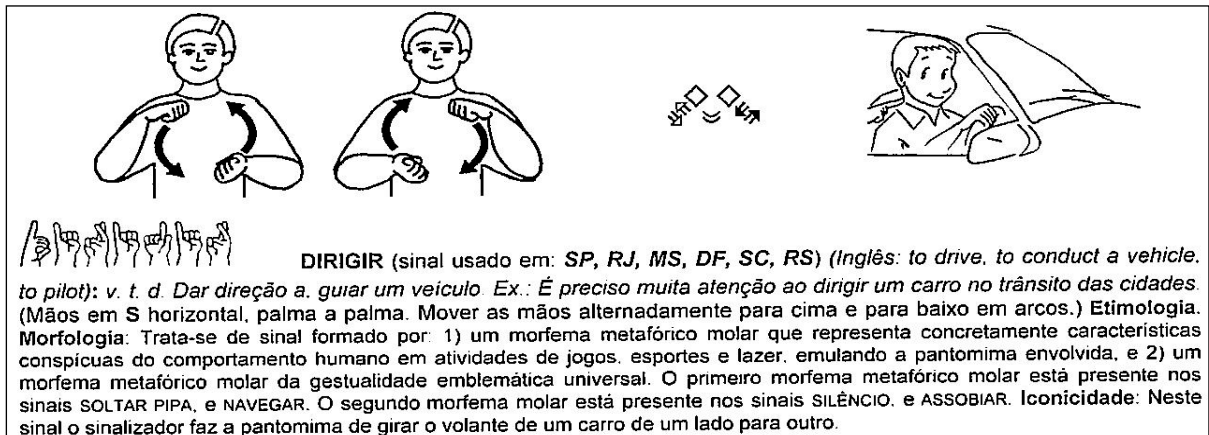
Figura 20 - Sinal de CARRO



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 577).

<sup>20</sup> Embora, de acordo com os estudos realizados por Quadros e Karnopp (2004), exista na Libras “[...] um padrão regular para a distinção entre nomes e verbos [...]” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 99) as Figuras 21 e 22 contemplam exemplos de imitativos porque não há nenhum parâmetro distinto na realização do sinal tanto para CARRO como para DIRIGIR.

Figura 21 - Sinal de DIRIGIR



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 972).

Os sinais considerados (iii) **metonímicos** partem do todo para representar o significado e podem ocasionalmente marcar uma característica de um aspecto do significado. Em Libras, por exemplo, temos alguns sinais metonímicos que se referem às marcas de agências bancárias, de lojas, de emissoras de TV, de bebidas e de veículo.

Figura 22 - Sinal de GLOBO - TV



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 562).

Os sinais (iv) **indicativos** estão associados a gestos para ação de assinalar os referentes, e são considerados uma classe especial por se relacionarem às várias categorias dos pronomes.

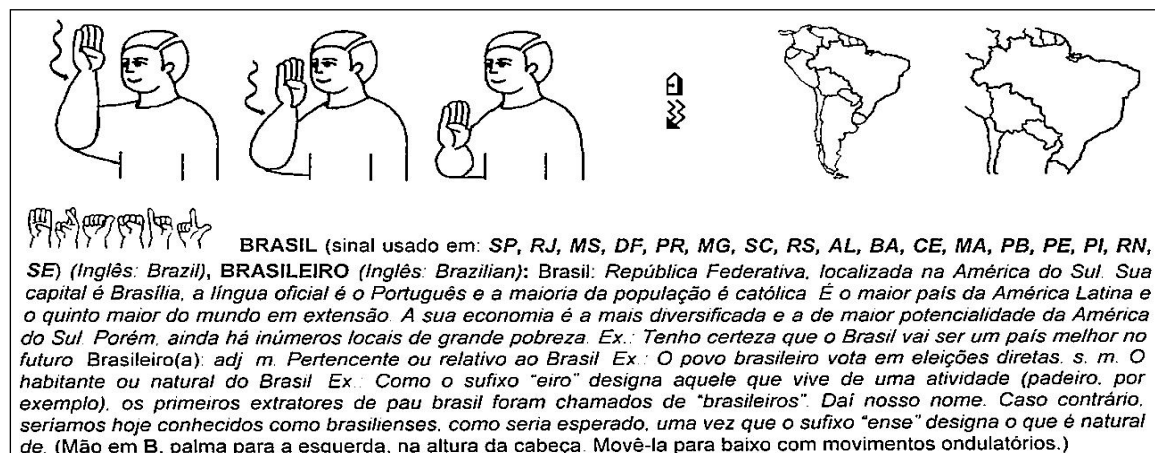
Figura 23 - Sinal de VOCÊ



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2886).

Os sinais de (v) **nomes** são considerados como uma classe especial, pois podem denominar pessoas e lugares, como o sinal do nosso país, BRASIL.

Figura 24 - Sinal de BRASIL



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 460).

Para finalizar, (vi) a forma inicial da mão está geralmente relacionada a soletrar ou identificar uma palavra. No caso da cor LILÁS, o sinal se inicia com a letra L, e PROFESSOR com a letra do item lexical.

Figura 25 - Sinal de LILÁS



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 1677).

Figura 26 - Sinal de PROFESSOR



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2310).

As investigações posteriores, com o intuito de compreender a relação de arbitrariedade e iconicidade, ganharam visibilidade a partir de outras pesquisas, dentre as quais destacamos a de Klima e Bellugi (1979). Os autores buscavam entender a natureza da ASL, pois constataram que as pesquisas realizadas até então eram escassas e concebiam os sinais da ASL como uma linguagem pantomima, icônica, de gestos pictóricos, metonímicos, indicativos, de nomes.

Para uma melhor compreensão da diferença entre (i) pantomima e o sinal da ASL, esses pesquisadores realizaram uma experiência com pessoas não sinalizantes e apresentaram, por exemplo, o item lexical OVO. Essa escolha levou em conta que são muito distintos em sua realização, pois, na sequência pantomima, há uma representação do ovo e o elemento da mímica, que se distingue na realização do sinal, conforme a Figura 27, com duas performances diferentes.

Figura 27 - Diferença entre pantomima e sinal da ASL



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 519).

Na comparação entre pantomima e sinais icônicos, Klima e Bellugi (1979) consideram que se assemelham quanto ao alto grau de iconicidade que os sinais identificados na ASL representam, como é o caso de ZIPPER, CAMA, ROUBAR. No entanto, diferem-se por serem as pantomimas realizadas com duração mais longas, variando entre 3 e 12 segundos; já os sinais da ASL são mais curtos e uniformes, durando aproximadamente 1 segundo.

O resultado dessa pesquisa revelou que os sinais na ASL apresentam CM, L e M restritos e bem especificados, com duração mais curta em sua execução e são convencionalizados. Já os pantomímicos são mais realistas quanto ao tempo e à direção do M. Pereira (1989), ao retomar os estudos de Klima e Bellugi (1979)<sup>21</sup> sobre pantomima, define claramente esses conceitos:

Para eles, na pantomima as mãos podem se mover diretamente de uma posição de repouso para outros movimentos. Como para Kendon, também para Bellugi & Klima, um sinal, por contraste, se caracteriza por uma breve suspensão temporal (“holding”) da configuração das mãos na sua posição inicial (e frequentemente na final). Estas suspensões breves antes de executar um movimento são inerentes ao sinal. A pantomima inclui movimento de cabeça e de corpo; no sinal só a mão se move. Os sinais são condensados, restritos às mãos e às configurações, localizações e movimentos dentro de um espaço limitado. (PEREIRA, 1989, p. 43-44).

Dando sequência às pesquisas realizadas, Klima e Bellugi (1979) desenvolveram estudos para compreender os possíveis graus da iconicidade dos

<sup>21</sup> Para um aprofundamento, sugerimos a seguinte leitura: BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. Due aspetti del segno: icônico e astratto. In: MANFREDI, M. M.; FRUGERRI, L.; FACCHINI, M. (eds.). **Das gesto ao gesto: il bambino surdo tra gesto e parola**. Bologna: Cappelli Editore, 1979, p. 133-165.

sinais. As suas hipóteses iniciais objetivaram: responder até que ponto pessoas não sinalizantes entendem a relação de um signo e o seu significado; identificar como os não sinalizantes, sem nenhum conhecimento prévio, conseguem perceber o seu significado e; quais seriam as conexões possíveis entre o sinal e o que ele denota. No segundo capítulo desta tese, retomamos esse estudo em específico, ao considerarmos os aspectos da iconicidade.

Finalizado esse breve registro histórico dos estudos realizados nas línguas de sinais, próxima seção indicamos sumariamente as pesquisas realizadas na Libras.

#### 1.4 A LIBRAS EM FOCO

No que diz respeito à Libras, não se tem muita certeza do ano em que surgiu no Brasil, mas é conhecida e usada há bastante tempo pelas comunidades surdas brasileiras. O seu reconhecimento como meio legal de “[...] comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura própria [...]” (BRASIL, 2002), ocorreu, contudo, apenas no século XXI.

Ao considerar que os idiomas em sinais têm conexões históricas com outras línguas de sinais, é possível registrar a vinda do professor surdo Ernest Huet, cidadão francês e usuário da LSF, para inaugurar o primeiro Instituto de Educação de Surdos no Brasil, denominado inicialmente de *Imperial Instituto dos Surdos-Mudos* (IISM). Esse Instituto<sup>22</sup> foi fundado no dia 26 de setembro de 1857, por Dom Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro. Assim, a nossa língua de sinais tem origem na LSF, conforme as investigações realizadas por Campello (2011):

Nessa análise documental, que incluiu a Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira, registro aqui “a viagem” da LSF até o Brasil. Essa viagem tem a sua cronologia histórica iniciada, quando, em 1855, o Ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys, e o embaixador da França, Monsieur Saint George, junto com a corte do Rio de Janeiro, apresentou o Conde e Professor surdo, D. E. Huet, ex-diretor do Instituto de Bourges, ao ex-Imperador Dom Pedro II. O mesmo concedeu-lhe todas as honrarias, inclusive com o salário e hospedagem, e incentivou a criação de um educandário destinado ao ensino de surdos mudos, que seria mais uma política pública com uma tendência mundial à criação de escolas de ensino e também de

---

<sup>22</sup> Naquela época eram comuns os Institutos, isso porque os alunos, além de aprenderem a ler, a escrever e a “contar” (habilidades matemáticas), também moravam e desenvolviam habilidades com trabalhos manuais. Desse modo, as escolas funcionavam dentro dos Institutos inicialmente destinados apenas aos meninos.



residenciais para abrigar “deficientes”. Há a hipótese de que a princesa Isabel, filha do D. Pedro II, teria um filho surdo e também que o marido dela, o Conde d’Eu, era “portador de deficiência auditiva”. Mesmo com ou sem comprovação histórica, é difícil transpor a história da criação e do interesse de Dom Pedro II em abrir a escola de surdos. (CAMPELLO, 2011, p. 10).

Podemos considerar que um dos primeiros registros de nossa língua de sinais é o dicionário *Iconographia dos signaes dos surdos mudos* (1875), uma obra elaborada ou recriada por Flausino José da Gama, um estudante surdo, que tinha a função de repetidor. Ele teve o interesse de registrar os sinais usados no IISM, atualmente reconhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na cidade do Rio de Janeiro.

A obra elaborada por Gama (1875) é um dicionário iconográfico dos sinais utilizados pelos surdos no Instituto. Há registros de que se baseou em uma fonte disponível na biblioteca, muito semelhante, e que havia sido registrada pelo professor surdo Pelissier, que atuava no Instituto dos Surdos de Paris. No entanto, há dois importantes aspectos a serem valorizados no dicionário de Gama: “[...] o seu pioneirismo, por ter sido desenhado em 1875 no Rio de Janeiro; e o fato de Flausino ter sido, ele próprio, surdo [...]” (SOFIATO; REILY, 2012, p. 570). Essa obra, portanto, está articulada à história da educação de surdos no período do Império.

No século XIX, contudo, verificamos uma lacuna, pois não há registro de outras produções ou mesmo de valorização da Libras, o que foi motivado, grandemente, pela negação da língua de sinais e pelo incentivo à oralidade, não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo. No século XX, a primeira preocupação em discutir a Libras como língua é localizada nos trabalhos de Ferreira-Brito (1984). Isso não significa dizer que antes disso nada teria sido feito, muito pelo contrário, é importante destacar e valorizar o primeiro dicionário da Libras, que foi publicado por Gama, em 1875.

Nas subseções seguintes, destacamos os estudos de Ferreira-Brito e de outros pesquisadores no cenário brasileiro.

#### 1.4.1 As investigações iniciais

No Brasil, as pesquisas realizadas na Libras têm início em meados da década de 1980, sobretudo, as conduzidas por Ferreira-Brito (1984) quanto à descrição e à

análise dos aspectos estruturais da Libras, a partir dos estudos realizados na ASL (STOKOE, 1960) a respeito dos parâmetros fonológicos da língua de sinais.

De acordo com Ferreira-Brito (1984), na Libras, os parâmetros se estruturam em dois planos: os parâmetros primários<sup>23</sup>, constituídos por CM, PA e M; e os parâmetros secundários, incluindo a região de contato, a OM e a sua posição.

Em seus estudos, Ferreira-Brito (1995) inventariou 46 tipos de CM, subdividindo em 19 grupos de similaridade, que foram organizados tendo como influência os 19 agrupamentos das CMs da ASL (KLIMA; BELLUGI, 1979). A pesquisadora propôs, ainda, a existência de 12 traços distintivos para análise das CMs: compacta, aberta, ulnar, cheia, côncava, dual, indicadora, radial toque, separada, cruzada e dobrada (FERREIRA-BRITO, 1995).

Na década de 1990, houve um grande avanço quanto à descrição básica da estrutura fonológica da Libras, o que se intensificou com as pesquisas de Karnopp (1994, 1999) e de Felipe (1998) sobre os verbos da Libras, pontuando-se os que apresentam flexão, os que não apresentam flexão e os instrumentais. Ainda na mesma década, encontramos as pesquisas de Quadros (1997, 1999) sobre aquisição de Libras por crianças surdas e, posteriormente, seus estudos sobre a estrutura da frase, incluindo a análise dos verbos simples e de concordância. Outras pesquisas também se debruçaram em compreender e analisar os fenômenos linguísticos da Libras. No entanto, é a partir do reconhecimento legal da Libras (Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005) que as investigações se intensificaram.

Adentrando ao século XXI, os estudos realizados por Xavier (2006), em sua pesquisa de mestrado, sobre as propriedades fonético-fonológicas da Libras oportunizaram um aprofundamento acerca da estrutura interna dos sinais, considerando os seus aspectos articulatórios e distintivos. Assim, na Libras, os primeiros estudos estavam voltados para a estrutura da língua, analisando a sua formação de forma descritiva e estabelecendo uma comparação da língua de sinais com a língua oral, a fim de garantir o seu *status* como língua.

No que se refere aos estudos sobre a iconicidade e a arbitrariedade, ressaltamos as pesquisas de Ferreira-Brito (1995) e de Felipe (1998), que descrevem

---

<sup>23</sup> A partir dos estudos realizados por Stokoe (1960) identificando os três parâmetros presentes na ASL: CM, L e M, estes foram considerados como parâmetros primários. Posteriormente, as outras investigações realizadas identificaram os parâmetros de OR de mão (Battison, 1974) e ENM (Baker e Padden, 1978) sendo considerados como parâmetros secundários.

e lançam luz às propriedades fundamentais da estrutura da Libras e seus fenômenos para a consolidação linguístico-descritiva.

De modo mais específico, na próxima subseção, apresentamos o nosso objeto de investigação e as contribuições sobre os fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade na Libras, considerando as pesquisas realizadas no meio acadêmico brasileiro, tanto de mestrado como de doutorado.

#### 1.4.2 Contribuições do nosso objeto de estudo

Na atualidade, é possível encontrar muitas produções acadêmico-científicas com enfoque na Libras, mas, em sua maioria, estão voltadas para assuntos educacionais, com viés morfológico e, também, relacionadas à interpretação da Libras. Pouco se discute ainda acerca da formação dos itens lexicais, tais como os fenômenos linguísticos de arbitrariedade e de iconicidade. Partindo dessa constatação, de que não há número expressivo de produções acadêmicas que investiguem o nosso objeto de estudo, assumimos o compromisso de pesquisar mais, a fim de contribuir tanto com a coleta quanto com a análise de dados que nos permitam aprofundar os conhecimentos específicos dos estudos linguísticos da Libras

Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação brasileira. Recorremos, desse modo, ao Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>24</sup>, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – (BDTD)<sup>25</sup>, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)<sup>26</sup> e do banco de Teses e Dissertações de outros Programas de pós-graduação da área<sup>27</sup>, selecionamos estudos que perpassavam nosso objeto de investigação e discussão.

Embora as pesquisas localizadas investiguem os fenômenos da arbitrariedade e da iconicidade, apresentam um enfoque distinto desta tese, pois nosso escopo é analisar a formação dos sinais e verificar se outras graduações podem se enquadrar no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://bdtb.ibict.br>.

<sup>26</sup> Disponível em: [http://tede.unioeste.br/tede/tde\\_busca/tedes-programas.php](http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/tedes-programas.php).

<sup>27</sup> Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses#!/>.

No Quadro 1, apresentamos o resultado de nossa busca, contextualizando um panorama das pesquisas. Para localizá-las, utilizamo-nos das palavras-chave relacionadas à nossa área de investigação, selecionado as áreas afins, os Programas, as Instituições e o nível.

Quadro 1 - Teses e Dissertações na área do percurso investigativo – 2006-2017

NÍVEL NACIONAL			PALAVRAS-CHAVE PARA BUSCA	
MESTRADO – 5 dissertações			Libras; Iconicidade; Arbitrariedade	
DOUTORADO – 4 Teses				
TOTAL: 9				
NÍVEL INTERNACIONAL <sup>28</sup>			Sign language; Iconicity; Arbitrariness	
MESTRADO: --				
DOUTORADO: 10				
TOTAL: 10				
ÁREAS AFINS ABORDADAS			PROGRAMAS X NÍVEL	
	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado
<b>Linguística</b>	4	2	UFSC – PPGL 3	USP – PPG Semiótica em Linguística Geral 1 USP – PPG Estudos Linguísticos e Literários em inglês 1
<b>Letras</b>	1	-	PUCRS – PPGL 1 UFAM – PPGL 1	
<b>Ciências Exatas</b>	-	1		UFPR – PPG Informática 1
<b>Psicologia Experimental</b>	-	1	-	USP – PPG Psicologia 1

Fonte: Elaborado por esta pesquisadora (2018).

Com base na busca realizada por dissertações e teses, no que diz respeito aos fenômenos linguísticos de arbitrariedade e de iconicidade da Libras, verificamos que a nossa pesquisa é inovadora e inédita, pois não localizamos nenhuma outra com o mesmo objeto de estudo. Além de uma análise descritiva na formação dos sinais, também propomos compreender o *continuum* da iconicidade à arbitrariedade, considerando, nessa linha tênue, outras possibilidades como o translúcido e o obscuro.

Embora cada pesquisador tenha apresentado suas contribuições a partir de seus estudos, de acordo com Ramos (2017), o debate que se estabelece “[...] a despeito do papel da iconicidade no desempenho linguístico em determinadas tarefas [...]” (RAMOS, 2017, p. 30) ainda é inconclusivo, pois a autora assevera que, na Libras,

<sup>28</sup> As contribuições na área, em nível internacional, constam no Capítulo 2, na seção 2.2.

podemos fazer uma comparação, considerando que o significado é a representação mental que temos do item lexical e o significante é a representação mental da imagem do sinal. Logo, as partes constituintes do item lexical são abstratas porque se constituem na representação mental. Assim, essa pesquisadora buscou compreender de que forma ocorre a associação semântica dos sinais na Libras, entendendo que a iconicidade pode expressar “[...] uma característica em comum com o objeto representando [...]” (RAMOS, 2017, p. 28), no entanto, cada língua de sinais tem uma motivação própria para representar o seu signo linguístico.

Ela explica que “[...] a formação do léxico da Libras acontece também pela iconicidade e arbitrariedade [...]” (RAMOS, 2017, p. 28), afirmando que a iconicidade não é uma regra específica da formação dos sinais, pois a maioria é arbitrária e muitos dos sinais icônicos podem estar relacionados a uma época. Os estudos de Ramos (2017) sugerem, desse modo, que a Libras tem uma organização própria, ressaltando “[...] que os fatores visuais e culturais envolvidos no léxico mental dos indivíduos surdos podem ter papel importante em suas escolhas lexicais.” (RAMOS, 2017, p. 5).

Em suas discussões, a autora realizou entrevistas com surdos usuários da Libras a fim de compreender os seus aspectos semânticos e linguísticos, sobretudo, a associação semântica entre os sinais, sejam eles icônicos ou arbitrários. Os dados obtidos apontam que a aquisição da língua se dá em um processo análogo das línguas orais, ou seja, tanto sinais icônicos como arbitrários são adquiridos em um processo natural.

Fundamentada em Hall (1983) e Wilbur e Pettito (1981, 1983), a pesquisadora apresenta a língua de sinais com todos os padrões sociolinguísticos, empréstimos linguísticos, léxicos e variação lexical, em que os “[...] usuários das línguas de sinais também seguem as regras do discurso conversacional como polidez e alternância de turno.” (RAMOS, 2017, p. 17). Com relação à formação semântica da representação dos sinais, os resultados dessa investigação evidenciam que todo o processo é análogo, tanto na Libras como na LP. Contudo, para formação do léxico mental dos surdos, os fatores culturais e visuais são importantes para suas escolhas lexicais.

Essas considerações dialogam com outros estudos, pois, de acordo com Rodeho-Takahira (2015) e Cuxac e Sallandre (2007), as estruturas altamente icônicas são as que buscam contextualizar o referente no mundo. Em outras palavras, a

iconicidade pode ser representada pelos classificadores<sup>29</sup>, como os que expressam transferência. As transferências contribuem para a iconicidade, quando expressam: a) transferência de tamanho e forma, parcial ou total, para contextualizar lugares, objetos e características, por exemplo, para representar o tronco de uma árvore; b) transferência de situação, para reproduzir iconicamente cenas que representam um movimento espacial, por exemplo, o salto do cavalo; e c) transferência de pessoa, quando o interpretante assume a forma do que será interpretado, por exemplo, quando assume ou incorpora o que se vai sinalizar.

Além disso, Rodero-Takahira (2015) considera o uso de diferentes classificadores como componentes de um sinal, em que os sinais icônicos, muitas vezes, são os classificadores semânticos, e a produção dos sinais icônicos respeita toda a produção do sistema fonológico da língua. Por conseguinte, a pesquisadora defende, assim como Diniz (2010), Corrêa (2014), Marinho (2016) e Ramos (2017), que a iconicidade não é uma particularidade das línguas de sinais, mas existe em línguas orais, podendo, não raro, representar um elemento classificador. Seus estudos se fundamentam em Cuxac e Sallandre (2007)<sup>30</sup>, que compreendem que não há uma única forma de representar a iconicidade, pois os sinais que são icônicos, quando representados por classificadores, são morfologicamente complexos.

Nessa perspectiva, Rodero-Takahira (2015) defende que a iconicidade não significa oposição ou mesmo um conceito contraditório à arbitrariedade, representando algo que não é estruturado, pois sua pesquisa constata o valor da iconicidade, respeitando o sistema fonológico da língua. A autora ainda observa que, com o tempo, alguns sinais icônicos perdem essa característica, atingindo a arbitrariedade.

Esse aspecto também é defendido por Marinho (2016), para quem, na criação de sinais, na maioria das vezes, estabelece-se a motivação icônica, mas, quando analisada essa criação no decorrer do processo diacrônico, os sinais podem tornar-se arbitrários por causa da interferência do meio social no momento de uso. De acordo com a pesquisadora, “[...] a iconicidade do signo linguístico está fundamentada na ideia de uma motivação [...]”, sendo as motivações icônicas uma das possibilidades

---

<sup>29</sup> De acordo com Ferreira-Brito (2010), os classificadores podem funcionar como verbos de movimento ou localização, ou mesmo para serem marcadores de concordância de gênero, por exemplo, pessoa, animal ou coisa. Para um maior aprofundamento, consultar o estudo de Ferreira-Brito (1995).

<sup>30</sup> Para uma melhor compreensão, sugerimos a leitura de Cuxac e Sallandre (2007).

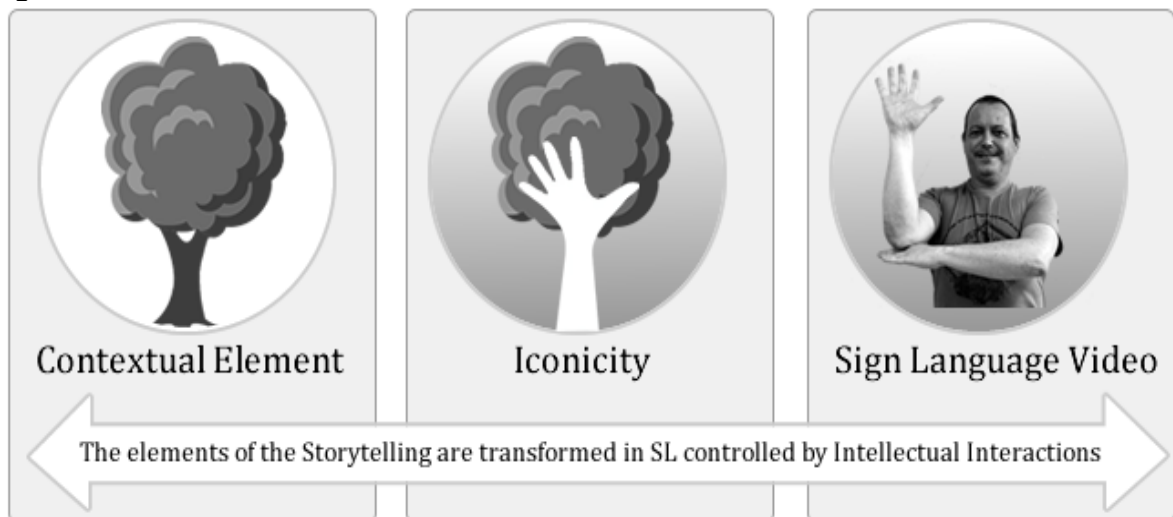
de criação de sinais, mas há também “[...] forças motivadoras operando em conjunto com a arbitrariedade.” (MARINHO, 2016, p. 38).

A autora, do mesmo modo, dialoga com os estudos de Pezatti (2011), afirmando que a língua estabelece uma relação de interação e de comunicação, na perspectiva de uso de uma língua natural entre os indivíduos que convivem na sociedade. Nesse sentido, como língua natural, podemos também compreender a língua de sinais.

É com base nesse discernimento que os estudos realizados por Marinho (2016) reconhecem que, inicialmente, pode ocorrer um atributo motivador na formação tanto de palavras quanto de sinais. Esse atributo motivador, contudo, não necessariamente precisa representar uma iconicidade para a compreensão da palavra/sinal e que, por muitas vezes, ao longo do tempo, ocorre uma perda dessa motivação, transformando a transparência em opacidade.

Para Diniz (2010) e Guimarães (2013) a iconicidade, inicialmente, apresenta uma característica que pode estabelecer uma relação com aspectos visuais, considerada transparente, mas, com o tempo, perde essa representação e se torna arbitrária.

Figura 28 - Léxico ÁRVORE



Fonte: Guimarães (2013, p. 71).

Como se observa na Figura 28, a iconicidade pode representar alguns elementos que estabelecem uma relação cognitiva de associação (GUIMARÃES, 2013). Para a pesquisadora, isso se relaciona ao processo de letramento bilíngue dos surdos, que está centrado na característica da iconicidade e possibilita um

mapeamento que preserva a estrutura da imagem. Ela conclui, desse modo, que “[...] o uso efetivo da língua de sinais, e sua iconicidade, para criação de conceitos espontâneos e científicos [...]” (GUIMARÃES, 2013, p. 121) contribuem para o letramento dos surdos. Em outras palavras, tanto a iconicidade quanto a arbitrariedade são elementos pertencentes à língua, e uma característica não se sobrepõe à outra (CORRÊA, 2014; MARINHO, 2016; RAMOS, 2017).

Outra investigação relacionada ao tema foi conduzida por Costa (2012). Para o pesquisador, a iconicidade está mais presente na língua de sinais por ser uma língua visual que possibilita caracterizar e contextualizar toda essa iconicidade, seja pela representatividade visual, seja pela característica de fazer uso de classificadores ao representar tais sinais. Os dados obtidos em sua pesquisa revelam que a arbitrariedade não se caracteriza pela falta de motivação, considerando que, por muitas vezes, os sinais icônicos são criados por uma motivação. Porém, entende-se que não há necessidade de uma motivação para assimilar o conceito de sinais arbitrários, contribuindo, assim, para um novo olhar no que diz respeito ao entendimento dos conceitos relativos à iconicidade e à arbitrariedade.

Segundo Costa (2012), a corrente teórica do funcionalismo auxilia no entendimento de que os sinais utilizados pelos utentes da língua de sinais são signos linguísticos que, independentemente de serem icônicos ou arbitrários, possibilitam uma interação social nos diversos contextos de uso da língua. Nessa perspectiva, o modelo funcionalista exprime que a língua desempenha funções que são constituídas nos seus contextos de usos (COSTA, 2012). A iconicidade, na visão do autor, é inicialmente motivada, em conformidade com os estudos realizados por Diniz (2010) sobre a presença da iconicidade nas línguas orais. Logo, a motivação para a formação de palavras/sinais não é peculiar somente nas línguas de sinais, ocorre também nas línguas orais e, nessa premissa, a iconicidade não é uma oposição à arbitrariedade (COSTA, 2012).

Pautando-se em Saussure (2012), o pesquisador explica que os signos compreendidos como arbitrários ou icônicos permitem um novo olhar. Muitos dos sinais que, *a priori*, são considerados icônicos, podem sofrer influências de fatores socioculturais; com o tempo, tendem a evoluir para alterações, sendo conduzidos à arbitrariedade (COSTA, 2012).

Investigações como as de Leite (2008), Diniz (2010) e Corrêa (2014) postulam que, quanto mais pesquisas são realizadas no que se refere à estrutura gramatical da



Libras e sua formação, mais esclarecimentos teremos, de modo a constatar que os sinais podem evoluir da iconicidade para a arbitrariedade.

Outra pesquisa de relevância é a de Martins (2017), que analisou o papel que a iconicidade do sinal desempenha nos dicionários clássicos de língua de sinais. Segundo a pesquisadora, os sinais icônicos têm significado admissível e adivinhável. Esse estudo sugere que, aparentemente, a admissibilidade só passa a predizer fortemente a adivinhabilidade quando se ultrapassa certo limiar de forte admissibilidade. A pesquisadora centra os estudos na iconicidade dos sinais, analisando a relação entre a forma do sinal ser considerada admissível na representação do significado, sendo esse significado possível de ser adivinhado.

Para autora, os sinais são constituídos para uso da língua. Assim como há sinais icônicos que demonstram similaridade na forma, há os sinais arbitrários que se constituem na essência, com ausência da admissibilidade. Isso também é defendido por Leite (2008), que se fundamentou na perspectiva das linguísticas funcional e cognitiva, enfatizando a importância delas na abordagem da estrutura da língua em uso e sua evolução no decorrer dos tempos. Para o autor, a língua é dinâmica e está em contínua resignificação e construção de novos conceitos, que se estabelecem no uso, na interação e na socialização. Partindo desse pressuposto é que seus estudos se coadunam a outros que também consideram a contínua evolução das línguas em uso.

De acordo com Leite (2008), foi somente após os estudos de Stokoe (1960), comprovando que as línguas de sinais são línguas naturais, que houve uma compreensão de que as línguas de sinais não são icônicas ou apenas realizadas com gestos, mas que têm as propriedades básicas de uma língua natural, como a produtividade e a arbitrariedade. Nesse sentido, compreende-se que a arbitrariedade não significa ausência de motivação, mas uma convenção significativa estabelecida pela comunidade linguística e usuária da língua.

Podemos considerar, nesse sentido, que as línguas de sinais não precisam se ancorar nas línguas orais porque são línguas naturais com elementos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Os recursos icônicos, que são altamente produtivos nas línguas de sinais, também estão presentes nas línguas orais.

Os sinais icônicos podem se transformar em arbitrários, de acordo com Leite (2008), quando “[...] ganham vida própria e passam a ser submetidos a processos fonológicos e morfológicos que podem vir a alterar a sua estrutura a ponto de, num

dado momento, tornarem-se totalmente opacos no que diz respeito à iconicidade.” (LETIE, 2008, p. 40). Esse pesquisador conclui que toda corporeidade, gestualidade e sinal produzido são relevantes para a gramática da Libras, mas ainda há muito o que aprofundar e compreender sobre a descrição dessa língua e de seu funcionamento como uma língua natural, que se estabelece para atender à evolução dos tempos e de seus usuários.

Os estudos supracitados fortalecem as reflexões de nossa proposta investigativa, dando-nos um norte para aprofundar os fenômenos linguísticos da Libras. Em nossa análise, vamos considerar a iconicidade, não a partir do binômio de arbitrariedade e iconicidade como conceitos opostos, mas como um fenômeno linguístico que apresenta uma linha tênue, que provoca o surgimento de outras gradações, tais como: (i) icônicos, (ii) translúcidos, (iii) obscuros e (iv) arbitrários. As formações dos sinais selecionados foram apresentadas e analisadas na realização do sinal no Capítulo 3 e a discussão dos dados no Capítulo 4.

## 2 O PAPEL DA ICONICIDADE NAS LÍNGUAS: PERCEPÇÕES DOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO DA LIBRAS

*“Os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemático: tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo.” (Emmanuelle Laborrit – O Voo da Gaivota).*

Esse capítulo inicia com algumas definições e conceitos importantes que se aplicam a esta pesquisa. Embora o foco de nossos estudos se concentre na Libras, como tratamos de termos teóricos linguísticos universais, achamos por bem não limitarmos essa apresentação às línguas de sinais e, tampouco, à Libras. Assim, partimos das línguas faladas, tendo em vista serem elas a motivação da grande maioria dos autores mencionados nesta tese com relação aos conhecimentos aqui considerados.

### 2.1 ICONICIDADE E ARBITRARIEDADE: PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS NATURAIS

No âmbito dos estudos linguísticos, não são poucas as questões que ainda precisam ser aprofundadas, sendo uma delas relacionada à iconicidade e à arbitrariedade dos nomes que atribuímos às ações e às entidades que existem no mundo. Essa é uma questão que já na Antiguidade desafiava filósofos, tais como Sócrates e Platão, e até hoje é uma temática que impele estudiosos das línguas, sejam elas faladas ou sinalizadas.

Remontando à Antiguidade, em um de seus famosos diálogos, Platão, por exemplo, narra um debate travado entre Crátilo, que dá nome à obra, e Hermógenes, para o qual Sócrates é convidado a participar. Nesse diálogo, Sócrates é questionado pelos dois debatedores se os nomes dados às entidades no mundo seriam convencionados ou naturais, isto é, se haveria de fato uma relação estabelecida entre as palavras e os significados que elas têm em seu bojo.

Para Crátilo, defensor da tese naturalista, cada coisa tem por natureza um nome apropriado, independentemente de quem fala, o que o leva a rejeitar o que defendida Hermógenes, para quem os nomes são fruto de convenções humanas. Diante desses dois posicionamentos, Sócrates, com relação à tese de Hermógenes,

diz que ela é inconsistente, partindo da própria admissão de Hermógenes de que qualquer pessoa pode modificar o nome atribuído a um objeto, o que, de acordo com Sócrates, vai de encontro ao padrão aceitável estabelecido pela convencionalidade socrática, pois, de acordo com ela, o que prevalece é o que ele defende: a existência de uma convenção pública.

Hermógenes acreditava que não havia qualquer tipo de relação entre o nome e aquilo que ele designa. Do ponto de vista da relação entre forma e sentido, os nomes dados ao referente extralinguístico no mundo não mais seriam que uma convenção; logo, são arbitrários.

Sua rejeição às ideias de Hermógenes, de certa maneira, o torna um defensor da tese de Crátilo, porém, com ressalvas. Para Sócrates, os nomes dados às coisas, para serem considerados uma cópia daquilo a que se referem, precisariam ser uma espécie de imitação perfeita dessas coisas, o que, segundo ele, não acontece em muitas situações (TUCCI, 2020).

Dessa forma, se os nomes representam as entidades, imitando a realidade, como explicar a origem sem conhecer a realidade que passaria a nomear? Ao nomearmos as entidades do mundo, há uma relação natural que é denominada em comum acordo, isto é, o que considera como um acordo natural. A grande dialética é que, para se nomear as coisas, é preciso conhecê-las, mas, para conhecê-las, é preciso atribuir-lhes um nome.

Essa dialética foi amplamente discutida entre os convencionalistas ou naturalistas, estudiosos que defendem que os nomes dados às entidades no mundo são fruto de uma convenção por não apresentarem nenhuma relação com as coisas, sendo assim arbitrários, ou que seriam naturais, existindo uma motivação que estabelece uma associação do nome ao que ele representa.

Posteriormente, os estudos realizados por Saussure (2012) postulam que o signo linguístico se constitui por meio da associação de um significado a um significante dentro da mente, estabelecido por um vínculo associativo. Entende-se por associativo, na ótica de Saussure (2012), que significado e significante são psíquicos, ou seja, é a associação desses constituintes que forma o signo. Segundo o teórico, “[...] o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces.” (SAUSSURE, 2012, p. 80).

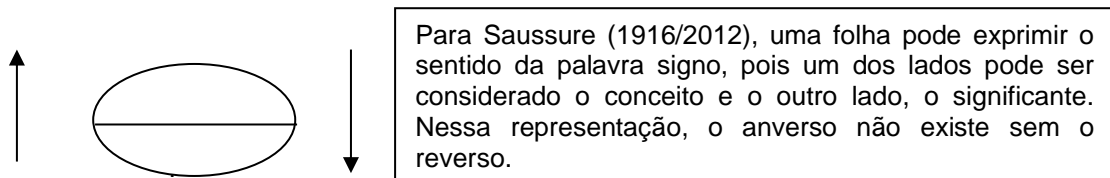
Para o autor, “[...] não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes

a ideias distintas.” (SAUSSURE, 2012, p. 18). O teórico defendeu que a linguagem é todo o sistema de signos, que serve de comunicação, pois não existe relação natural entre a “imagem acústica” do significante e aquilo que ele evoca conceptualmente (o significado), isto é, para compreender a relação entre nome e o referente nomeado.

Para Saussure (2012), a nomeação das entidades se dá por meio de uma convenção, cuja aceitação resulta da negociação entre os falantes da língua, por eles utilizadas, para fins de comunicação estabelecida (SAUSSURE, 2012). O signo linguístico, desse modo, se constitui por uma associação em que ambos os elementos são psíquicos e unidos em nosso cérebro; trata-se do elo que estabelecemos de um conceito com uma imagem acústica<sup>31</sup>.

Essa combinação resulta no que denominamos de signo, que une significado e significante, como representado pela Figura 29:

Figura 29 - Signo Linguístico



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2020).

A partir da definição de arbitrariedade do signo de Saussure (2012), é possível assimilar que o significado (conceito) é a representação mental que temos do referente, e o significante é a representação mental que temos da palavra. Para ele, “[...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 2012, p. 83). Logo, o signo linguístico só existe a partir da união do significado e do significante.

Além do ponto de vista de Saussure (2012), articulamos, na subseção seguinte, o modo como outros autores pensaram a iconicidade e a arbitrariedade.

<sup>31</sup> A imagem acústica é o significante, a palavra, e não necessariamente o som produzido ao dizermos a palavra. É possível, sem abrir a boca, emitir o som para falarmos conosco em nossos pensamentos, tendo a possibilidade de até proferir frases ou poesias mentalmente.

### 2.1.1 O debate da iconicidade e da arbitrariedade, segundo outros autores

De acordo com Benveniste, o signo linguístico é arbitrário porque a palavra não faz associação direta com aquilo a que se refere, mas foi convencionalmente estabelecida por um grupo linguístico. A arbitrariedade, nessa perspectiva, só é observável para o linguista, pois os usuários da língua só conhecem e fazem uso do signo linguístico quando esse já está constituído. “Essa consubstancialidade do significante e do significado garante a unidade estrutural do signo linguístico.” (BENVENISTE, 2005, p. 56). Existe, desse modo, uma relação necessária, sendo assim impossível o signo linguístico constituído ser revelado porque o signo já é signo.

Na visão de Benveniste (2005), o signo “[...] elemento primordial do sistema linguístico, encerra um significante e um significado cuja ligação deve ser reconhecida como necessária, sendo esses dois componentes consubstanciais um com o outro.” (BENVENISTE, 2005, p. 59). O signo somente se constitui no uso do ato de fala. O “[...] caráter absoluto do signo linguístico assim entendido comanda, por sua vez, a necessidade dialética dos valores em constante oposição, e forma o princípio estrutural da língua.” (BENVENISTE, 2005, p. 59).

Para Saussure (2012), assim como para Benveniste (2005), “[...] as onomatopeias e as exclamações são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável.” (SAUSSURE, 2012, p. 84). É inútil querer renegar o valor da arbitrariedade do signo, baseando-se nas onomatopeias e termos expressivos, porque “[...] qualquer que seja a realidade retratada pela onomatopeia ou pelo termo expressivo, a alusão a essa realidade na maioria dos casos não é imediata e não é admitida a não ser por uma convenção.” (BENVENISTE, 2005, p. 57). Isso era também o que Saussure (2012) defendia com relação ao signo linguístico.

Visto por esse ângulo, tanto para Benveniste (2005) quanto para Saussure (2012), não se sustenta a ideia de que um signo possa ser icônico, na medida em que, segundo eles, não existiria um elo entre o som e o sentido, nada que pudesse associar o significante ao significado. Nesse sentido, de acordo com Saussure (2012), o sistema de signos é arbitrário e convencional, pois, translinguisticamente, sua seleção para nomear o signo parece ser arbitrária.

Embora Jakobson (1969) esteja de acordo com o conceito de arbitrariedade, para esse linguista, é necessária uma maleabilidade, não devendo ser rígida a

conceituação de signo, pois, em várias situações, pode aparecer motivações, como no caso de algumas onomatopeias ou algumas palavras cujos sentidos estabelecem uma associação com o som de forma similar. O autor exemplifica com as palavras inglesas *flash* (relâmpago); *lash* (chicotada) e outras.

Ao considerar essa maleabilidade, Martelotta (2010), em sintonia com Jakobson, explica que as palavras podem conter: motivação fonética, como algumas onomatopeias - “miau”, “cocorocó” e outras -; motivação morfológica, em diálogo com Saussure (2012). Nesse caso, exemplifica com a palavra “gaveteiro”, que é formada por “gavet” – que é radical de gaveta – e “eiro” – que é um sufixo de profissão –; e a motivação semântica reflete os sentidos das palavras, por exemplo, “cabeça dura”.

Na compreensão de Saussure (2012), o princípio da arbitrariedade do signo está associado ao laço que une significante e significado, pois, uma vez reconhecido com um signo linguístico, nenhum indivíduo pode modificá-lo. No caso das onomatopeias, que muitas vezes estão relacionadas à iconicidade, apresentam um caráter arbitrário uma vez que são “[...] uma imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos.” (SAUSSURE, 2012, p. 83). O signo pode ser arbitrário absoluto e arbitrário relativo, como explicou o linguista:

O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente. Apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que *permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado.* (SAUSSURE, 2012, p. 152, grifos do autor).

Outra característica atribuída à arbitrariedade é o valor dos signos linguísticos. O valor atribuído a uma palavra da língua portuguesa não é o mesmo em outras línguas naturais. Em uma mesma língua existem palavras sinônimas que podem tanto ter relação de oposição quanto de enriquecimento. O mesmo ocorre com as entidades gramaticais quanto ao plural, aos verbos e à flexão. Assim, a língua é um elemento que passa a “[...] servir de intermediário entre o pensamento e o som [...]”, ou seja, “[...] cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia.” (SAUSSURE, 2012, p. 131). O valor da língua é comparado pelo autor a uma folha de papel, em que “[...] o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao

mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som.” (SAUSSURE, 2012, p. 131).

Sobre o conceito de arbitrariedade do signo linguístico, Mussalim e Bentes (2011) pontuam que “[...] toda língua relaciona sons e sentidos, articulando-os mediante uma forma, a forma adotada para realizar essa articulação varia de uma língua historicamente dada para outra.” (MUSSALIM; BENTES, 2011, p. 65). Nessa perspectiva, “[...] o plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo.” (BARTHES, 1991, p. 43). Barthes (1991) afirma que o signo linguístico é constituído de significante e de significado, em que “[...] vários corpos de significados podem coexistir num mesmo indivíduo, determinando, em cada um, leituras mais ou menos ‘profundas’ [...]” (BARTHES, 1991, p. 47), pois o significante é um materializador que expressa o significado. O autor assegura, ainda, que “[...] a significação pode ser concebida como um processo; é o ato que une o significante e o significado, ato cujo produto é o signo.” (BARTHES, 1991, p. 52).

Borba (1998) também contribui com essa discussão, pois argumenta que “[...] o significante sem o significado é apenas um objeto, que existe, mas não significa e, o significado sem significante o é indizível, impensável e inexistente.” (BORBA, 1998, p. 19). O signo linguístico apresenta uma informação indissociável, sendo uma parte material e perceptível, que é o significante, e outra imaterial e inteligível, que é o significado. Nesse caso, “[...] a relação significante e significado é arbitrária no sentido de que não há nenhum motivo intrínseco para associar uma sequência fônica a um determinado conceito.” (BORBA, 1998, p. 19).

Outro importante linguista, Câmara Jr. (1975), compreende a arbitrariedade do signo assim como Saussure (2012). Para o autor brasileiro, a relação entre significante e significado é arbitrária, enfatizando que não há entre os complexos sonoros e os conceitos uma associação natural.

Bouquet (2004), por sua vez, ao definir o conceito de arbitrariedade, afirma que há duas relações que se distinguem, sendo uma interna e outra sistêmica ao signo:

Se o mesmo termo, *arbitrário*, é capaz de recobrir as duas relações, é nessa medida que ele se refere, nos dois casos, a uma realidade transversal a essas relações: a que postula a tese da *generalidade do específico*, em outras palavras, a realidade de uma língua se define, quanto a essas duas relações, como sendo diferente das outras línguas. Em outros termos: arbitrário significa estritamente, num caso como no outro, *contingente a uma língua* - sendo que essa



contingência, na perspectiva interna da dita língua, é uma *necessidade*. (BOUQUET, 2004, p. 234, grifos do autor).

De suas palavras, depreendemos algumas considerações sobre o conceito de arbitrariedade: tudo pode ser representado como “sentido”, significação/conceito; a premissa de que a arbitrariedade é necessária à língua, pois há distintas línguas sendo, fato que justifica o princípio da arbitrariedade; e o significante é arbitrário para o significado, assim como o significado é arbitrário para o significante, ou seja, a relação entre esses elementos é arbitrária (BOUQUET, 2004).

Os estudos relacionados aos fenômenos linguísticos de arbitrariedade e de iconicidade objetivam compreender o signo linguístico em sua constituição. Nesse sentido, de acordo com Faraco (2004), “Saussure tinha descoberto na língua uma construção legitimamente estrutural.” (FARACO, 2004, p. 64), quando identifica o princípio da arbitrariedade, considerando que os sons (significante) e os sentidos (significado) são arbitrários em todas as línguas. No entanto, para Fiorin (2006), em uma perspectiva diacrônica da história da língua, algumas palavras, que inicialmente se constituíram por uma relação de motivação e de iconicidade, com a evolução dos tempos, passaram a ser concebidas como arbitrárias ou opacas.

Desse modo, “[...] a arbitrariedade do signo não implica uma ausência de motivação, mas sim o papel da convenção sempre seletiva que cada comunidade linguística faz de sua experiência.” (LEITE, 2008, p. 34). A arbitrariedade, portanto, está presente em todas as línguas. Essa premissa harmoniza-se com os apontamentos de Costa, quando ressalta que “[...] a arbitrariedade não é ausência de motivação, mas sim a impossibilidade de se recuperar a motivação de um dado signo linguístico.” (COSTA, 2012, p. 93).

Bolinger (1975) argumenta que a noção de arbitrariedade do signo, na sua radicalidade de que todo signo é arbitrário, é questionável, pois acredita que os signos, nas línguas naturais, podem ser tanto arbitrários como icônicos, ou mesmo não arbitrários.

Em síntese, se, para Saussure (2012) e outros linguistas, a arbitrariedade é um conceito linguístico estabelecido convencionalmente, logo, imotivado, para Peirce (1839-1914) e Bolinger (1975), o signo pode refletir uma relação com aquilo que representa por meio de uma motivação icônica. É justamente sobre o aspecto da iconicidade que tratamos a seguir.

## 2.1.2 Iconicidade dos itens lexicais nas línguas naturais

A iconicidade é um conceito amplamente discutido por Charles Sanders Peirce (1839-1914). De acordo esse autor,

There may be a mere relation of reason between the sign and the thing signified; in that case the sign is an *icon*. Or there may be a direct physical connection; in that case, the sign is an *index*. Or there may be a relation which consists in the fact that the mind associates the sign with its object; in that case the sign is a *name*. (PEIRCE, 1885, p. 245, grifos do autor).<sup>32</sup>

Peirce (1885) discorda parcialmente de que todo signo linguístico é arbitrário, pois, para ele, os princípios icônicos (motivados) interagem com os arbitrários (simbólicos), que são estabelecidos por regras convencionais. Lima-Hernandes (2007) explica que, de fato, ocorre uma nítida distinção na relação signo x objeto, que é representada por ícone, índice e símbolo. O ícone apresenta uma similaridade “[...] entre o signo e a realidade exterior; o índice, a relação de contiguidade; e o símbolo a relação convencional.” (LIMA-HERNANDES, 2007, p. 84).

Assim, para uma melhor compreensão desses elementos relacionados por Peirce (1885), é possível dizer que, para esse autor: o ícone é um parâmetro com relação de semelhança com o objeto, como uma foto ou mesmo as onomatopeias<sup>33</sup> (“miau”, “au-au”, “muuuu”); o índice é um parâmetro que apresenta uma relação que indica o significado, como em frases “onde tem fumaça tem fogo”, ou seja, os índices estabelecem uma ligação factual com o objeto (nuvens escuras para chuvas iminente); o símbolo é uma relação convencional que se estabelece entre o signo e o significado, a exemplo de uma placa de trânsito com a letra E, que tem uma faixa em vermelho na diagonal indicando que é proibido estacionar naquele local.

Peirce (1885), a partir da formulação do conceito de signo, menciona que há dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A iconicidade imagética estabelece uma relação entre um item e seu referente, como se refletisse a imagem do outro (p. ex.: pinturas, estátuas). A iconicidade diagramática, por sua vez, se refere

<sup>32</sup> “Pode existir uma mera relação de razão entre o signo e a coisa significada; nesse caso, o signo é um *ícone*. Ou pode haver uma conexão física direta; nesse caso, o signo é um *índice*. Ou pode haver uma relação que consista no fato de a mente associar o signo ao seu objeto; nesse caso, o signo é um *nome*.” (PEIRCE, 1885, p. 245, grifos do autor, tradução nossa).

<sup>33</sup> Onomatopeia, de acordo com o dicionário *on-line*, exprime o significado de composição de uma palavra que se baseia em uma reprodução similar de um som, que passa a ser a ela relacionado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/onomatopeia/>. Acesso em: 17 abr. 2019.

a um arranjo icônico de signos, sem necessária intersemelhança, isto é, o conceito de iconicidade reflete uma motivação linguística, ao passo que a arbitrariedade é imotivada.

Nesse sentido, Ullmann (1968) destaca que as línguas expressam uma representação convencional e, portanto, há “[...] palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o som e o sentido.” (ULLMANN, 1968, p. 165). Da mesma forma, há palavras que podem ser iconicamente motivadas, na mesma categoria atribuída por Peirce (1885), correspondendo à iconicidade diagramática.

Haiman (1985) assevera que a motivação icônica é definida como o “[...] paralelismo existente entre, de um lado, a relação das partes numa estrutura linguística, e, de outro lado, a relação das partes na estrutura daquilo que é significado.” (HAIMAN, 1985, p. 103-104). No entanto, de acordo com Peirce (2000), o fenômeno da iconicidade depende do nível linguístico em que ocorre, pois, quando se realiza por motivações fonéticas, sintáticas e morfológicas, corresponde à expressão similar entre o objeto e o *representâmen* do signo. O *representâmen* é o próprio signo, pois é o que representa algo para alguém; o objeto é a ideia da representação real ou irreal; e o interpretante é o usuário que consegue estabelecer uma relação mental entre o *representâmen* e o objeto (PEIRCE, 2000). Foi com essa análise que surgiu a mais disseminada tricotomia peirciana (ou tríade peirceana), na qual os signos se classificam em ícones, índices e símbolos (PEIRCE, 2000).

Os estudos realizados pelos pesquisadores supracitados harmonizam-se com os pressupostos da Linguística Cognitiva, uma vez que dizem respeito à organização linguística, compreendendo que a iconicidade e a naturalidade se relacionam com a experiência. Por envolver a linguagem em uso e a linguagem e o pensamento, existe uma relação que é atribuída como motivação por apresentar uma relação da forma linguística e do significado linguístico (HAIMAN, 1985).

Wilcox (2004) defende que a Linguística Cognitiva compreende o fato de alguns itens lexicais, nas línguas de sinais, serem considerados icônicos, uma vez que as estruturas semânticas e fonológicas estão presentes no mesmo espaço conceitual, com os itens lexicais realizando-se no espaço. “I define cognitive iconicity as a special

case in which the phonological and the semantic poles of a symbolic structure reside in the same region of conceptual space.” (WILCOX, 2004, p. 119).<sup>34</sup>

Assim, não somente esses linguistas, mas também Martelotta (2008) enfatiza que “[...] a noção de *motivação ou iconicidade* leva em conta o fato de o falante, de algum modo, fazer corresponder a forma da palavra com o significado que ela expressa.” (MARTELOTTA, 2008, p. 77, grifos do autor). Para ele, a iconicidade “[...] do signo linguístico fundamenta-se na ideia de uma motivação que se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos.” (MARTELOTTA, 2011, p. 72).

De acordo com Martelotta e Wilson (2012), a iconicidade do signo linguístico se fundamenta no princípio de que há uma motivação. A ideia se reflete na estrutura das palavras, em que ocorre uma relação natural na sua formação e na expressão dos sentidos, em sintonia com os signos e seus significados. Na mesma direção, Guimarães (2014) ressalta que a “Iconicidade é uma propriedade interacional, definida por humanos, derivada da semelhança entre a forma linguística e o seu significado, baseado na nossa capacidade de criar mapeamentos mentais entre as formas.” (GUIMARÃES, 2014, p. 40).

Tendo considerado os conceitos de arbitrariedade e iconicidade nas línguas orais, a seguir, direcionamos a discussão para as línguas de sinais.

### 2.1.3 O debate da iconicidade *versus* arbitrariedade nas línguas de sinais

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, também não são universais; cada país tem sua própria língua de sinais ou mesmo mais de uma. Um fato importante é que algumas línguas de sinais têm uma conexão histórica na sua origem. Por exemplo, nos Estados Unidos a língua de sinais é a ASL; no Brasil, a Libras, mas ambas são derivadas da LSF (WILCOX; OCCHINO, 2018). Dessa forma, é possível salientar que cada língua de sinais tem uma origem histórica e que sofre mudanças ao longo dos tempos.

Por ser uma língua natural, as línguas de sinais, da mesma forma que as línguas faladas, têm propriedades linguísticas fundamentais e gramática própria,

---

<sup>34</sup> “Eu defino a iconicidade cognitiva como um caso especial em que os polos fonológico e semântico de uma estrutura simbólica residem na mesma região do espaço conceitual.” (WILCOX, 2004, p. 119, tradução nossa).

sendo constituídas por elementos fonéticos, fonológicos, morfológicos, lexicológicos, semântica e sintáticos (STOKOE, 1960; KLIMA; BELLUGI, 1979; LIDDELL, 1980; SUPALLA, 1982; PADDEN, 1983; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006). As línguas de sinais contam também com um léxico convencionalizado e regras específicas de sua modalidade para a sua constituição (FRISHBERG, 1975; SUPALLA; NEWPORT 1978).

Para Taub (2001) e Wilcox (2004), pelo fato das línguas de sinais serem produzidas em um espaço tridimensional, os articuladores que se realizam para produção do sinal favorecem uma representação icônica de origem espacial, como no caso dos classificadores, na constituição de forma, na localização, no movimento e na ação. Embora a iconicidade nos itens lexicais pareça ser uma característica marcante nas línguas de sinais, é preciso ressaltar que há uma característica arbitrária, pois, um mesmo item lexical considerado icônico em determinada língua de sinais, pode apresentar características distintas para representar uma imagem ou conceito, refletindo o item lexical do signo fonológico.

Segundo Perniss (2007), a contrapartida da arbitrariedade no signo linguístico geralmente é considerada como iconicidade, denotando uma semelhança entre forma e significado. De acordo com Berlim (1994) e Hinton *et al.* (1994), há um predomínio dos itens lexicais arbitrários no léxico das línguas naturais, tendo em vista que os itens considerados icônicos são os que apresentam uma motivação, como as onomatopéias ou o simbolismo sonoro, no caso das línguas orais; nas línguas de sinais, há uma semelhança entre o item lexical e o referente.

Esse debate, em termos de iconicidade e arbitrariedade, suscitam muitas pesquisas. Muitos pesquisadores ressaltam o valor da inconicidade (CUXAC, 1999a, 1999b; CUXAC; SALLANDRE, 2007; PIZZUTO *et al.*, 2007) na sua constituição como um signo que representa o seu referente pelas características que são constituídas pelos parâmetros. Outros pesquisadores defendem que, em todas as línguas de sinais, há signos que são icônicos e arbitrários e são frutos de uma convenção (MANDEL, 1977; KLIMA; BELLUGI, 1979; TAUB, 2001; PIETRANDREA 2002; CUXAC; SALLANDRE, 2007).

O conceito de iconicidade há tempos é pesquisado quanto ao processamento, à produção e à aquisição de línguas de sinais (MEIR, 2010; ORMEL *et al.*, 2009; THOMPSON; VINSON; VIGLIOCCO, 2009; PERNISS; THOMPSON; VIGLIOCCO, 2010; THOMPSON; VINSON; VIGLIOCCO, 2010). Nas palavras de Morris (1985), “[...]”

um sinal icônico é qualquer sinal de que, em alguns aspectos, oferece uma semelhança com o denotado.” (MORRIS, 1985, p. 212). No entanto, há algumas divergências e convergências sobre o princípio da iconicidade, conforme as pesquisas indicadas no Quadro 2, realizadas internacionalmente acerca do fenômeno linguístico de iconicidade nas línguas de sinais. Algumas são apresentadas, posteriormente, na seção 2.2.

Quadro 2 - Pesquisas sobre iconicidade nas Línguas de Sinais

<b>Origem</b>	<b>Sigla</b>	<b>Pesquisadores</b>	<b>Ano</b>
Língua de Sinais Indiana (Indian Sign Language)	ISL	TOMKINS, W.	1969
Língua Americana de Sinais	ASL	FRISHBERG, N. BELLUGI, U.; KLIMA, E. WOODWARD, J. MANDEL, M. TAUB, S. CAGLE, K. M. PADDEN <i>et al.</i>	1975 1976/1979 1976 1977 2001 2010 2013
Língua de Sinais Chinesa (Zhōngguó Shǒuyǔ)	CSL (ZGS)	TAI, J. H-Y. TAI, J. H-Y. XU, W.	1993 2005 2006
Língua Italiana de Sinais (Lingua dei Segni Italiana)	LIS	GROSSO, B. PIZZUTO, E.; VOLTERRA, V. PIETRANDREA, P.	1993 2000 2002
Língua de Sinais Francesa	LSF	CUXAC, C. SALANDRE, M-A.	1993/2003 2003
Língua de Sinais Mexicana (Lengua de Señas Mexicana)	LSM	CRUZ-ALDRETE, M.; VILLA-RODRÍGUEZ, M. Á.	2013
Língua de Sinais Alemã (Deutsche Gebärdensprache)	DGS	PERNISS, P. M.	2007
Língua de Sinais Sueca (Svenskt Tecken-Språks)	SSL	BÖRSTELL, C.; ÖSTLING, R.	2016
Língua de Sinais Tailandesa (Taiwan Sign Language)	TSL	SU, S.-F. TAI, J. H-Y.; LAY, Y.-D.; YANG, LI-CHIN	2004 2005 2009
Língua de Sinais Chinesa (Zhōngguó Shǒuyǔ)	CSL (ZGS)	TAI, J. H-Y. TAI, J. H-Y. XU, W.	1993 2005 2006
Linguagem <sup>35</sup> de Sinais Japonesa (Japanese Sign Language)	JSL	SASAKI, D.	2003

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

<sup>35</sup> Embora, a partir dos estudos realizados por Stokoe (1960), se reconheça a língua de sinais como uma língua natural e não como linguagem, mantivemos o nome da tese respeitando a forma como foi registrado por Sasaki (2003).

Os estudos que investigam as línguas de sinais americana (TAUB, 2000), francesa (CUXAC, 1993, 2003; SALLANDRE, 2003), emergentes (FUSELLIER-SOUZA, 2004) e tantas outras enfatizam que a iconicidade é considerada como uma “noção operatória”, ou seja, desempenha um papel facilitador, em que o sinalizador torna icônica a experiência, tendo o objetivo de construir o sentido para e com o outro. Para Taub (2000), a corrente da Linguística Cognitiva ressalta que a iconicidade é um conceito no qual o significado permeia e motiva todos os níveis da estrutura linguística. Assim, nas línguas de sinais, os itens lexicais icônicos podem ser expressos por metáforas e construções frasais que estabelecem semelhanças quanto a seus referentes.

Baseado em um argumento convincente, Frishberg (1974) reduziu o papel da iconicidade à transparência histórica, considerando que “[...] os signos mudam de suas origens pantomímicas ou imitativas para formas mais arbitrárias.” (FRISHBERG, 1974, p. 700)<sup>36</sup>. De acordo com os estudos e as pesquisas mencionadas anteriormente, é possível afirmar que a iconicidade dos termos linguísticos usados nas línguas de sinais não é um fator determinante que diminui o seu *status* linguístico, mas é somente uma especificidade da língua de sinais.

Nessa perspectiva, Klima e Bellugi (1979) explicam que a relação icônica entre um signo e o seu referente não determina as características da forma que os signos se apresentam nas distintas línguas de sinais. Essa afirmação é sustentada pelos exemplos apresentados por Klima e Bellugi (1979) quanto ao signo linguístico de ÁRVORE, comparado, na Figura 30, na ordem na Língua de Sinais Chinesa (Zhōngguó Shǒuyǔ – ZGS), na Língua de Sinais Dinamarquesa (Dansk Tegnsprog – DTS) e na ASL.

---

<sup>36</sup> “Signs change away from their pantomimic or imitative origins to more arbitrary shapes.” (FRISHBERG, 1974, p. 700, tradução nossa).

Figura 30 - Sinal de ÁRVORE nas línguas de sinais: (a) Chinesa, (b) Dinamarquesa e (c) Americana



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 525).

Todos os sinais apresentam uma característica icônica, mas são realizados de acordo com a especificidade da língua e da convenção que os motivou. Na ZGS, o sinal de ÁRVORE a representação está na forma do tronco da árvore, que inicia com a CM movendo polegares e indicadores para cima. Na DTS, o sinal é realizado em volta do rosto do sinalizador, iniciando da cabeça até o pescoço, aproxima-se as mãos que descem, representando o tronco da árvore. Na ASL, o braço representa o tronco e a mão em movimento representa as folhas e a copa. Nas três línguas, o recurso visual de mapeamento icônico não é determinante, pois, apesar de serem considerados icônicos cada língua tem uma característica singular para ÁRVORE.

Assim, é possível constatar pelo menos duas características importantes da iconicidades nas línguas de sinais: (i) apesar de serem motivadas pelo referente, há características peculiares em cada língua, ou seja, para o mesmo signo linguístico, cada língua de sinais obedece as convenções linguísticas próprias; (ii) a iconicidade tem uma natureza gradual na constituição, iniciando em transparente, translúcido, obscuro até atingir a opacidade (KLIMA; BELLUGI, 1979).

Klima e Bellugi (1976) caracterizam as diversas representações da iconicidade em: (i) transparente, quando um sinal é adivinhado por um grande número de participantes, por exemplo, para representar o verbo para “latir”; (ii) translúcido, que se refere à forma/significado do sinal, o que ocorre com o sinal de “não gostar”; (iii) obscuro, quando os sinais estabelecem uma relação de significado sem que de fato haja uma similaridade à sua forma, obscurecendo, desse modo, as propriedades icônicas; (iv) e opaco, quando nenhum ou muito poucos participantes adivinham corretamente o significado, a exemplo do sinal “em breve”.



Posteriormente, os estudos de Ortega (2017) apresentam pontos de convergência e de divergência entre as línguas orais-auditivas e as viso-espaciais quanto à iconicidade. Ortega (2017) define iconicidade como a relação direta entre uma forma linguística e o seu referente, considerando os apontamentos de Klima e Bellugi (1979), que propuseram quatro níveis de iconicidade do sinal, cada um representando diferentes níveis de compreensão e acesso ao significado. Para o autor, a capacidade de estabelecer uma relação icônica dos sinais não depende apenas de suas propriedades intrínsecas, mas também do contexto cultural e da faixa etária do falante/sinalizante.

Segundo Grosso (1993), Pizzuto e Volterra (2000), os sinais icônicos apresentam características da arbitrariedade, pois alguns itens lexicais só podem ser compreendidos por pessoas que compartilham a mesma língua de sinais. Nas línguas de sinais, Kendon (1988) foi o primeiro a propor um *continuum*, considerando uma ordem, partindo de Gesticulação → Gestos “quase linguísticos” → Pantomima → Emblemas → Sinais das línguas gestuais. As etapas do *continuum*, de acordo com Kendon (1988), correspondem a:

- Gesticulação: movimentos idiossincráticos espontâneos das mãos e braços durante a fala são considerados gestos "semelhantes à linguagem", como gestos, mas gramaticalmente integrados ao enunciado. Um exemplo é: “puxei a porta com força”;
- Pantomima: gestos sem palavras usados no teatro para contar uma história, como imitar a ação real de pentear os cabelos;
- Emblemas: gestos de insulto e louvor ("linguagem corporal italiana"). Na LP, tem-se o sinal de “negativo” (mão fechada com o polegar aberto para baixo e demais dedos unidos à palma), representando que não está nada bem ou não deu certo, uma negação;
- Sinais da linguagem gestual: um conjunto de gestos e posturas que formam um sistema completo de comunicação linguística e, por possuir itens lexicais como qualquer outra língua natural, não pode ser considerado como os demais citados acima.

Atualmente, com base nos estudos de Naves *et al.* (2019), “[...] a iconicidade é tida como uma característica do contínuo da motivação, onde num extremo se

encontram as formas mais icônicas (mais motivadas) e no outro as formas mais arbitrárias (menos motivada)” (NAVES *et al.*, 2019, p. 106). Nessa perspectiva, enfatizamos que nem todos os itens lexicais são icônicos ou arbitrários, mas há um gradiente entre ser icônico e ser arbitrário, como defendemos nesta tese. Os nomes podem ter algumas características que se aproximam da iconicidade, como os translúcidos, e os que se aproximam dos arbitrários, como os obscuros.

## 2.2 PANORAMA GERAL DAS PESQUISAS REALIZADAS NO ÂMBITO INTERNACIONAL SOBRE ICONICIDADE NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Nesta seção, apresentamos as contribuições dos estudos realizados em outros países sobre a iconicidade nas línguas de sinais, visando a identificar as pesquisas atuais relacionadas ao objeto de nossa investigação. Trata-se de uma pequena síntese de estudos realizados sobre a iconicidade *versus* arbitrariedade na Língua de Sinais Mexicana (LSM), na Língua Alemã de Sinais (DGS), na Língua Americana de Sinais (ASL), na Língua de Sinais Britânica (BSL), na Língua de Sinais Italiana (LIS) e na Língua de Sinais Francesa (LSF).

### 2.2.1 O que revelam as pesquisas internacionais

Os estudos de Cruz-Aldetre e Villa-Rodríguez (2013) realizados na LSM reforçam que a iconicidade é uma propriedade que está presente em todas as línguas naturais, mas que se encontra mais evidente nas línguas de sinais, pela especificidade da modalidade visoespacial. Assim, a iconicidade não se encontra somente no nível da palavra/sinal, mas no ato discursivo, ao se referenciar, por exemplo, uma pessoa no discurso pela primeira vez, representando uma entidade, isto é, pessoas, objetos e lugares (CRUZ-ALDETRE; VILLA-RODRÍGUEZ, 2013). Há, também, uma concordância verbal; verbos demonstrativos que indicam ou direcionam os sinais no espaço. Ressalta-se, ainda, o uso do espaço para representação topográfica, para narrar e representar um cenário no qual os sinalizantes estão presentes, como uma montanha, uma árvore ou uma rua.

Na LSM, existem vários sinais com alto grau de motivação na constituição dos sinais icônicos, os quais podem reproduzir a forma, o M ou a relação espacial para representar o referente. Logo, há diferentes graus de iconicidade.

Na LSM, os sinais icônicos demonstram diferentes graus de motivação, sendo transparentes quando apresentam um alto grau de semelhança com o referente. Segundo Cruz-Aldetre e Villa-Rodríguez (2013), inicialmente, os sinais são considerados icônicos e, no decorrer do tempo, podem ser considerados arbitrários por não representarem mais a mesma característica de representação do objeto. Um exemplo apresentado na LSM é o sinal de COMPUTADOR (Figura 31), outrora considerado icônico por representar as bobinas das máquinas conforme pode ser observada na figura abaixo.

Figura 31 - Sinal de COMPUTADOR

Figura 6. Señá COMPUTADORA (Tomado de *Las maravillas de la Comunicación están en nuestras manos*. Secretaría de Educación Jalisco. 2010).



Fonte: Salazar Romero e Mercado (2010).

Para Cruz-Aldetre e Villa-Rodríguez (2013), a relação que se estabelece entre arbitrariedade e iconicidade não é exclusiva das línguas de sinais, mas está presente em todas as línguas naturais. Além disso, o sinal pode estabelecer uma relação icônica de forma transparente com o seu referente, mas, mesmo assim, está sujeito às regras de seu idioma (conforme os exemplos já apresentados por Klima e Bellugi (1976), para o signo linguístico de ÁRVORE nos diversos idiomas). Para os autores, “[...] en la iconicidad de las señas existe un aspecto “oscuro” pues el cambio histórico de las señas hace que las cualidades icónicas de la seña disminuya con el paso del

tiempo y llegan a ser completamente señas arbitrarias.” (CRUZ-ALDETRE; VILLA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 63)<sup>37</sup>.

As pesquisas revelam que, na LSM, os conceitos linguísticos de iconicidade e de arbitrariedade estão refletidos na gramática da língua de sinais, envolvendo: a semântica, que estabelece a relação entre os signos e os seus referentes; a pragmática, que se estabelece na relação entre os signos e os seus utentes; e a sintática, que se estabelece na organização formacional dos signos.

Assim, o valor atribuído aos sinais dêiticos também é considerado icônico pela sua representatividade, podendo se dividir em: os sinais que têm apontação para indicar pessoas, partes do corpo colocada sobre o local de referência, por exemplo, BOCA, CORAÇÃO, sendo considerados sinais dêiticos icônicos; e os dêiticos, com características da iconicidade dos classificadores<sup>38</sup>, que se referem a ações, como verbos demonstrativos ou predicados classificadores, considerados, na LSM, morfemas interativos.

Figura 32 - Sinal de LÁBIO, LÍNGUA e OLHO



Figura 1.30 Signos índice: LABIO, LENGUA, OJO

Fonte: Cruz-Aldetre e Villa-Rodríguez (2013, p. 67).

Para Cruz-Aldetre e Villa-Rodríguez (2013),

El grado de iconicidad resulta subjetivo entonces, pues ante los ojos de quien desconoce la lengua, algunas señas a “simple vista” no parecen tener alguna relación con el objeto designado, mientras que

<sup>37</sup> “[...] na iconicidade dos sinais existe um aspecto “sombrio” porque a mudança histórica de signos faz com que as qualidades icônicas do sinal diminuam com o tempo e se torne sinais completamente arbitrários.” (CRUZ-ALDETRE; VILLA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 63, tradução nossa).

<sup>38</sup> De acordo com Quadros e Karnopp, os Classificadores podem ser incluídos na classe dos verbos manuais, pois incorporam objetos, número e grau. Para um maior aprofundamento, veja Quadros e Karnopp (2004).

en otros se podría ver una posible motivación. (CRUZ-ALDETRE; VILLA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 30)<sup>39</sup>.

Assim, os pesquisadores consideram que a iconicidade como propriedade das línguas naturais é um assunto inesgotável. Com essa mesma premissa, na Língua de Sinais Alemã (DGS), os estudos de Perniss e Vigliocco (2014) indicam que a iconicidade pode desempenhar várias funções importantes, dentre elas a de como a linguagem é produzida e processada, como é aprendida e adquirida pelas crianças, quais as mudanças ao longo da história e, de fato, como ela evoluiu.

Conforme esses estudiosos, a iconicidade se refere à existência de "correspondências de preservação de estrutura", isto é, uma identificação entre uma forma linguística e seu significado. No entanto, embora alguns sinais possam representar a sua forma, e assim ser considerado um sinal icônico, ele é fruto de uma convenção (PERNISS; VIGLIOCCO, 2014). No sinal de ÁRVORE (Figura 33), a mão aberta representa a coroa, o antebraço representa o tronco e a mão passiva representa a base, as raízes.

Figura 33 - Sinal de ÁRVORE na DGS



German Sign Language

Fonte: Perniss (2007, p. 18).

Perniss (2007) ressalta que os classificadores na DGS apresentam uma característica altamente icônica, e a modalidade visoespacial possibilita e favorece a representação de uma estrutura evidente na comunicação, tornando possível representar as entidades com suas características, com clareza e representatividade.

<sup>39</sup> "O grau de iconicidade é subjetivo então, porque aos olhos de quem não conhece o idioma, alguns sinais a "olho nu" parecem não ter nenhum relacionamento com o objeto designado, enquanto em outros você pode ver uma possível motivação." (CRUZ-ALDETRE; VILLA-RODRÍGUEZ, 2013, p. 30, tradução nossa).

As distintas representações icônicas nas línguas de sinais expressam uma “motivação visual” que pode representar não somente a iconicidade lexical, mas também o uso do espaço topográfico, as localizações de referência, como os classificadores, que são considerados “visualmente motivados” (PERNIS, 2007).

Nesse viés, os classificadores, os verbos direcionais e os pronomes, que têm uma característica altamente icônica e se utilizam dos parâmetros da CM, da OM, são analisados como estrutura linguística. Já a L e a direção do M podem ser caracterizadas como gestuais (SCHEMBRI, 2002; SCHEMBRI *et al.*, 2005).

Na ASL, por sua vez, os estudos realizados por Klima e Bellugi (1979) demonstram que os sinais podem ser icônicos e arbitrários. Quando a representatividade dos sinais evidencia as características de seus referentes, eles são considerados icônicos, mas, quando sujeitos às regras do sistema linguístico do próprio idioma, são arbitrários. Dessa maneira, os processos gramaticais fazem submergir a iconicidade. Para os pesquisadores,

The iconic face does not appear in immediate memory signal processing. The historical shift diminishes the iconic properties of ASL signs; some signals become more opaque over time, others completely arbitrary. Grammatical operations submitted to signs can further submerge iconicity. (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 34)<sup>40</sup>.

Frishberg (1975), em consonância esses autores, enfatiza que a direção da mudança histórica de alguns sinais, ao longo de um século, tem sido do mais icônico ao mais arbitrário, de acordo com as regras do sistema linguístico.

De acordo com Valli e Lucas (1992), na ASL os classificadores são fortemente icônicos, porque se expressam em duas categorias de formas de mãos, que são formas classificadoras e formas articulatórias capazes de representar objetos, coisas, pessoas e ações. Assim, os classificadores, por muitas vezes, contribuem na constituição de novos sinais lexicais na ASL.

Ainda com relação à ASL, as pesquisas de Cagle (2010) comprovam que a iconicidade representa um “simbolismo visual”; representa-se visualmente a forma ou a imagem do referente, como nos sinais CARRO, CASA, ÁRVORE, CRESCER,

---

<sup>40</sup> “A face icônica não aparece no processamento de sinais na memória imediata. A mudança histórica diminui as propriedades icônicas dos sinais ASL; alguns sinais se tornam mais opacos ao longo do tempo, outros completamente arbitrários. As operações gramaticais submetidas aos signos podem submergir ainda mais a iconicidade.” (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 34, tradução nossa).

CHUVA, MONTANHA e COMER/ALIMENTAR. O item lexical CASA, por exemplo, pode ser considerado como icônico pela sua representatividade do contorno de uma casa típica dos padrões comum na Europa e na América.

Figura 34 - Sinal de HOUSE na ASL



Fonte: Cagle (2010, p. 111).

Na BSL, Perniss *et al.* (2017) descobriram que os sinais para representar objetos e ações eram icônicos, provavelmente porque podem ser apresentados como classificadores em ações corporais. Tanto na ASL como na BSL, os sinais correspondentes a propriedades semânticas com sinais relacionados a sentidos e experiências sensoriais são mais icônicos (PERNISS *et al.*, 2017).

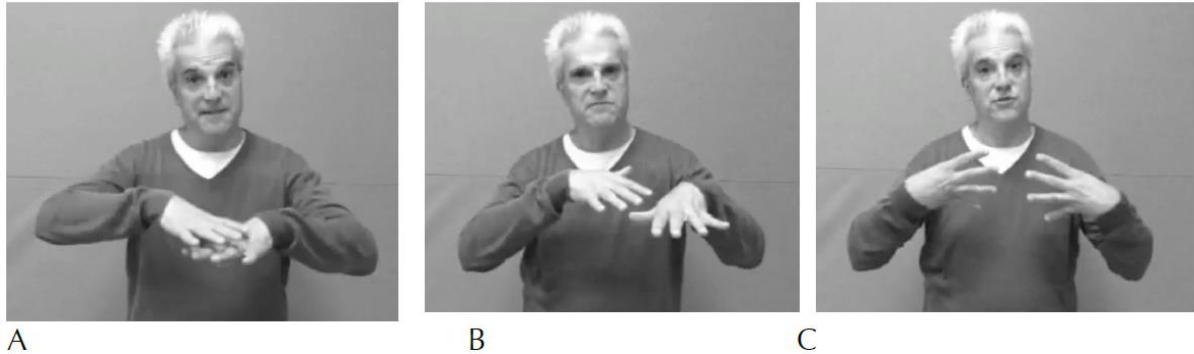
Em conformidade com esses achados, os estudos de Roccaforte (2009) na LIS consideram que a iconicidade é um fenômeno que está presente em todos os níveis: morfológico, lexical e sintático. Na língua de sinais italiana (LIS), a iconicidade se refere à capacidade de expressar conceitos visuais, que podem representar gestos pictóricos, definidos como classificadores. Esses também podem ser caracterizados como sendo de estruturas de grande iconicidade (RUSSO CARDONA; VOLTERRA, 2007).

Segundo Roccaforte (2009), na LIS, as mãos podem representar os objetos da realidade de um modo muito mais imediato, não somente conceitos concretos, mas também abstratos. Alguns, por exemplo, podem ser representados por uma metáfora icônica, como os sinais dos seguintes itens lexicais: ESQUECER, IMAGINAR e AMAR.

Os sinais icônicos na LIS representam um traço semântico perceptivo do referente, que pode ser: humano/não humano; animado/não animado; objetos redondos animados; objetos planos, objetos verticais ou horizontais. Podem ser usados também para caracterizar uma ação, no nível semântico, explorando o espaço, tendo, muitas vezes, uma característica econômica. Por exemplo, na LIS, a

configuração manual B (mão aberta, com todas as os dedos esticados e paralelos) é usada como um classificador para sinais referentes a superfícies planas e compactas, como paredes, portas, livros, jornais, mas também para veículos, como é o caso de carros.

Figura 35 - Sinal de: MATEMÁTICA; TRÁFEGO; PORTA na LIS



Fonte: Roccaforte (2009, p. 24).

As investigações realizadas por Pizzuto e Volterra (2000) com os sinais da LIS - a fim de verificar se há, em indivíduos surdos e ouvintes (não sinalizantes), de seis países (Dinamarca, Holanda, Inglaterra, Suíça, Espanha e Portugal), a mesma percepção dos sinais considerados icônicos, transparentes e opacos e sinais transparentes relacionados à cultura italiana - revelaram que: os sinais transparentes apresentaram um índice de acerto de 50% por todos os participantes; os sinais opacos tiveram uma porcentagem inferior a 50% de acerto; e os sinais transparentes com traços culturais compuseram um índice de acerto muito baixo para os não italianos. No entanto, os dados demonstraram que o surdo sinalizante tem mais facilidade de reconhecer e interpretar itens lexicais de outras línguas de sinais.

Para Taub (2012), pesquisas como essa revelam que a iconicidade não se estabelece a partir de uma simples relação objetiva entre imagem e referente, mas a partir dos modelos mentais que estão envolvidos às imagens dos referentes. Por outro lado, as pesquisas realizadas na LSF por Cuxac e Salandre (2007) atestam que os termos linguísticos icônicos podem ser classificados em três tipos distintos:

- (i) Altamente icônicos, que representam um por um, ou seja, busca assimilar as formas distintas que o referente pode representar: transferência de tamanho e forma, por exemplo, tronco de uma árvore; transferência de situação, que reproduz iconicamente um signo linguístico, representado a partir de uma



referência, como o pulo do cavalo; e transferência de pessoa, quando ocorre a incorporação do que se quer representar, quando o narrador, por exemplo, por “incorporação” passa a ser o cavalo da história;

(ii) Iconicidade degenerativa, quando um sinal apresenta significado pela sua origem, como é o caso do sinal de SEXTA-FEIRA, que é derivado de peixe, pelo significado cultural;

(iii) Iconicidade diagramática, quando a compreensão do sinal se dá no momento de sua execução, que pode ocorrer tendo como referência: o espaço, por exemplo, a direção do olhar; o tempo, com uso do corpo representando futuro ou passado; ou a pessoa, o que pode ser expresso por apontação ou com verbos direcionais.

Cuxac e Salandre (2007) destacam que os classificadores são altamente icônicos, por serem constituídos por morfemas composicionais. Em outras palavras, a execução do sinal representa o seu referente.

Na AUSLAN, as investigações de Johnston (1987) revelam que há diferentes graus de iconicidade, ele indica uma escala nos sinais: (i) transparentes; (ii) translúcidos; (iii) obscuros; e (iv) opacos.

Na perspectiva de Johnston (1987), um sinal transparente é aquele que apresenta uma determinada evidencia de compreensão de seu significado mesmo para pessoas que não sabem os sinais, mas que são compreensíveis porque compartilham a mesma base social e cultural, a exemplo dos sinais de PENTE/ESCOVA CABELO, NÃO, em Libras. O autor considera que o fato do sinal para CASA (HOUSE) ser considerado transparente é fruto de uma convenção por representar a forma do telhado. Suas investigações revelam que o número ou porcentagem de sinais transparentes é ínfimo no léxico de sinais da AUSLAN (JOHNSTON, 1987).

Figura 36 - Sinal de HOUSE (CASA) na AUSLAN



Fonte: Johnston (1989, p. 142).

Quanto aos sinais translúcidos, a compreensão do significado do sinal para pessoas não sinalizantes só ocorrerá quando for dito o significado. Nesse momento, é possível que o não sinalizante consiga estabelecer uma conexão entre a forma e seu significado, a exemplo do sinal de CIÊNCIA na Figura 37 (se realiza despejando líquidos de um tubo de ensaio para outro).

Figura 37 - Sinal de SCIENCE (CIÊNCIA) na AUSLAN



Fonte: Johnston (1989, p. 130).

Os sinais obscuros, por sua vez, estabelecem uma relação com o sinal, no entanto, pode ocorrer que a motivação para esse sinal se perdeu ao longo do tempo, de modo que falta a característica inicial, como nos sinais de RICH (RICO: como se estivesse acariciando/delineando as roupas finas de uma pessoa rica) ou BISCUIT (BOLACHA: como se relaciona o significado à forma do sinal).

Figura 38 - Sinal de BISCUIT (BOLACHA) na AUSLAN



Fonte: Johnston (1989, p. 114).

Segundo Johnson, os sinais opacos são os que não denotam nenhuma evidência ou característica; não têm nenhum elemento que favoreça estabelecer uma relação de sentido a que remete o sinal.

Indubitavelmente, todas as pesquisas realizadas em outros países atestam o valor da iconicidade e de suas especificidades. A partir dessas considerações, na sequência, abordamos as contribuições das pesquisas realizadas na Libras sobre este fenômeno.

### 2.3 ICONICIDADE NA LIBRAS

Na Libras, os fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade também são discutidos há tempos, com o intuito de melhor compreendê-los como propriedades da língua. Segundo Strobel e Fernandes (1998),

A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o “desenho” no ar do referente que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da LIBRAS são arbitrários, não mantendo relação de semelhança alguma com seu referente. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 5).

Para as pesquisadoras, a natureza linguística da Libras, por ser gestual-visual-espacial, pode sugerir que os sinais icônicos denotam uma característica motivada

pela forma ou pelo que se refere. Todavia, a maioria dos sinais é arbitrária porque não estabelece uma relação de semelhança. Nesse sentido, as autoras explicam os dois conceitos:

**SINAIS ICÔNICOS** - Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...]. **SINAIS ARBITRÁRIOS** - São aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 7).

O debate entre iconicidade e arbitrariedade é profícuo, considerando que, mesmo que um sinal motivado se for analisado de forma isolada, pode não corresponder a uma determinada classificação. No caso do sinal de ADVERTIR em Libras, se o analisarmos sem considerar a expressão facial, é possível dizer que está mais próximo da arbitrariedade do que da iconicidade, pois uma característica determinante no sinal é a expressão negativa e de alguém bravo. Podemos compreender, desse modo, que há diferentes graus ou níveis de iconicidade, assim como a gradação investigada por Klima e Bellugi (1979), na ASL, e por Capovilla *et al.* (1997), na Libras.

Figura 39 - Sinal de ADVERTIR em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 111).

Klima e Bellugi (1979) consideram que alguns sinais na ASL apresentam, em sua formação, uma descrição mais precisa do referente, que podem representar aspectos visuais do que é denotado e que há níveis de iconicidade. Com base nos dados que analisaram, constataram que: os sinais icônicos são transparentes por serem evidentes; os que apresentavam um aspecto representacional são os considerados translúcidos; os obscuros são os que mantêm uma relação com o referente, embora não seja evidente; e os sinais arbitrários são os que não são possíveis estabelecer nenhuma relação com o referente.

De modo similar, Capovilla *et al.* (1997), visando a compreender o fenômeno da iconicidade na Libras, obtiveram os resultados equivalentes ao estudo desenvolvido por Klima e Beluggi (1979), a partir de uma investigação conduzida com 28 universitários ouvintes não sinalizantes. Nesse estudo,

[...] os sinais icônicos são os que contêm traços semânticos aninhados em sua estrutura lexical em termos de queremas (articulação de mão, local de sinalização e movimento) que transmitem informação visual suficiente para permitir a observadores ingênuos apreender o significado desses sinais (CAPOVILLA *et al.*, 1997, p. 607).

De acordo com Capovilla e Raphael (2009), a iconicidade de um sinal pode ser compreendida como um sistema gradual, em uma escala que pode variar do mais icônico ou do menos icônico, isto é, os sinais transparentes/icônicos, os sinais translúcidos e os sinais opacos/arbitrários.

Por conseguinte, os estudos realizados por Faulstich (2007) enfatizam que a iconicidade se constitui pela vertente do pensamento da cognição. Pelo fato de a língua de sinais ser de modalidade visual e espacial, a relação icônica existe pela abstração mental, o que sugere ser um fenômeno mental e não uma mera associação entre referente e forma. Faulstich (2007) explica:

[...] a iconicidade é um fenômeno que aparece ligado à forma, visto que o movimento que descreve a configuração das mãos é entendido como um indicativo para a realização do sinal, daí a relação entre forma e ícone. O que queremos postular é que a iconicidade em Libras é um fenômeno de cognição, posto que uma palavra em Libras, sob a perspectiva do “objeto dinâmico”, é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos. (FAULSTICH, 2007, p. 155).

Para nossa análise, vamos considerar a iconicidade não somente a partir do binômio de arbitrariedade e iconicidade como conceitos opostos, mas sim como um fenômeno linguístico que apresenta outras gradações, como icônicos, translúcidos, obscuros e arbitrários, a partir de análises na formação dos sinais selecionados.

Nossas investigações consideram que na Libras é possível ocorrer um *continuum*, iniciando dos sinais icônicos/transparentes para os translúcidos, obscuros e opacos/arbitrários, pois, de acordo com a análise descritiva, alguns sinais podem expressar o seu significado por um ou mais dos parâmetros presentes em sua formação. Ao mesmo tempo, na análise linguística, ao analisarmos e descrevermos a formação dos itens lexicais, constatamos que alguns dos sinais apresentam influência das experiências pessoais e da comunidade. Nessa perspectiva linguística, é possível considerar que a construção de significados se dá a partir das interações, sendo maleáveis e moldadas a partir de uma construção mental, que se processa estabelecendo uma relação entre conhecimento e linguagem.

Neste capítulo, articulamos alguns dos estudos mais importantes internacional e nacionalmente que se direcionam para o objeto de nossa investigação. No próximo capítulo, explicitamos as trilhas investigativas e o percurso teórico-metodológico, contextualizando os procedimentos de geração de dados.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

*“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”. (Fernando Pessoa).*

#### 3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento desta pesquisa deu-se em três partes. A primeira foi dedicada à seleção de obras lexicográficas das quais pudéssemos extrair os dados para análise. O principal critério de escolha para essa seleção levou em consideração dois aspectos: os períodos das publicações e a importância de cada obra, tomando-se como ponto de partida o ano de 1875, quando foi publicado o que chamamos de o “primeiro dicionário de sinais usados no Brasil”. A segunda parte ocupou-se da seleção de alunos surdos interessados em participar e colaborar com a pesquisa. Assim, selecionamos 23 estudantes surdos matriculados no primeiro período do curso de graduação em Letras-Libras, na modalidade licenciatura, da UFGD. No entanto, logo após os três primeiros encontros no final de 2019 e início de 2020, foi necessária a interrupção das reuniões presenciais devido ao período da covid-19. Desse modo, foram necessários ajustes que explicamos no decorrer deste capítulo. Por fim, o terceiro momento envolveu a elaboração de um formulário no *Google Forms* para realizar a análise dos 304 sinais selecionados da obra de Capovilla *et al.* (2017).

##### 3.1.1 Etapa inicial: o momento de seleção das obras

A etapa inicial, crucial para o desenvolvimento de toda a pesquisa, foi a de levantamento das obras. Como mencionado, selecionamos quatro obras correspondentes ao século XX e ao século XXI, a saber: (i) *Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos* (GAMA, 1875); (ii) *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969); (iii) *Linguagem de Sinais* (SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 1992); e (iv) *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira LIBRAS* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).

Embora sejam muitas as críticas disferidas à obra de Gama, ainda assim entendemos que foi um marco importante para a história do desenvolvimento dos dicionários de Libras. Mesmo que nossa intenção não é aprofundar esse debate, vale dizer que tais críticas se devem, sobretudo, ao fato de que a obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* desenhada por Flausino José da Gama, em 1875, é considerada uma réplica da produção de Pélissier, intitulada *L'enseignement primaire des sourds-muets mis à la portée de tout le monde avec une iconographie des signes*, publicada no ano de 1856 (SOFIATO, 2005).

De fato, são poucas as diferenças entre as obras. Dentre as semelhanças, é possível pontuar: (a) são registradas pelo mesmo sistema de representação - por desenhos litografados<sup>41</sup>, (b) com indexação semântica - têm o mesmo aspecto da figura-referência; (c) não apresentam evidências das expressões faciais; (d) e usam sinais gráficos para indicar a orientação das mãos ou mesmo dos movimentos. Quanto às diferenças, destacam-se: o registro, pois em Pélissier são denominadas como pranchas e Gama faz uso do termo estampa; Pélissier não inclui nenhum texto informativo ou complementar quanto à realização do sinal, diferentemente de Gama, que, em alguns sinais, explica a forma de realização dos sinais; por fim, a obra de Pélissier não tem prefácio, ao passo que a de Gama foi prefaciada por Tobias Leite, a fim de contextualizar os objetivos da obra (SOFIATO, 2012).

Segundo Capovilla, Martins e Oliveira (2018), o fato de alguns sinais em Gama apresentarem uma descrição “como se” servia para informar uma ação, mímica, pantomima ou para representar o referente. Para os autores,

Tais dicionários descrevem os sinais de maneira representacional iconográfica, enfatizando a natureza gestual, mímica e pantomímica dos sinais, e chamando a atenção do leitor para o modo como os sinais evocam as características do objeto representado, de seu comportamento ou do comportamento humano em relação a esse objeto. (CAPOVILLA, MARTINS; OLIVEIRA, 2018, p. 156).

A partir da obra de Gama, realizamos uma pesquisa exploratória para selecionarmos outras do mesmo tipo que nos permitissem identificar e analisar se compartilhavam dos mesmos sinais.

---

<sup>41</sup>“Arte de desenhar e escrever em pedra para obter reproduções em papel. Impressão obtida por meio desse processo”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/litografia>. Acesso em: 30 set. 2022.



Após a seleção das obras, elaboramos, para fins de observação, uma tabela que gerou aproximadamente 1.600 sinais; alguns desses são citados ao longo deste texto. No Quadro 3, a seguir, inserimos o quantitativo dos sinais em cada obra, a partir das categorias de Gama (1875), com base nos 407 sinais que constam em seu dicionário, para, a partir desses referentes, verificar se nas outras três obras (OATES, 1969; SOCIEDADE TORRE DE VIGIA, 1992; CAPOVILLA *et al.*, 2001) havia sinais correspondentes aos mesmos referentes. A construção desse quadro foi um recurso utilizado para tentar responder às perguntas desta pesquisa, se de fato há uma prevalência de sinais icônicos e se há outras gradações possíveis no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade, pois, de acordo com Gil (2019), “[...] um problema é de natureza científica quando envolve proposições que podem ser testadas mediante verificação empírica.” (GIL, 2019, p. 22).

Com base nessa seleção, buscamos responder às hipóteses iniciais relacionadas à natureza da formação dos sinais da Libras, quanto à relação dos fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade. São as hipóteses que “[...] cumprem sua finalidade no processo de investigação científica.” (GIL, 2019, p. 27).

Ao término dessa etapa inicial, gerou-se o Quadro 3, em que constam o quantitativo dos sinais em cada obra, a partir das categorias da obra de Gama (1875).

Quadro 3 - Tipos de categorias e quantitativo de sinais a partir de Gama (1875)

Nº	Categorias	Gama	Oates	Sociedade Torre de Vigia	Capovilla & Raphael
01	Alfabeto	25 letras	28 letras	27 letras	27 letras
02	Alimentos e objetos de mesa	24	16	14	20
03	Bebidas e objetos de mesa	17	12	10	17
04	Objetos para escrever	20	09	07	15
05	Objetos da aula	18	08	08	15
06	Individualidades e profissões	25	18	14	19
07	Animais	26	20	19	24
08	Pássaros, peixes e insetos	20	15	12	20
09	Adjetivos	20	17	15	19
10	Adjetivos	26	22	19	26
11	Adjetivos (qualidades morais)	20	13	15	16
12	Adjetivos	20	17	16	19
13	Pronomes e os três tempos verbais	22	19	11	20
14	Verbos	21	18	19	21
15	Verbos	20	17	18	20
16	Verbos	24	19	20	21




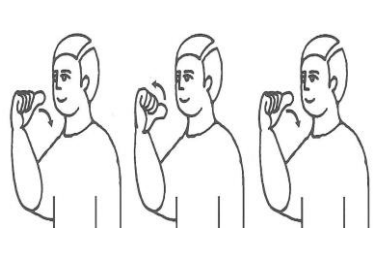
17	Advérbios	23	19	19	22
18	Preposições	20	17	11	16
19	Preposições e conjunções	21	15	09	16
20	Interjeições e interrogações	20	10	07	13
	<b>Total de referentes</b>	<b>407</b>	<b>301</b>	<b>263</b>	<b>359</b>

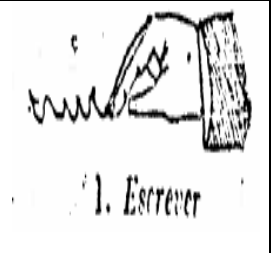
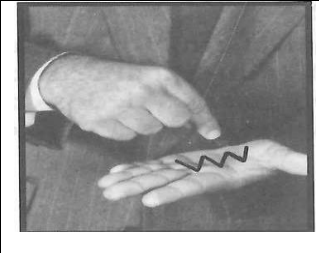
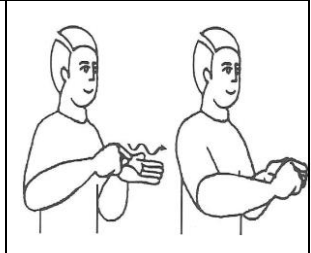
Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

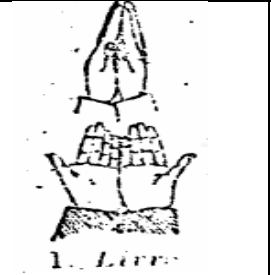

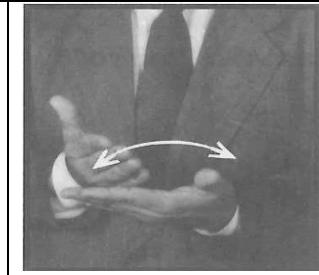
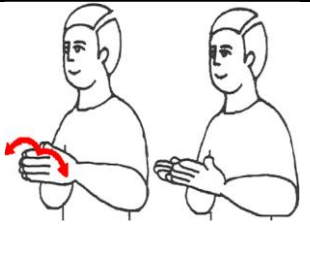
Após o levantamento dos referentes em todas as categorias a partir de Gama (Quadro 3), foram digitalizados todos os itens lexicais correspondentes às quatro obras selecionadas. No Quadro 4 (que constam exemplos extraídos da primeira tabela elaborada), composto por quatro colunas, inserimos as informações relativas ao período, ao ano, ao autor, ao sinal e à obra. Além disso, apresentamos os registros com imagens correspondentes a cada item lexical que dá início a cada categoria (GAMA, 1875), a saber: alimentos, objetos de mesa; bebidas e objetos de mesa; objetos para escrever; objetos da aula; individualidade e profissões; animais; pássaros, peixes e insetos; adjetivos; adjetivos (qualidades morais); pronomes e os três tempos absolutos do indicativo; verbos; advérbios; preposições; preposições e conjunções; interjeições e interrogações. A fim de ilustrar, seguem as imagens (Quadro 4) correspondentes aos sinais para cada categoria.



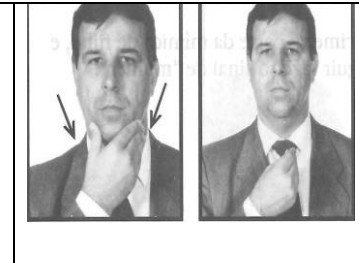
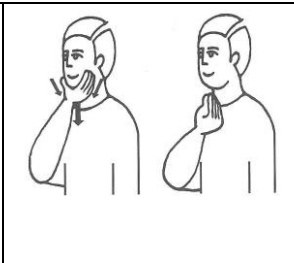
Quadro 4 - Sinais das categorias correspondentes aos itens lexicais de: COMER; BEBER; ESCREVER; LIVRO; HOMEM e SOLDADO; BURRO; PASSARINHO; PEIXE; INSETOS; GRANDE; OBEDIENTE; EU; PRESENTE; ABANDONAR; DIA; SOBRE; E; OH!; QUAL?



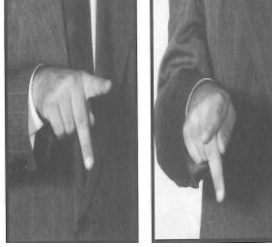
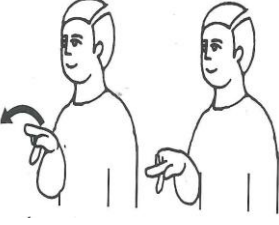
<b>Século XIX</b> Dicionário de Flausino José da Gama 1875	<b>Século XX</b> Dos anos de 1960 a 1989	<b>Século XX</b> Dos anos de 1990 a 1999	<b>Século XXI</b> Dos anos de 2000 até os dias atuais
			
1. COMER	1. COMER	1. COMER	1. COMER
Fonte: Gama (1875, p.14).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 30).	Fonte: Oates (1969, p. 31).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 434).

			
1 BEBER Fonte: Gama (1875, p.16).	1 BEBER Fonte: Oates (1969, p. 26).	1 BEBER Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 23).	1 BEBER Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 284).

			
1. ESCREVER Fonte: Gama (1875, p.18).	1. ESCREVER Fonte: Oates (1969, p. 45).	1. ESCREVER Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 49).	1. ESCREVER Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 603).

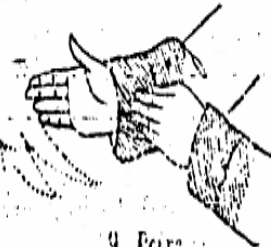


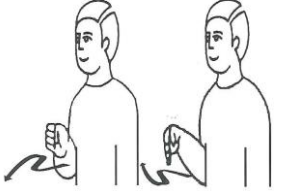
			
1. LIVRO Fonte: Gama (1875, p. 20).	1. LIVRO Fonte: Oates (1969, p. 127).	1. LIVRO Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 129).	1. LIVRO Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 824).

			
1. HOMEM Fingir tirar o chapéu. Fonte: Gama (1875, p. 22).	1. HOMEM Fonte: Oates (1969, p. 171).	1. HOMEM Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 272)	1. HOMEM Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 736).




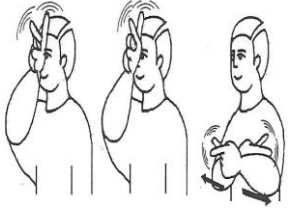
 <p><b>9. Professor</b></p>			
<p>14. PROFESSOR Fonte: Gama (1875, p. 22).</p>	<p>14. PROFESSOR Fonte: Oates (1969, p. 145)</p>	<p>14. PROFESSOR Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 150).</p>	<p>14. PROFESSOR Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1084).</p>




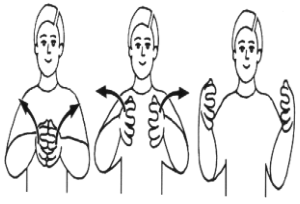
 <p><b>1. Burro</b></p>			
<p>1. BURRO Fonte: Gama (1875, p. 24).</p>	<p>1. BURRO Fonte: Oates (1969, p. 201).</p>	<p>1. BURRO Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 260).</p>	<p>1. BURRO Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 325).</p>


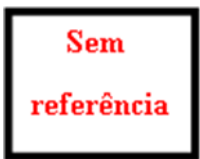
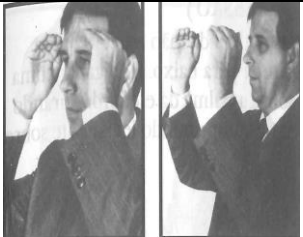
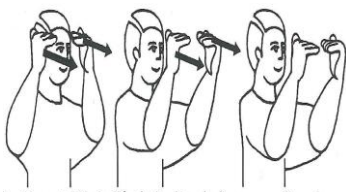
 <p><b>1. Passarinho</b></p>			
<p>1. PASSARINHO Figurar com o indicador esquerdo um bico de pássaro que o indicador direito se esforça para abrir. Fonte: Gama (1875, p. 26).</p>	<p>1. PASSARINHO Fonte: Oates (1969, p. 205).</p>	<p>1. PASSARINHO Fonte: Sociedade Torre de Vigia. (1992, p. 260).</p>	<p>1. PASSARINHO Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1016).</p>

 <p><b>9. Peixe</b></p>			
<p>9. PEIXE</p>	<p>9. PEIXE</p>	<p>9. PEIXE</p>	<p>9. PEIXE</p>

Move-se a mão para representar o peixe que nada.			
Fonte: Gama (1875, p. 26).	Fonte: Oates (1969, p. 206).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 266).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1024).

			
14. INSETOS Mover com os dedos sobre a mão como insetos que andam; acrescentando o sinal de preto e muito pequeno designa formiga.	14. INSETOS	14. INSETOS	14. INSETOS
Fonte: Gama (1875, p. 26).	Fonte: Oates (1969, p. 203).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 263).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 759).


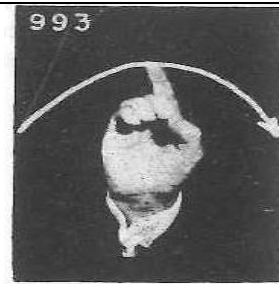

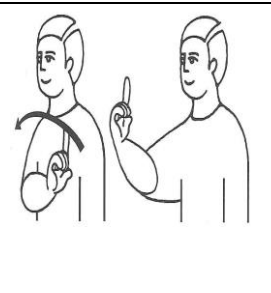
			
1. GRANDE	1. GRANDE	1. GRANDE	1. GRANDE
Fonte: Gama (1875, p. 28).	Fonte: Oates (1969, p. 209).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 120).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 718).

			
1. OBEDIENTE	1. OBEDIENTE	1. OBEDIENTE	1. OBEDIENTE
Fonte: Gama (1875, p. 32).	Fonte: Oates (1969).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia. (1992, p. 65).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 967).

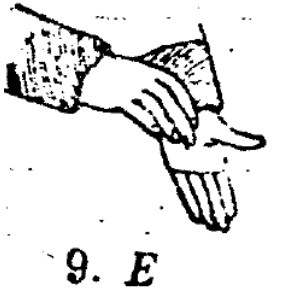
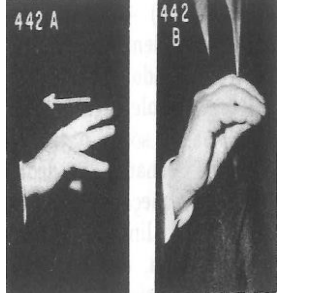
 <p><b>1. Eu</b></p>			
<p>1. EU</p>	<p>1. EU</p>	<p>1. EU</p>	<p>1. EU</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 36).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 115).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 113).</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 632).</p>

 <p><b>19. Presente</b></p>			
<p>20. PRESENTE Sinal de agora.</p>	<p>20. PRESENTE</p>	<p>20. PRESENTE</p>	<p>20. PRESENTE / AGORA</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 36).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 241).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 279).</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1077).</p>

 <p><b>1. Abandonar</b></p>			
<p>1. ABANDONAR Fechar as mãos como quem segura alguma coisa, e abri-las repentinamente como o movimento de quem repele.</p>	<p>1. ABANDONAR</p>	<p>1. ABANDONAR</p>	<p>1. ABANDONAR</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 38).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 17).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 121).</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 135).</p>

 <p>1. Dia</p>	 <p>993</p>		
<p>1. DIA Levantando a cabeça.</p>	<p>1. DIA</p>	<p>1. DIA</p>	<p>1. DIA</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 42).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 237).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 278)</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 540).</p>

 <p>1. Sobre</p>	 <p>679</p>		
<p>1. SOBRE A mão direita move-se sobre o dorso da esquerda.</p>	<p>1. SOBRE</p>	<p>1. SOBRE</p>	<p>1. SOBRE</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 46).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 153).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 159).</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1202).</p>

 <p>9. E</p>	 <p>442 A      442 B</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>Sem referênci<b>a</b></p> </div>	<div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>Sem referênci<b>a</b></p> </div>
<p>9. E / <i>ainda</i>. Bater levemente a palma da mão com os dedos reunidos; fortemente, de uma só vez <i>ainda</i>.</p>	<p>9. E (CONJUNÇÃO)</p>	<p>9. E (CONJUNÇÃO)</p>	<p>9. E (CONJUNÇÃO)</p>
<p>Fonte: Gama (1875, p. 48).</p>	<p>Fonte: Oates (1969, p. 82).</p>	<p>Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992).</p>	<p>Fonte: Capovilla e Raphael (2001).</p>

1. OH!	1. OH!	1. OH!	1. OH!
Fonte: Gama (1875, p. 50).	Fonte: Oates (1969).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

14. QUE É ISTO? Pode representar: que, qual, quem.	14. QUE? Pode representar: que, qual, quem.	14. QUE? Pode representar: que, qual, quem.	14. QUE? Pode representar: que, qual, quem.
Fonte: Gama (1875, p. 50).	Fonte: Oates (1969, p. 147).	Fonte: Sociedade Torre de Vigia (1992, p. 152).	Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1103).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018).

Como não estamos realizando um estudo diacrônico, e com vistas a atingir o objetivo da pesquisa, estabelecemos que, para a coleta de dados, os sinais analisados e discutidos seriam os 407 sinais referentes a obra de Gama (1875), mas esses constando na última versão de Capovilla *et al.* (2017), por ser a obra mais recente e por apresentar uma maior predominância de uso pela comunidade da Libras. Assim, na próxima seção, contextualizamos todas as obras selecionadas, pois, embora não sejam analisadas e discutidas neste momento, por conta dos novos critérios estabelecidos, elas foram investigadas e já discutidas em outras etapas do processo de doutoramento, como o Seminário de Tese e a Qualificação.

Uma informação relevante a ser considerada é que nas obras de Gama (1875), Oates (1969) e Capovilla e Raphael (2001) foram registrados todos os itens lexicais, sendo eles monomanuais ou bimanuais. No entanto, no registro de Capovilla *et al.* (2017), obra selecionada para análise, um dos critérios foi registramos apenas os sinais simples e monomanuais.



### 3.2 ESTUDOS INICIAIS DAS OBRAS SELECIONADAS

No Quadro 5, composto por sete colunas apresentamos um panorama das obras selecionadas inicialmente, em que constam informações sobre a obra, o ano, o autor, o local de publicação e editora, o número de itens lexicais registrados, o tipo de registro (se por litogravura, foto etc.) e a forma de indexação (se é organizada por categoria semântica ou por ordem alfabética).

Quadro 5 - Caracterização das obras selecionadas

Obra	Ano	Autor	Local e editora	Itens lexicais	Tipo de registro	Organização das entradas
<b>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</b>	1875	Flausino José da Gama	Rio de Janeiro (RJ), Tipographia Universal de E. & H. Laemmert	407	Litogravura	Por categorias semânticas
<b>Linguagem das Mãos</b>	1969	Eugênio Oates	Aparecida do Norte (SP), Editora Santuário	1.262	Fotografia	Por categorias semânticas
<b>Linguagem de Sinais</b>	1992	Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados	Cesário Lange (SP), Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados	1.330	Fotografia	Por categorias semânticas
<b>Dicionário Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira</b>	2001	Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael	São Paulo (SP), Editora da Universidade de São Paulo – Edusp	9.500	Desenhos lineares	Por ordem alfabética
<b>Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos</b>	2017	Fernando César Capovilla; Walkiria Duarte Raphael; Janice Gonçalves Temoteo e, Antonielle Cantarelli Martins	São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo – Edusp	13.000	Desenhos lineares	Por ordem alfabética

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 2018 e ajustada em 2020.

Nas subseções 3.2.1 e 3.2.3, apresentamos uma breve contextualização sobre as duas obras que foram usadas para esta pesquisa: *Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos* (GAMA, 1875) e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA *et al.*, 2017).

### 3.2.1 Iconographia dos Signaes dos Surdos–Mudos

No século XIX, mais precisamente em 1875, registra-se a obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino José da Gama.

Figura 40 - 1ª edição	Figura 41 - Edição do INES
	
Fonte: Gama (1875).	Fonte: Série Histórica (1875).






Nessa obra, constam 407 referentes, divididos em 20 estampas<sup>42</sup>. A primeira estampa apresenta o alfabeto manual, com 25 letras e, as demais, os sinais correspondentes a: alimentos, objetos de mesa e verbos (24 sinais); bebidas, objetos de mesa e verbo (17 sinais); objetos para escrever (20 sinais); objetos da aula (18 sinais); individualidades e profissões (25 sinais); animais (26 sinais); pássaros, peixes e insetos (20 sinais); adjetivos (20 sinais); adjetivos e cores (26 sinais); adjetivos (qualidades morais) (20 sinais); adjetivos (20 sinais); pronomes e os três tempos absolutos do indicativo (22 sinais); verbos (21 sinais); verbos (20 sinais); verbos (24 sinais); advérbios (23 sinais); preposições (20 sinais); preposições e conjunções (21 sinais); e interjeições e interrogações (20 sinais).

Em uma análise inicial da obra de Gama (1875), consideramos que sua natureza era iconográfica, com entrada por categorias semânticas, sendo raros os registros de referentes de corpo inteiro (apenas 11 referentes) e todos com o gênero masculino.

<sup>42</sup> Estampa é o nome dado a uma imagem impressa em papel, tecido etc., por meio de chapa gravada, prancha, sinônimo de gravura, ilustração. Informações disponíveis em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=estampa>. Acesso em: 3 nov. 2019.

A fim de ilustrar o que estamos dizendo, elaboramos o Quadro 6 com cinco colunas: 1ª com destaque para o corpo inteiro, com um sinal usado para representar cachorro, naquela época, em que se bate com uma das mãos sobre a coxa, próximo ao joelho, dando a entender a forma de chamar o cachorro; 2ª na cabeça, o sinal de homem sugerindo a aba de um chapéu; 3ª no tronco, o sinal referente à criança/filha, como se estivesse segurando um bebê no colo; 4ª mãos, ambas realizando um movimento simultâneo, têm uma referência ao sinal para criado; e 5ª nos dedos, o sinal de irmão/irmã esfregando um indicador no outro se referindo à proximidade entre alguém ou algo.

Quadro 6 - Exemplos na obra de Gama (1875)

				
<b>21. Cão</b>	<b>1. Homem</b>	<b>4. Criança, Filha</b>	<b>10. Criado</b>	<b>5. Irmão, Irmã</b>
<b>Corpo inteiro</b>	<b>Cabeça</b>	<b>Tronco</b>	<b>Mãos</b>	<b>Dedos</b>
Fonte: Gama (1875, p. 24).	Fonte: Gama (1875, p. 22).	Fonte: Gama (1875, p. 22).	Fonte: Gama (1875, p. 22).	Fonte: Gama (1875, p. 22).

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2020).

Quanto aos aspectos que caracterizam os referentes, verificamos que não existe um padrão, pois há caracterização de pessoas mais idosas, de jovens e de crianças. No tocante às expressões faciais, somente em alguns referentes há essa representatividade.

Observamos, ainda, que alguns referentes apresentam pontilhados, setas, curvas, movimentos de ziguezague e helicoidal para indicar o tipo de M ou a sua direção, como na Figura 42:

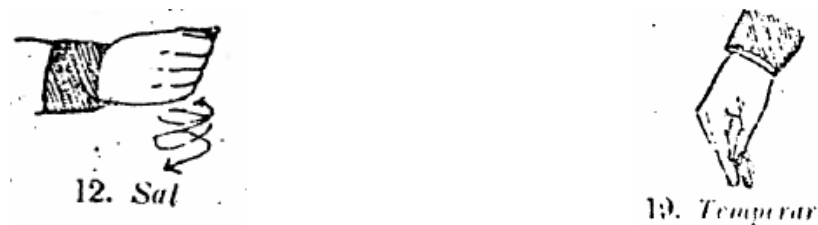
Figura 42 - Exemplos de movimento na obra de Gama (1875)



Fonte: Gama (1975, p. 24-40).

No entanto, essa orientação de como o sinal deve ser realizado não consta na descrição de alguns referentes. Deveras, dos 407 referentes, somente 232 apresentam a descrição de como realizar o sinal. Em alguns casos, sugere-se que seja complementada a realização do sinal, com base em outro já apresentado numa outra imagem, como no exemplo do sinal para SAL.

Figura 43 - Formação dos itens lexicais SAL e TEMPERAR



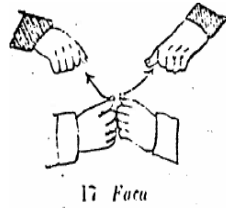
Fingir moer com a mão direita sobre a esquerda, e acrescentar o sinal 19.

Mover os dedos retraídos, como quando se semeia ou se espalha sal sobre o prato.

Fonte: Gama (1875, p. 14).

Em alguns itens lexicais, há um detalhamento para diferenciar um sinal de outro. Por exemplo, para distinguir os sinais de FACA e CANIVETE, na entrada de FACA consta como ato de cortar, sem mencionar como se realiza o ato. Já para o item lexical CANIVETE, além do ato de cortar, destaca-se que também é preciso realizar o ato de abrir. Assim, nesse item tem-se um acréscimo de informações para a realização do sinal.

Figura 44 - Sinais de FACA e de CANIVETE



#### 17. FACA

Pode ser representado para CANIVETE, demonstrando o ato de abrir. Se for FACA, representa o ato de cortar.

Fonte: Gama (1875, p.14).

### 3.2.2 Dicionário da Língua de Sinais Brasileira

Desde a primeira obra lexicográfica de Gama, em 1875, a segunda a ser publicada foi *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969), sendo essa a primeira do século XX, editada, inicialmente, em 1969 e uma nova versão em 1990. Ainda nesse período, outras publicações também foram relevantes como podem ser observadas no Quadro 5. No século XXI, localizamos a primeira versão impressa do *Dicionário Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001), com aproximadamente 9.500 entradas pela ordem alfabética e verbetes da língua portuguesa seguidas de seus respectivos sinais em Libras, sendo atualizado em 2012 e 2017.

Figura 45 - Dicionário Ilustrado Trilíngue: Língua de sinais Brasileira



Fonte: Capovilla & Raphael (2001).

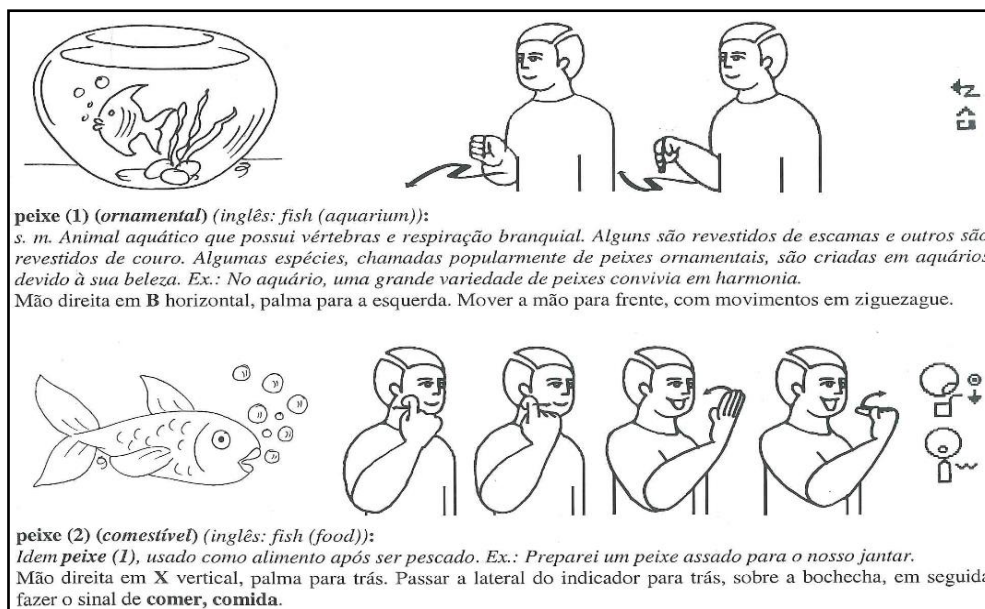
Esse dicionário conta com 9.500 sinais, além de alfabeto manual, numerais, verbos, adjetivos, substantivos (comuns, abstratos e concretos), advérbios, pronomes (pessoais, possessivos e interrogativos). A versão de 2001 foi publicada em dois

volumes, em ordem alfabética, sem divisão por categorias, sendo registrado por desenhos lineares.

A obra é considerada um diferencial das demais por conter: uma ilustração precisa da forma do sinal em estágios; a escrita visual direta do sinal em *SignWriting*; os verbetes do Português e do Inglês; a classificação gramatical dos verbetes em Português; a definição do significado representado pelo sinal e pelos verbetes do Português e do Inglês; exemplos que ilustram seu uso linguístico apropriado; e a descrição detalhada e sistemática da forma do sinal.

Os verbetes que constituem o dicionário aparecem sempre no gênero masculino, seguido do feminino. Ressalta-se que o mesmo item lexical pode vir numerado, por exemplos (1), (2), (3), considerando que um determinado sinal pode ter o mesmo significado, mas usualmente pode se distinguir no uso.

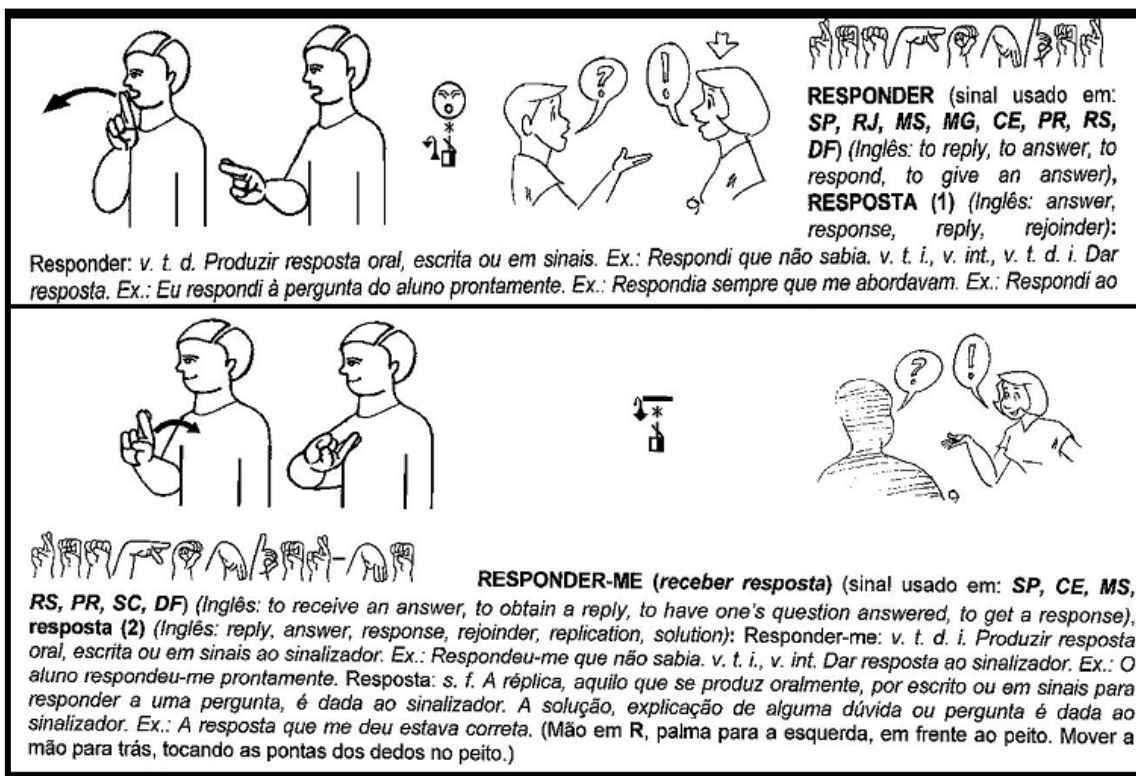
Figura 46 - Exemplo de sinais para o mesmo referente



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1024).

Algumas entradas que registram os verbos também podem ter o mesmo significado, mas, com a flexão (em pessoa, número e aspecto), como é o caso dos verbos de concordância, o sinal talvez seja correspondente à pessoa no sentido de realizar o ato ou receber o ato.

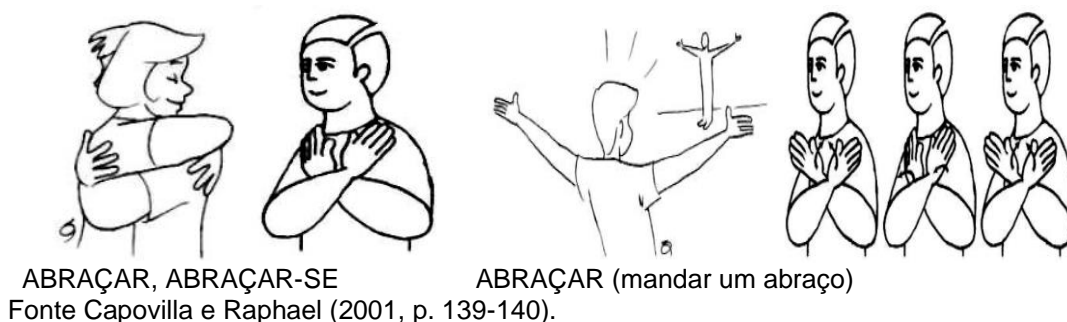
Figura 47 - Exemplo de sinais que se flexionam em pessoa, número e aspecto



Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2441-2442).

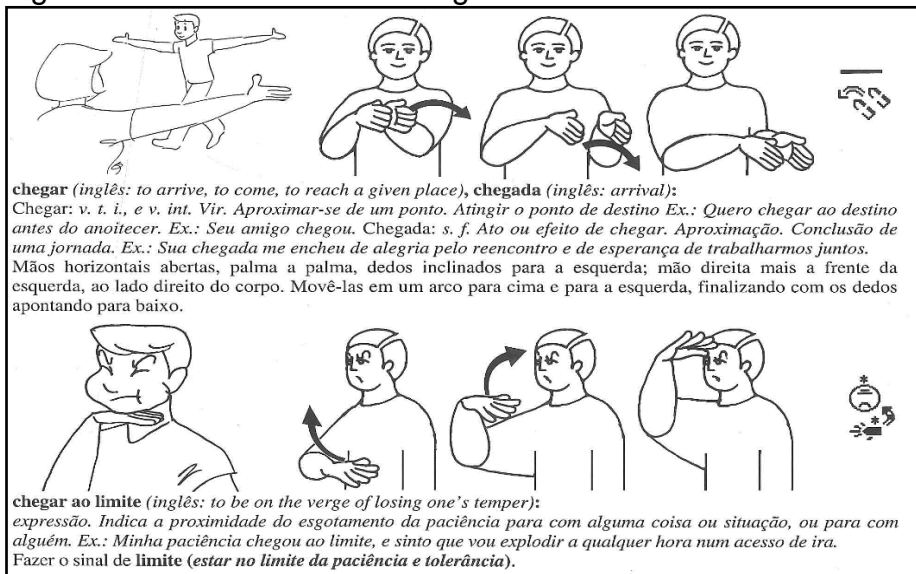
Há outros exemplos para sinais que, embora apresentem o mesmo significado, se distinguem na condição de pessoa: o sinal corresponde à pessoa no sentido de realizar o ato ou receber o ato (Figura 48). Outra possibilidade, ainda, é o mesmo item lexical apresentar significados diferentes (Figura 49)

Figura 48 - Sinal de ABRAÇAR - ABRAÇO



Uma outra situação é o mesmo item lexical apresentar significados diferentes, como em CHEGAR, que pode ser para o verbo ou uma expressão que indica o limite de tolerância e/ou de paciência.

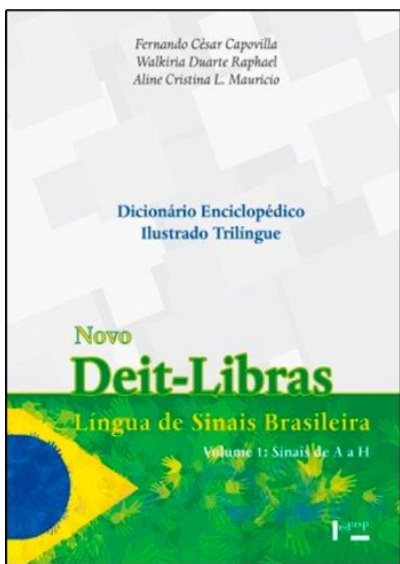
Figura 49 - Itens lexicais com significados diferentes



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 398).

A segunda edição foi publicada em 2012, com uma alteração no nome, passando a ser intitulado *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira*, e com dois volumes, um de A a H e o outro de I a Z. De acordo com Capovilla, Raphael e Maurício (2012), nesse dicionário, há “[...] 9.021 verbetes em Português que correspondem a **10.296 sinais de Libras** e 13.757 verbetes em Inglês que correspondem aos 9.021 verbetes em Português.” (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012, p. 45, grifos nossos).

Figura 50 - Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Novo Deit-Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2012).



E a última versão, o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*, também foi coordenado por Fernando César Capovilla *et al.* (2017), é mais atualizada e robusta, registrando mais de 13.000 sinais distribuídos em três volumes. Essa foi a versão utilizada nesta tese para as análises.

Figura 51 - Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos



Fonte: Capovilla *et al.* (2017).

### 3.3 ETAPA INTERMEDIÁRIA

O segundo momento da pesquisa foi, a partir dos termos já submetidos ao Comitê de Ética pelo grupo de pesquisa PORLIBRAS, contatar um grupo de 23 estudantes surdos matriculados, em 2018, no primeiro semestre letivo do curso de Licenciatura Letras-Libras da UFGD. Esse primeiro contato realizado no final do segundo semestre de 2019 e início do primeiro semestre de 2020, por meio da Libras, e teve o intuito de realizar uma anamnese (Apêndice A) para identificar, não apenas informações acerca do histórico de vida de cada aluno, mas, sobretudo, o seu conhecimento sobre a sua própria língua, a Libras.

A fim de discutirmos a iconicidade e a arbitrariedade contidas em cada item lexical, os estudantes deram alguns exemplos de sinais considerados como icônicos, tais como COMER, BEBER, CASA, TELEFONE e ALMA. Os alunos surdos consideraram esses sinais com traços icônicos pelo sentido expreso em sua realização, os quais foram classificados como sinais que tiveram alguma motivação na sua formação. Foi possível, nesse momento, que discutissem entre eles sobre como definir a iconicidade e a arbitrariedade nos sinais.

Apesar das muitas contribuições observadas nos encontros realizados com os alunos, a princípio presenciais, devido ao avanço da pandemia da covid-19, todas as atividades e contatos presenciais foram suspensos, atendendo às normas estabelecidas por meio de decretos federais<sup>43</sup>, estaduais e municipais. Embora, houvesse a possibilidade de realização de atividades remotas de modo síncrono, por ser uma pesquisa que necessitaria de observações e percepções subjetivas de cada aluno, e para evitar possíveis influências de terceiros nas percepções e respostas individuais de cada estudante, o trabalho que envolveria alunos colaboradores foi cessado. Nesse sentido, houve a necessidade de buscarmos outro meio para investigar e sistematizar os sinais selecionados para esta pesquisa. Para tanto, fomos direcionados para um terceiro momento, que foi a elaboração de um formulário no *Google Forms* para realizar a análise dos 304 sinais a partir da obra de Capovilla *et al.* (2017), como descrito a seguir.

### 3.4 ORGANIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

A partir da construção de uma tabela com os 407 referentes da obra de Gama (1875), a nossa busca revelou que nem todos constavam nas demais obras selecionadas. Assim, da previsão inicial que tínhamos de registrar 1.600 referentes, localizamos um total de 1.294 itens lexicais. Nesses casos, indicamos com a expressão “sem referência” as situações nas quais não localizamos os itens lexicais correspondentes. No Quadro 7, destacamos as obras investigadas e o número de referentes encontrados em cada uma.

Quadro 7 - Total de referentes nas obras

Obras	Referentes
Gama (1875)	407
Oates (1969)	299
Sociedade Torre de Vigia (1992)	262
Capovilla (2001)	326
Capovilla <i>et al.</i> (2017)	304 (monomanuais)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora em 2018 e adaptado em 2020.

<sup>43</sup> No *link* a seguir, constam as normatizações da UFGD, baseadas na legislação federal e estadual, durante o período da pandemia da covid-19: <https://portal.ufgd.edu.br/divisao/legislacao-normas-cograd/index>

Como podemos observar, dos 407 registros em Gama (1875), em Capovilla *et al.* (2001) há uma correspondência de 326 sinais monomanuais e bimanuais, a o passo que, em Capovilla *et al.* (2017), há uma correspondência de 304 sinais apenas monomanuais, conforme os critérios descritos a seguir. A obra de 2001, desse modo, constam 22 sinais a mais porque foram considerados os realizados com uma (monomanual) e com duas mãos (bimanual). Em função disso, o nosso primeiro critério, após a etapa de qualificação desta pesquisa, foi decidir qual das duas deveríamos usar para as nossas análises, momento em que optamos pela versão mais recente (CAPOVILLA *et al.*, 2017).

Desse modo, para o nosso objeto de estudo, delineamos os seguintes critérios:

- I. Analisar os sinais correspondentes aos mesmos referentes da obra de Gama (1875);
- II. Considerar, para análise descritiva e linguística, apenas os sinais simples<sup>44</sup> e monomanuais<sup>45</sup>;
- III. Após a análise linguística dos itens lexicais selecionados, definir um indicativo de quais seriam as gradações identificadas, considerando-as como icônicas, translúcidas, obscuras ou arbitrárias;
- IV. A fim de realizar uma análise bem criteriosa, construir um formulário no *Google Forms*, denominado *Estudo dos fenômenos linguísticos: arbitrariedade e iconicidade em Libras*.

O formulário elaborado contemplou os seguintes aspectos:

1. Nome do pesquisador responsável;
  - a. Item lexical selecionado e registrado em GLOSA<sup>46</sup>;
  - b. Seleção do item lexical;
  - c. Vídeo do item lexical;
2. Identificação e seleção do sinal, considerando as seguintes categorias:

---

<sup>44</sup> Sinais simples são os formados por um único sinal, por exemplo, o sinal de CASA. Já os sinais compostos são os constituídos pela junção de dois sinais, como em ESCOLA (CASA + ESTUDAR).

<sup>45</sup> Sinais Monomanuais são os realizados com uma única mão na execução do sinal.

<sup>46</sup> De acordo com Wilcox e Wilcox (1997), GLOSA é um sistema em que uma palavra é grafada em maiúsculo, como representação do sinal manual, com sentido equivalente.

2.1 Categorias semânticas: animais, alimentos, bebidas, casa, cores, objetos escolares, família, pessoas, profissões, orientação espacial, orientação temporal, quantidades e medidas;

2.2 Categorias gramaticais: adjetivo, advérbio, conjunção, interjeição, interrogação, preposição, pronome, substantivo e verbo.

A partir da seção 3 do formulário, o objetivo era observar os critérios linguísticos específicos, considerando:

3.1 Tipo do item lexical: se é simples com CM inicial e final iguais ou diferentes; se tem ou não M; se a L é igual ou diferente; se tem ou não Ponto de Contato – PC;

3.2. Identificação do registro de CM.

Para nossa pesquisa, selecionamos a tabela do INES, com 79 tipos de CMs.

Figura 52 - Tipos de Configurações de Mãos



Fonte: INES (2005).

Na seção 4 do formulário, identificamos o local de realização do sinal - L/PA -, tendo em vista que esse pode se realizar:

4.1 No espaço neutro, em frente ao corpo: acima da cabeça, na frente da cabeça, em frente ao tronco;

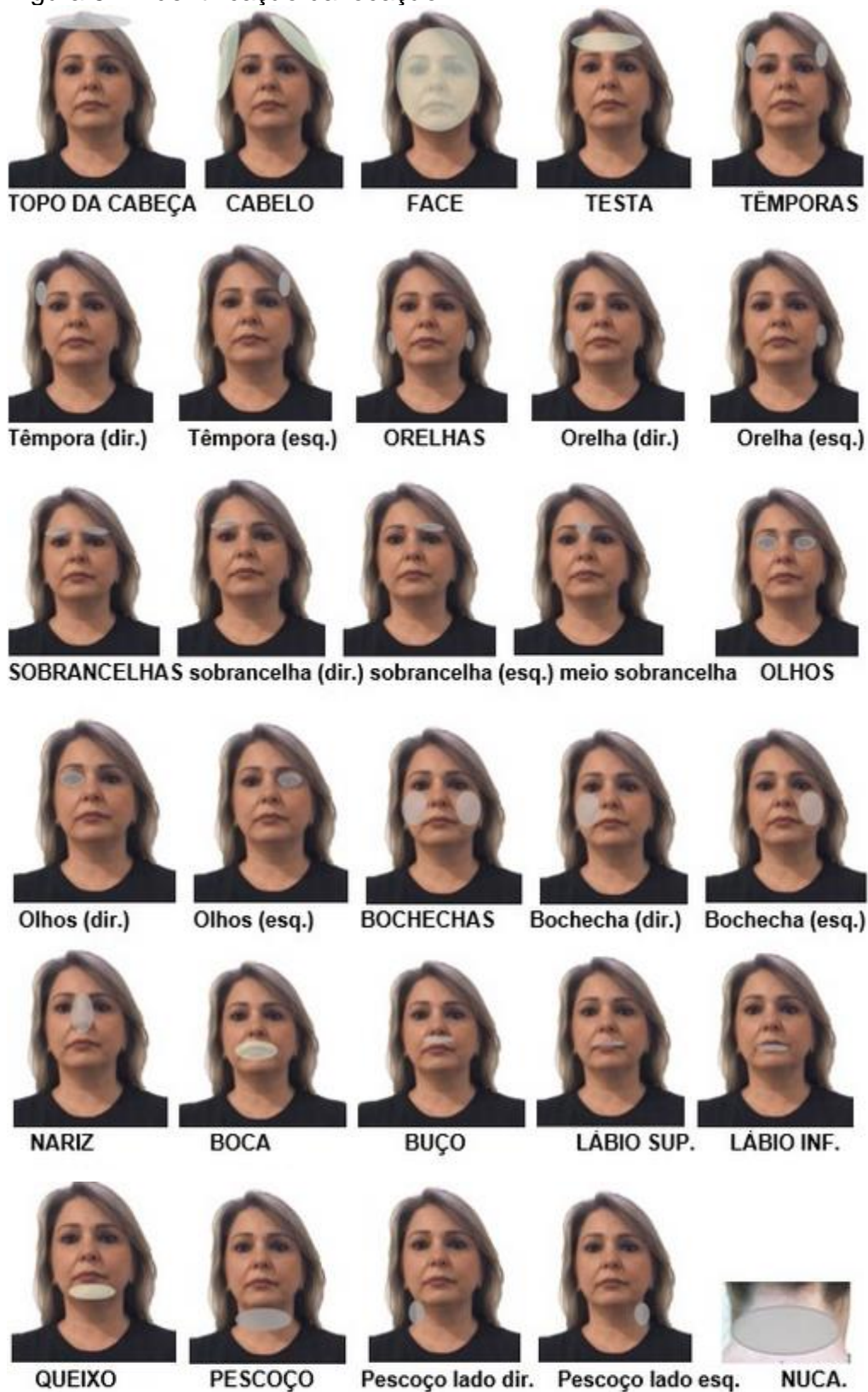
Figura 53 - Locação no espaço neutro



Fonte: Martins (2020, p. 210).

4.2 Quando o sinal se realiza na frente da cabeça, face e pescoço, há, nesse campo, opções para identificar o local específico, como, testa, têmpora, orelha, olho, sobrancelha, bochecha, nariz, boca, buço, lábio, queixo, pescoço e nuca;

Figura 54 - Identificação da locação



Fonte: Martins (2020, p. 206-207).

4.3 Quando o sinal se realiza no ombro, é possível assinar em 4.3.1 qual o ombro especificamente (direito, esquerdo, bilateral);

Figura 55 - Locação no ombro



Fonte: Martins (2020, p. 207).

4.4 Quando o sinal se realiza no peito, há, no item 4.4.1, a opção de assinalar, por exemplo, peito, peito do lado direito, peito no lado esquerdo, no centro do peito;

Figura 56 - Locação no peito



Fonte: Martins (2020, p. 207).

4.5 Se o sinal se realizar no abdome, há o campo 4.5.1 para assinalar em qual local especificamente se realiza, por exemplo, em todo o abdome, abdome do lado direito, abdome do lado esquerdo, no centro do abdome, abaixo do abdome;

Figura 57 - Locação no abdome



Fonte: Martins (2020, p. 208).

4.6 Quando o sinal se realiza na altura do quadril, é possível assinalar se é no quadril, no quadril do lado direito, quadril do lado esquerdo, quadril bilateral;

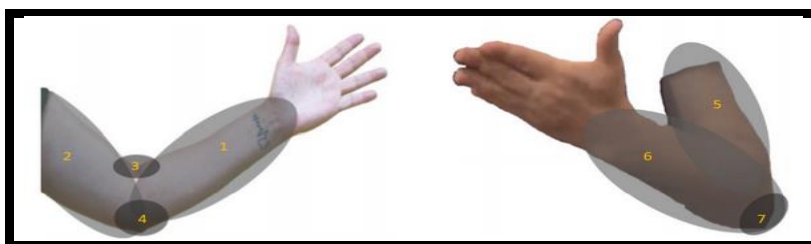
Figura 58 - Locação no quadril



Fonte: Martins (2020, p. 208).

4.7 Quando o sinal se realiza no braço, para melhor compreensão, registramos a imagem onde a seleção ocorre pela identificação do número correspondente à parte de realização do sinal, como neste exemplo:

Figura 59 - Pontos de contato no braço

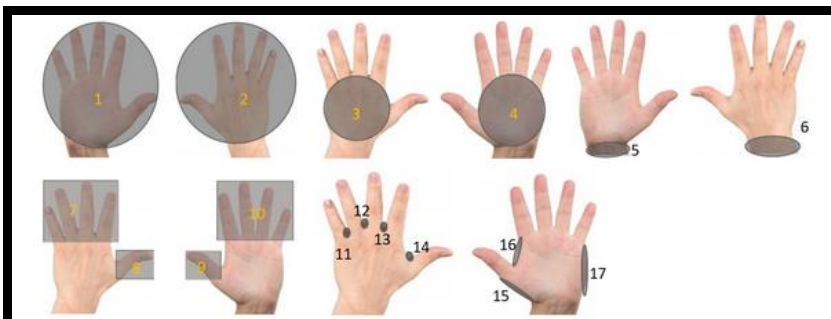


Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).



4.8. Quando o sinal se realiza na mão, usamos o registro da imagem das mãos com seleção das partes, conforme a Figura 60:

Figura 60 - Pontos de contato nas mãos



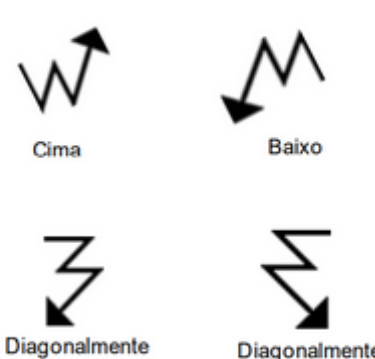
Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).

Na sequência, na seção 5, registramos se há ou não Ponto de Contato (PC). Se houver PC, então, em 5.1, identificamos o local do contato, que pode ser: cabeça, testa, têmpora, olho, nariz, orelha, bochecha, boca, lábio, dente, língua, queixo, pescoço, ombro, peito, braço, antebraço, mão, dedo, costas, abdome, perna e joelho.

Na seção 6, há um campo para identificação da parte do corpo que se movimenta. A partir disso, os campos para assinalar o tipo de M são:

### 6.1 Movimento Angular;


Figura 61 - Movimento Angular

<p><b>2- Angular:</b> a mão pode mover-se em 4 direções.</p> <p>PARA:</p> <p>2.1 Cima</p> <p>2.2 Baixo</p> <p>2.3 Diagonalmente para a Esquerda</p> <p>2.4 Diagonalmente para a Direita</p>	 <p>Cima</p> <p>Baixo</p> <p>Diagonalmente para a Esquerda</p> <p>Diagonalmente para a Direita</p>
---	--

Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 218).

### 6.2 Movimento Circular;

Figura 62 - Movimento Circular

<p><b>4- Circular:</b> a mão pode mover-se em 6 direções.</p> <p>PARA:</p> <p>4.1 Cima 4.2 Baixo 4.3 Frente 4.4 Trás 4.5 Lado Direito 4.6 Lado Esquerdo</p>	 <p>Cima      Baixo      Frente</p> <p>Trás      Lado Esquerdo      Lado Direito</p>
---	---

Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).

### 6.3 Movimento Semicircular;



Figura 63 - Movimento Semicircular

<p><b>5- Semicircular:</b> a mão pode mover-se em 6 direções.</p> <p>PARA:</p> <p>5.1 Cima 5.2 Baixo 5.3 Frente 5.4 Trás 5.5 Lado direita 5.6 Lado esquerdo</p>	 <p>Lado Direito      Lado Esquerdo</p> <p>Cima      Baixo</p> <p>Trás      Frente</p>
---	---

Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).

### 6.4 Movimento Helicoidal;



Figura 64 - Movimento Helicoidal

<p><b>3- Helicoidal:</b> a mão pode mover-se em 6 direções.</p> <p>PARA:</p> <p>3.1 Cima 3.2 Baixo 3.3 Lado direito 3.4 Lado Esquerdo 3.5 Diagonalmente para a Esquerda 3.6 Diagonalmente para a Direita</p>		 <p><b>FURACÃO</b></p>
--	---	---

Fonte: Martins (2020, p. 218).

6.5 Movimento Retilíneo;

Figura 65 - Movimento Retilíneo

Movimento	Representação visual Na perspectiva do sinalizante	Exemplos em Libras
<p><b>1- Retilíneo:</b> a mão pode mover-se em 8 direções.</p> <p>PARA:</p> <p>1.1 Frente 1.2 Trás 1.3 Cima 1.4 Baixo 1.5 Lado Direito 1.6 Lado Esquerdo 1.7 Diagonalmente para a Direita 1.8 Diagonalmente para a Esquerda</p>		 <p><b>CÉLULA</b></p>

Fonte: Martins (2020, p. 218).

6.6 Movimento Sinuoso;

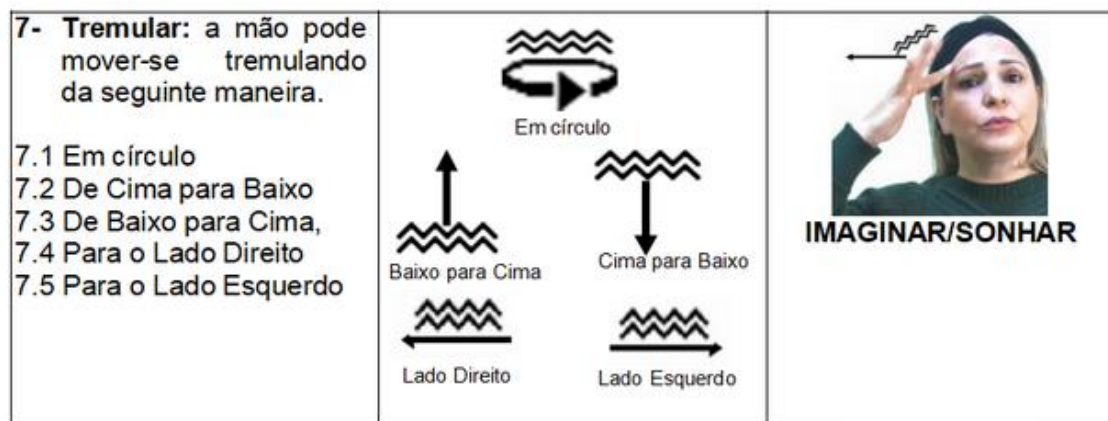
Figura 66 - Movimento Sinuoso



Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).

### 6.7 Movimento Tremular.

Figura 67 - Movimento Tremular



Fonte: Martins (2020, p. 220).

Com relação ao movimento tremular representado pelo símbolo (👉), Martins (2020) sugere que esse seja incorporado aos demais tipos de movimentos. De acordo com a autora, ele pode ocorrer em três situações:


(1) a palma da mão voltada para baixo fica tremulando; porém, ela não se movimenta nem para os lados, nem para cima e nem para baixo; o único movimento que ela faz é tremular de toda a mão ou apenas da ponta dos dedos; (2) a palma da mão voltada para baixo, além de tremular, como no caso anterior, também faz um movimento retilíneo de descida, partindo da altura do queixo até chegar à altura da cintura. Esse movimento de descida é vertical e retilíneo; e (3) a palma da mão voltada para baixo, além de tremular, também como no caso anterior, simultaneamente faz um movimento circular, ou seja, a palma da mão voltada para baixo fica tremulando ao mesmo tempo em que descreve um movimento circular. (MARTINS, 2020, p. 220).

Ainda na mesma seção identificamos as características do M:

6.8. Característica do M, como para cima, de cima para baixo, para baixo, de baixo para cima, para frente, para trás, no centro, para o lado direito, para o lado esquerdo, na horizontal, na vertical, diagonalmente para a esquerda, diagonalmente para a direita, simultâneo, alternado, de abrir, de fechar, abrir e fechar, repetição do M uma vez, repetição do M duas vezes e repetição do M várias vezes;

6.9 Sem Movimento: campo a ser assinalado quando o sinal não realizar nenhum M.

Figura 68 - Sem movimento

<p>8- Sem Movimentos: a mão não se movimenta durante a realização do sinal</p>	
--	---

Fonte: Adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021) de Martins (2020, p. 208-209).

No campo 7, registramos se há ENM, considerando se são:

7.1 Gramatical: quando expressam grau aumentativo, grau diminutivo, aspecto rápido, aspecto lento, marcação de intensidade, marcação de volume, marcação de forma e marcação de tamanho;

7.2 Afetiva/Sentimento, podendo ser: neutra, sorridente/feliz, triste/ansiedade/cansado, medo/nervoso, bravo/irritado, surpreso/admirado, nojo/birra/indignado, alegre/felicidade, com surpresa, deboche/maldade, aflição/desespero, entristecido/irritado, decepção/apimentado, nojo/tristeza, com medo, agoniado/preocupado, encurralado/medo, esperança mínima (sorriso amarelo) /falsidade, extasiado/horror/indignado, raiva/ódio, ojeriza/inveja, intimidade/ciúmes, debochado/dor, sério/medo ou item lexical registrado sem ENM;

### 7.3 Expressão facial da sobrancelha, com seis opções de escolha;

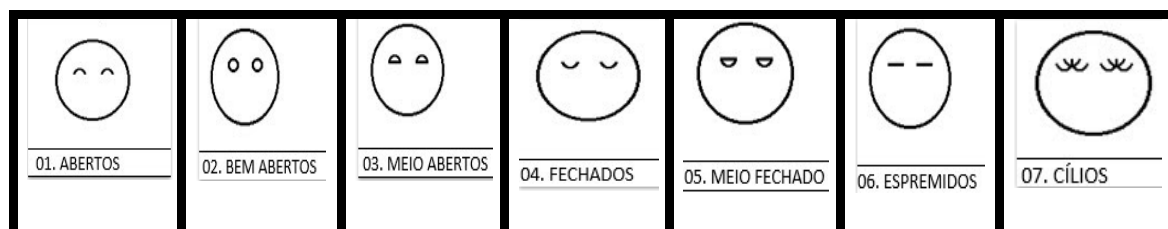
Figura 69 - Expressão Não Manual da sobrancelha



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

### 7.4. Expressão facial dos olhos;

Figura 70 - Expressão Não Manual dos olhos



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

### 7.5. Expressão facial do nariz;

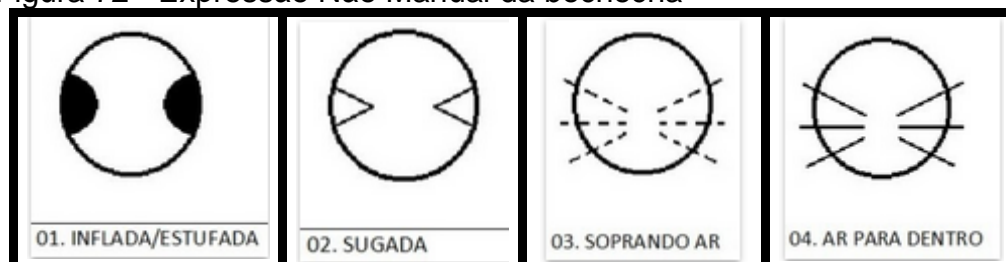
Figura 71 - Expressão Não Manual do Nariz



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

### 7.6 Movimento com a bochecha;

Figura 72 - Expressão Não Manual da bochecha



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

7.7 Expressão facial que envolve os dentes;

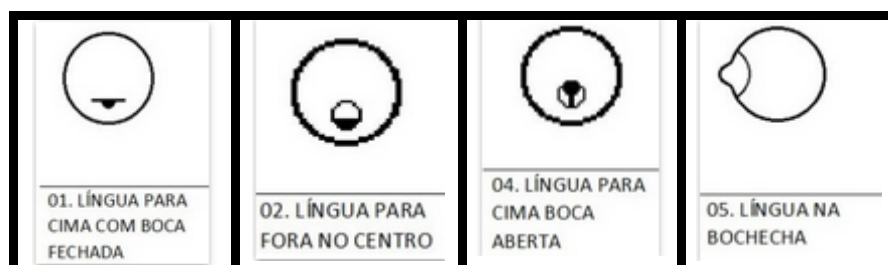
Figura 73 - Expressão Não Manual dos dentes



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

7.8 Expressão facial que envolve o movimento da língua;

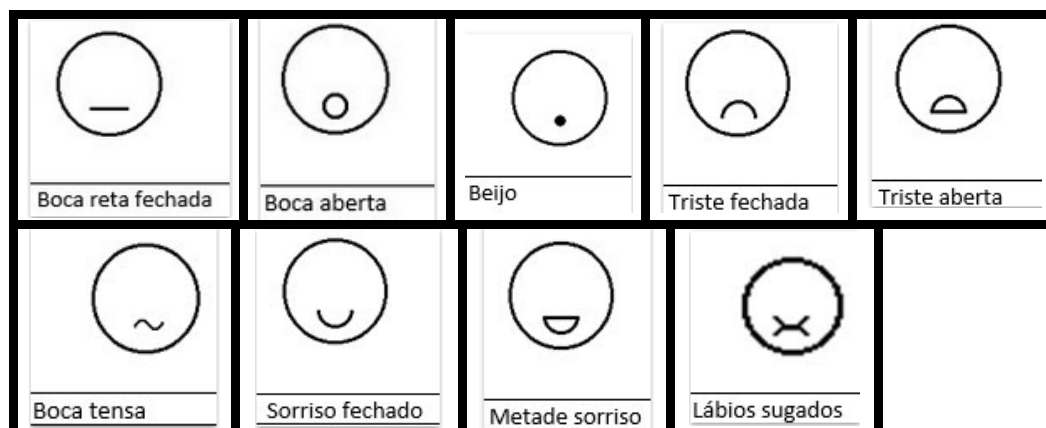
Figura 74 - Expressão Não Manual da língua



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

7.9 Expressão facial das várias maneiras que a boca pode expressar na realização do sinal;

Figura 75 - Expressão Não Manual da boca



Fonte: Extraída do Sistema de Escrita de Sinais – SW e adaptada pelo Grupo PORLIBRAS (2021).

Na seção 8 do formulário, temos os níveis da iconicidade. Esse campo se divide em: 8.1 observar a realização do sinal e a análise linguística e em 8.2 identificar a obra selecionada. Esses aspectos são explicitados a seguir:

8.1. Realização do sinal: nessa seção, o objetivo foi de observar e registrar a realização do sinal, analisando, de forma minuciosa e detalhada, os parâmetros presentes em cada sinal, considerando: a CM, OR da palma da mão, o local onde o sinal se realiza em relação ao corpo, como se dá o M no espaço (observando o tipo, a direcionalidade, a maneira – se de forma contínua ou refreada, a frequência) e a ocorrência ou não da ENM associada ao sinal.

Assim, a partir dos dados obtidos, foi realizado um estudo descritivo da realização do sinal, além de uma análise linguística, por meio da qual foi possível acompanhar a linha de raciocínio à luz dos pressupostos teóricos da Linguística e/ou dos Estudos da Linguagem, com questões que conduzem a uma verificação dos parâmetros na formação do sinal. Por exemplo: saber se o sinal representa (i) uma entidade no mundo. Se não é possível identificarmos uma entidade no mundo, a que esse sinal poderia se referir?; (ii) O que os parâmetros nos revelam na formação do sinal?; (iii) Os dados obtidos nos revelam a que se remetem? É possível observar se o sinal é icônico ou arbitrário ou se corresponde às gradações de translúcido e de obscuro?

No entanto, com vistas ao aprofundamento das análises, apresentamos, no Capítulo 4, a discussão dos dados a partir dos referentes selecionados.

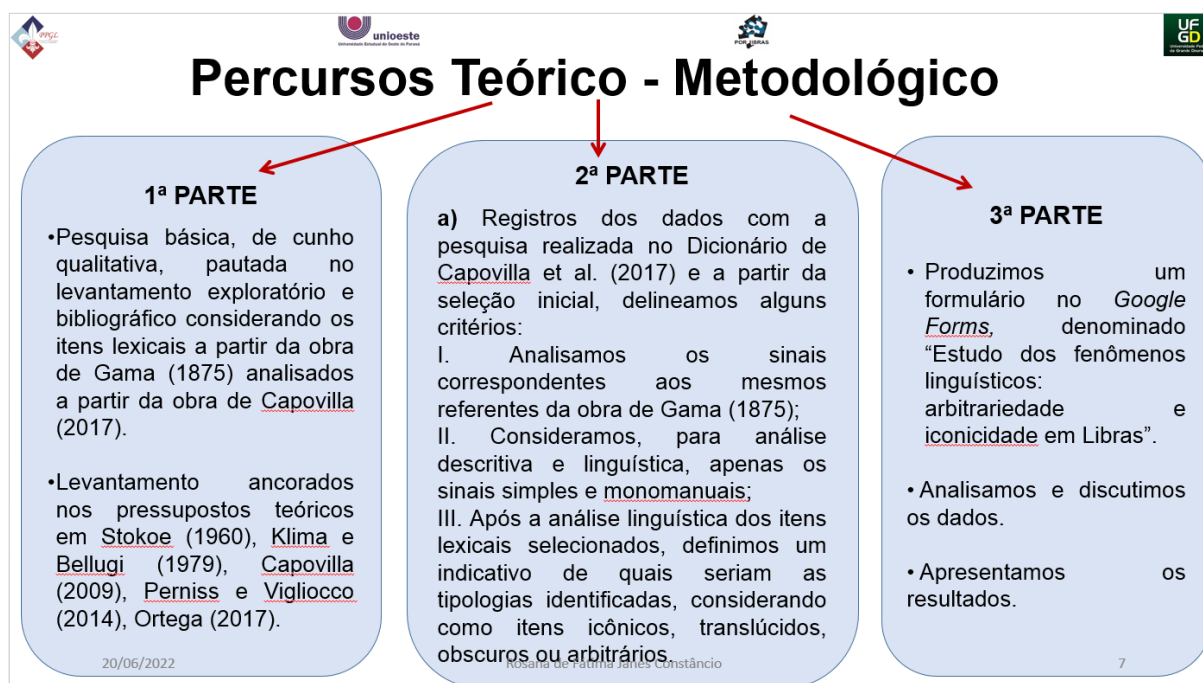


8.2 Identificamos a seleção de qual a obra analisada: (i) Gama (1875); (ii) Oates (1969); (iii) Sociedade Torre de Vigia (1992); (iv) Capovilla *et al.* (2017).

Vale ressaltar que, embora essas obras tenham sido identificadas, nosso formulário somente contemplou a análise dos itens lexicais do Dicionário de Capovilla *et al.* (2017), e que não há nenhum campo para o registro das possíveis gradações, pois elas serão consideradas no Capítulo 4, na análise e na discussão dos dados, momento em que, de acordo com Gil, é possível “[...] estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos.” (GIL, 2019, p. 82).

Para finalizar e sumarizar o percurso metodológico, elaboramos um diagrama com o registro das relevantes etapas desta pesquisa:

Figura 76 - Diagrama das trilhas percorridas no percurso teórico-metodológico



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Após a apresentação dos conceitos linguísticos e das concepções teórico-metodológicas que trilhamos nesta pesquisa, no próximo capítulo, analisamos os dados coletados.

## 4 ANÁLISES DOS DADOS, DISCUSSÕES E RESULTADOS

*Você nunca sabe que resultados virão da sua ação, mas se você nunca fizer nada, não existirão resultados. (Mahatma Gandhi).*

Os sinais que analisamos, incluindo os inseridos em nosso debate, foram extraídos do dicionário de Capovilla *et al.* (2017). Em um primeiro momento, foram selecionados 407 sinais, tomando-se como critério de escolha aqueles cujos referentes<sup>47</sup> também constavam na obra de da Gama (1875). No entanto, com vistas a atingirmos nosso objetivo central, sentimos a necessidade de reduzir um pouco essa quantidade, a partir dos seguintes termos: (i) consideramos apenas os sinais não compostos; (ii) descartamos os sinais bimanuais e (iii) os realizados a partir de datilologia.

Mesmo com tais essas reduções, o fato é que, ao final ainda, ficamos com um volume significativo de dados para análise. Assim, considerando a exiguidade de tempo e espaço, isso poderia inviabilizar o desenvolvimento de todo o trabalho. Com os ajustes realizados, chegamos a 304 sinais que, em termos quantitativos, encontram-se distribuídos conforme o Quadro 6.

Quadro 8 - Sinais e categorias

QUANTIDADE DE SINAIS	CATEGORIAS
06	ALIMENTAÇÃO
08	BEBIDAS
03	CASA
04	OBJETOS ESCOLARES
04	CORES
11	ORIENTAÇÃO TEMPORAL
03	PESSOAS
05	FAMÍLIA
10	PROFISSÕES
29	ANIMAIS
43	ADJETIVOS
15	ADVÉRBIOS
03	CONJUNÇÕES
10	INTERJEIÇÕES
03	INTERROGAÇÕES

<sup>47</sup> Por *referentes*, entendemos as coisas ou as entidades que existem no mundo, incluindo, dentre outras, pessoas, objetos, fatos, qualidades e ações. A distribuição dos sinais por categorias são as mesmas registradas no dicionário de Libras elaborado e publicado em 1875 pelo surdo brasileiro Flausino da Gama.

07	PREPOSIÇÃO
19	PRONOMES
01	SUBSTANTIVO
32	VERBOS
217	TOTAL

Fonte: Organizado pela pesquisadora.

Considerando que a quantidade de sinais analisados é ainda volumosa, para as nossas discussões, concentramo-nos em 12 sinais: COMER, SAL, PÃO, VINAGRE, ELEFANTE, VERME, GALINHA, PORCO, SOLDADO, BISPO, PADRE e EMPREGADO. A escolha não foi aleatória, mas feita com base na representatividade que sinal tem dentro do grupo a que pertence. No que diz respeito a esses grupos, referimo-nos a quatro tipos de manifestação assumida pelos sinais (Figura 77)<sup>48</sup>.

Figura 77 - Gradações



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os 12 sinais pertencem a três campos lexicais: alimentos, animais e profissões. Da categoria alimentos, os sinais são: COMER, SAL, PÃO e VINAGRE. Da categoria animais, selecionamos estes sinais: ELEFANTE, VERME, GALINHA e PORCO. Por fim, no campo profissões/trabalho, os sinais escolhidos são: SOLDADO, BISPO, PADRE e EMPREGADO. Ressaltamos que alguns desses sinais dispõem de mais de uma representação.

Antes de passarmos às análises propriamente ditas, achamos oportuno esclarecer três tópicos. O primeiro deles é que, ao nos referirmos aos sinais, fazemos isso por meio de glosas<sup>49</sup>. O segundo, no intuito de tornarmos mais claras as análises, iniciamos com os quatro sinais pertencentes ao grupo dos Alimentos, passando ao

<sup>48</sup> Com relação ao diagrama apresentado, chamamos a atenção para o seguinte. Os pontos marcados por triângulos em cores diferentes correspondem a cada um dos tipos citados. Cada espaço deixado entre um ponto e outro da reta indica o quão icônico, translúcido, obscuro ou arbitrário é um determinado sinal.

<sup>49</sup> Segundo McCleary, Viotti e Leite (2010), glosas são uma forma de se representar os sinais que compõem o vocabulário das línguas de sinais por meio de palavras de uma língua falada, registradas em letras maiúsculas, como no caso de COMER, que em Libras equivale ao verbo comer do português.

dos Animais e, por fim, ao das Profissões. Entendemos que, com relação ao segundo ponto, o fato de considerarmos separadamente cada grupo de sinais nos permite analisar cada situação tendo em vista não apenas as relações morfossintáticas e semânticas que se estabelecem na construção de cada sinal, mas também aspectos que têm como origem o conhecimento de mundo que as pessoas, em maior ou menor escala, trazem de suas experiências de vida. O terceiro é na verdade uma explicação, feita no parágrafo seguinte.

Retomando a Figura 77, na reta, há quatro fulcros cada qual com uma cor diferente. O em azul indica tratar-se de sinais totalmente icônicos; em verde, os translúcidos; em lilás, os sinais obscuros, e em vermelho, os considerados totalmente arbitrários. O espaço deixado entre dois pontos consecutivos, p. ex., entre icônicos e translúcidos, diz respeito à variação de cada sinal em relação às essas duas extremidades. Essa variação é determinada pelos traços revelados pelo sinal, que tanto podem aproximá-lo de uma extremidade ou de outra. É justamente essa aproximação que determina em qual dos dois grupos o sinal se enquadra, seja o da esquerda ou o da direita. Decidir esse enquadramento do sinal, em muitos casos, não é fácil, pois requer do analista a observância de muitos detalhes. Por exemplo, há sinais cujas composições deixam claro a que eles se referem; esses seriam, portanto, os sinais considerados icônicos. As outras determinações são um tanto mais complexas, pois, quanto mais um sinal se afasta da condição de ser icônico, mais difícil se torna a sua identificação, o que nos força, em cada situação, verificar e detalhar cada uma das características que um sinal traz em seu bojo. É um trabalho minucioso, exigindo muita atenção, porque não estão envolvidas somente análises individuais de cada uma das características (ou traços) dos sinais, mas também em conjunto com os outros traços que fazem parte de suas morfologias e do modo como são sinalizados.

Se, durante todo esse percurso, foi relativamente fácil identificarmos os sinais icônicos e os arbitrários, o nosso maior problema estava na determinação de quando efetivamente um sinal seria translúcido ou obscuro. Extrair de cada sinal as características mais relevantes que nos apontassem para um ou outro grupo foi uma tarefa bastante complexa e árdua, demandando-nos muito tempo de trabalho, envolvendo não apenas nós três - eu, meu orientador e minha coorientadora -, porém, em muitos casos, outros membros do nosso grupo de estudos e pesquisas.

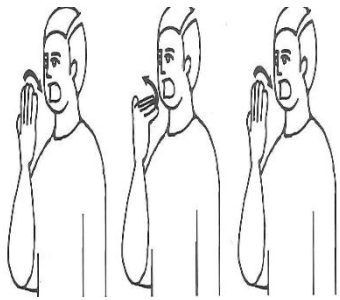
Feitos esses esclarecimentos, mesmo não sendo possível incluir neste texto os 304 sinais, esperamos que, com os que trouxemos, consigamos evidenciar as análises e as reflexões realizadas, assim como os resultados obtidos<sup>50</sup>.

## 4.1 ALIMENTOS

### 4.1.1 Comer




Na Figura 78, a seguir, encontram-se registrados, por coluna, três tipos de informação<sup>51</sup>. Na primeira delas, a sequência de passos para a realização do sinal; na coluna do meio, os parâmetros que dão forma ao sinal; e na terceira coluna, o vídeo contendo o sinal sendo realizado.

Figura 78 - Sinal de COMER

COMER	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M ENM</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/co6keceyxyM">https://youtu.be/co6keceyxyM</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022)

CM (Configuração de Mão), OR (Orientação da palma da mão), L (Local/Região onde o sinal se realiza), M (Movimento realizado pela mão), ENM (Expressão Não Manual)

Partindo dessas informações, a sinalização desse sinal é feita com a mão aberta, os dedos unidos (CM= )<sup>01</sup>, com a mão posicionada em frente à boca (L), também aberta (ENM), com a palma da mão voltada para ela (OR), sem que haja qualquer tipo de contato. Durante a sinalização, os dedos se flexionam (M) )<sup>75</sup> e, na sequência, retornam à posição original ( )<sup>01</sup>), repetindo-se esses dois movimentos uma segunda vez.

<sup>50</sup>As análises dos 304 sinais encontram-se no seguinte link: [https://drive.google.com/file/d/1IRtF\\_I6vhkvJRys9MMV4PTogyaEgmx3l/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1IRtF_I6vhkvJRys9MMV4PTogyaEgmx3l/view?usp=sharing)

<sup>51</sup>Essas informações constam na apresentação de todos os sinais.

Com base na morfologia do sinal e no modo como se realiza, o que as nossas análises nos mostram? A primeira delas é que, embora os dados fornecidos não sejam suficientes para uma rápida identificação sobre a que o sinal possa se referir, ainda assim há nessa sinalização traços importantes que nos permitem dizer, por exemplo, que estamos diante de uma ação que sugere que algo esteja sendo introduzido na boca, podendo ou não estar relacionado à ingestão<sup>52</sup> de alguma substância, talvez um alimento, uma bebida, um comprimido ou algo diferente. Contudo, a pergunta é: qual seria exatamente a ação que esse sinal executa? É difícil responder a essa pergunta. Se formos aos dicionários de Libras, descobriremos que esse é o sinal equivalente ao verbo comer em português. A questão agora passa ser outra: se não recorrêssemos aos dicionários, seríamos realmente capazes de chegarmos a essa informação? Em outras palavras, até que ponto os parâmetros que compõem o sinal e a sua realização nos permitiriam dizer que esse sinal nos remete ao verbo comer? A resposta a essa questão, talvez para alguns, possa parecer óbvia. Se esse for o caso, cabe-nos ainda perguntar: qual o nível de certeza que essas pessoas teriam disso? De fato, é uma questão muito interessante. Em nossa opinião, essa é uma certeza que não pode ser comprovada, salvo se essas pessoas tivessem algum conhecimento prévio (conhecimento de mundo) que lhes permitisse associar o conhecimento que têm ao gestual realizado na produção do sinal.

No caso em tela, é realmente verdade que muitos de nós, surdos ou ouvintes, sabemos que esse gestual costuma ser utilizado informalmente para indicar aos colegas que vão comer algo porque estão com fome. Entretanto, esse tipo de conhecimento pode não fazer parte das experiências de vida de muitas outras pessoas. Então, a pergunta que nos resta fazer é: será que, para essas outras pessoas, isso de fato seria também óbvio? As chances que teriam seriam nulas ou muito próximo disso. Os poucos experimentos<sup>53</sup> que conseguimos realizar com alguns surdos que conheciam a Libras, antes do isolamento social forçado pela pandemia, nos mostraram que a grande maioria deles não se sentiu apta para nos dizer que essa

---

<sup>52</sup> DICIO dicionário *on-line* de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ingerir/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

<sup>53</sup> Antes da pandemia, como já mencionamos antes, estávamos trabalhando com um grupo de surdos que aceitaram participar da nossa pesquisa. Dadas as restrições estabelecidas pelo Ministério da Saúde, e governantes, infelizmente, essa atividade teve de ser suspensa, o que acabou nos obrigando a rever e restringir bastante o escopo da investigação.

sinalização correspondia à ação de comer. Alguns até chegaram muito próximo disso, mas outros de jeito algum.

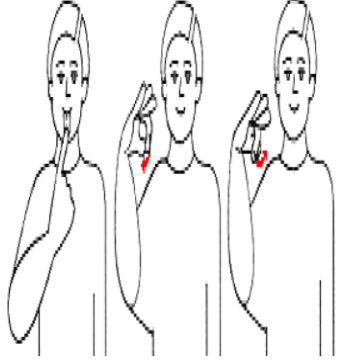
Desses experimentos, o que nos chamou a atenção foi o fato de que todos, em diferentes escalas, de algum modo, conseguiram associar essa sinalização ao ato de se levar algo à boca. As respostas que nos deram foram muito variadas, mas nenhuma delas comer. Embora tivemos que interromper a participação desses nossos colaboradores, tais resultados nos ajudaram muito com as análises que tivemos de levar adiante a partir de então.

Dando sequência ao trabalho, o que as análises que fizemos *a posteriori* nos mostraram foi que o sinal de comer não dispunha de elementos suficientes que permitissem a uma pessoa, surda ou não, determinar com o máximo de precisão qual seria efetivamente essa ação. Quando dizemos “precisão”, estamos nos referindo mais especificamente à ação de comer. Todavia, notamos que havia traços nesse sinal traços que nos davam pistas muito importantes para a identificação, ainda que aproximada, da ação que nele se encerrava. Ainda assim, se, por um lado, a execução do sinal não nos conduzia a essa determinação, isso já nos permitia descartar que se tratasse de um sinal icônico, mas, ao mesmo tempo, também não era o caso de o rotularmos como arbitrário. Desse modo, as únicas possibilidades que restavam eram: ou esse sinal seria um translúcido ou então obscuro. Nesse ponto, convém lembrarmos os dois conceitos. Em termos linguísticos, um sinal será dito translúcido quando, mesmo na ausência de algumas informações importantes, ainda assim, dependendo das habilidades do sinalizante, isso pode ser suficiente para a pessoa que o esteja assistindo descubra a que o sinal se refere. Já no que diz respeito aos obscuros, as informações necessárias são um pouco mais profundas, requerendo, em muitos casos, algumas explicações. Embora isso demande um pouco mais de esforço, não o coloca na condição de um sinal arbitrário. Levando-se em consideração o que acabamos de dizer, a conclusão a que chegamos é que esse sinal se enquadra no grupo dos sinais translúcidos.




#### 4.1.2 SAL

Na Figura 79, apresentamos o sinal de SAL.

Figura 79 - Sinal de SAL

SAL	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M ENM	<a href="https://youtu.be/3_2ShasxwsQ">https://youtu.be/3_2ShasxwsQ</a>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

No sinal SAL, a sua execução inicia com a mão fechada, apenas o dedo indicador distendido (CM=) na posição vertical, a palma da mão voltada para a boca (OR), aberta e com a língua para fora (ENM). Há um ponto de contato da ponta do dedo indicador na ponta da língua (L). Na sequência, a língua se retrai e a boca se fecha; no mesmo momento, há um deslocamento da mão, que passa a assumir uma nova forma () com a palma da mão (OR) posicionada para baixo () deslocando-se para o espaço neutro em frente à boca. No momento desse deslocamento, ocorre um movimento (M) de esfregar as pontas dos dedos indicador e polegar com os demais dedos, permanecendo distendidos, finalizando-se, assim, o sinal.

De forma semelhante ao sinal COMER, também nesse caso, mesmo que haja alguns detalhes na sinalização poderiam, de algum modo, sugerir a que o sinal se refere, as chances de uma pessoa não chegar a essa conclusão são bem maiores. É possível que alguns digam se tratar de algo relacionado ao paladar. Ainda assim, essa seria uma resposta muito vaga, na medida em que não se determina se estamos diante de uma ação (“provar algo” ou mesmo “temperar um alimento”), logo, um verbo, ou de uma substância que se prova (substantivo), tal como açúcar, sal, pimenta etc.

De acordo com os dicionários de Libras, esse é o sinal equivalente à palavra sal, mas identificar isso apenas observando a sinalização ou analisando cada



parâmetro e como eles são combinados no momento da formação do sinal, é muito difícil, pois, assim como o caso do verbo COMER, não há informações suficientes para determinarmos que se trata de sal, uma substância. É preciso que, além dos parâmetros e da própria sinalização, explicações ou pistas sejam fornecidas.

Analisando todos esses detalhes, a única certeza que podemos ter é que, assim como COMER, SAL também não um sinal icônico, tampouco arbitrário. De novo, estamos em uma situação muito parecida com o sinal analisado anteriormente. Confrontando os dois, é possível dizer que SAL também se aproxima mais de um sinal icônico? Dissemos anteriormente que o gestual lembra alguma coisa relacionada ao paladar. Essa é uma informação relevante, mas ainda não suficiente para enquadrá-lo como sinal icônico. Se essa é a única informação passada pelo sinal, não temos nenhuma outra pista que nos leve à representação do sinal SAL. Afinal, como vimos, esse sinal tanto poderia estar associado a uma ação ou a uma substância, estabelecendo-se, desse modo, um impasse. Se não se trata de um sinal icônico, também não é arbitrário. Considerando que a única informação que se destaca é o fato de o sinal estar relacionado ao paladar, não é o caso de dizermos que seja um sinal translúcido. Logo, o que temos é um sinal obscuro (ORTEGA, 2017)<sup>54</sup>.

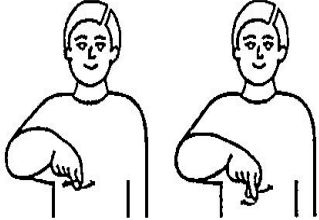
#### 4.1.2.1 SAL.2

De acordo com os dicionários de Libras, SAL pode ser sinalizado de três formas diferentes. Uma delas é a que acabamos de discutir. As outras duas discutiremos na sequência. A segunda sinalização consta na Figura 80; a terceira está na próxima subseção.

---


<sup>54</sup> Segundo Ortega (2017), "Obscure signs also have a link with their referent but the ordinary observer may be able to understand the connection only after the connection is explained." (ORTEGA, 2017, p. 3).

Figura 80 - Sinal de SAL.2


SAL.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
55 	CM OR L M  OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.	<a href="https://youtu.be/vo5Fr4xyuVA">https://youtu.be/vo5Fr4xyuVA</a>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Observamos que, na segunda entrada para SAL.2, o sinal inicia e finaliza com

os dedos polegar e indicador distendidos e unidos pelas pontas (CM=)<sup>55</sup>, os demais dedos permanecem fechados, com a (OR) palma da mão voltada para baixo, na horizontal, em frente e próximo ao tronco, no espaço neutro (L). Na sequência, os dedos polegar e indicador realizam o movimento de esfregar as pontas dos dedos, para frente e para trás, na horizontal, de forma simultânea, finalizando o sinal com expressão facial neutra.

O que podemos observar a partir da realização do sinal? Será que a partir de sua execução as pessoas conseguem associar a que ele remete? Diferentemente do primeiro sinal SAL analisado, neste observamos algumas diferenças muito relevantes, pois, dessa vez, não há nenhum ponto de contato com a língua, somente o movimento de esfregar as pontas dos dedos. Entretanto, se considerarmos que o sal é um tipo de tempero muito utilizado na culinária para temperar e dar gosto aos diversos tipos de comidas, além de desempenhar um papel importante dando energia ao corpo, observamos que falta na realização do sinal características que possam denotar ou

mesmo estabelecer uma relação de sentido ao paladar, uma vez que a CM  e a sua orientação associada à locação não nos revelam ainda nenhuma pista, pois, em toda a sua execução, não há nenhum tipo de contato com a boca que possa sugerir que seja algo relacionado ao órgão do sentido do paladar. Assim, quando passamos a observar o movimento realizado de deslizamento das pontas dos dedos de forma

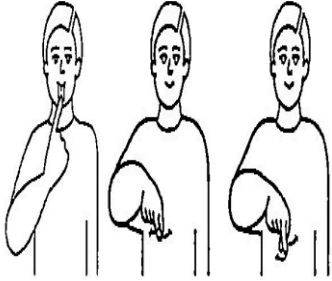
<sup>55</sup> Disponível em: [https://cdn.w600.comps.canstockphoto.com.br/prato-%C3%ADcone-linha-tempero-%C3%A3o-desenho\\_csp91564799.jpg](https://cdn.w600.comps.canstockphoto.com.br/prato-%C3%ADcone-linha-tempero-%C3%A3o-desenho_csp91564799.jpg). Acesso em: 15 ago. 2022.

unidirecional em uma velocidade contínua, pode sugerir a ideia de apertar algum item de rosca, ou até mesmo um movimento para jogar algo, situações que estão distantes de remeter ao que denota o sinal. Dessa forma, percebemos que não há, na realização do sinal, como estabelecer uma associação a que de fato remete o sinal, por isso, não podemos considerá-lo um sinal icônico. Verificamos, ainda, que não se trata de sinal translúcido, por não trazer em sua formação elementos que possam estabelecer uma relação de sentido com aquilo a que denota. Ademais, não o consideramos como obscuro porque não se verifica em sua formação uma motivação que tenha ficado obscura. Portanto, se esse sinal não se enquadra em nenhuma das três gradações anteriores, ele é um sinal arbitrário.

#### 4.1.2.2 SAL.3

Na Figura 81, destacamos a terceira realização do sinal SAL.


Figura 81 - Sinal de SAL.3


SAL.3	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M ENM</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/UO6jtx85WPE">https://youtu.be/UO6jtx85WPE</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).


Na terceira entrada para o sinal SAL.3, observamos que se inicia com a mão fechada na vertical, apenas com o dedo indicador distendido e demais dedos fechados




(CM=  53), com a palma da mão (OR) voltada e próxima ao rosto (L). Na sequência, ocorre o ponto de contato com o dedo indicador tocando a ponta da língua. Depois, ao se recolher a língua, a boca se fecha. Em seguida, a mão se desloca para o espaço neutro em frente ao peito, no centro, unindo as pontas dos dedos polegar e

indicador, ao passo que os demais ficam fechados (CM=) , realizando o movimento de esfregar as pontas dos dedos, finalizando o sinal com a expressão facial neutra (ENM).

O que podemos observar na formação e na execução do sinal de SAL.3? Será que há, em sua execução, características relevantes que possam dar uma pista a que remete o sinal? O que nos chama a atenção, inicialmente, é o ponto de contato do dedo com a ponta da língua, o que pode ser um indicativo de algo relacionado ao

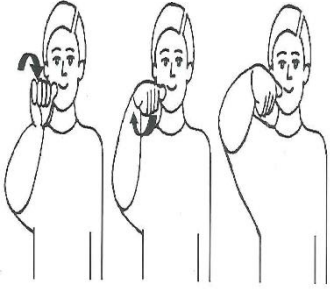
órgão do paladar. Então, a associação de  +OR+L com o ponto de contato na língua evidencia uma motivação a algo que esteja relacionado ao órgão do paladar, mas especificamente a um gosto de doce ou salgado pelo fato de o toque acontecer na ponta da língua, em que há as papilas gustativas responsáveis por sentirmos o gosto de doce ou salgado. No entanto, essa é uma pista inicial que poderá ser considerada ou não, observando a sequência do sinal. Quando ocorre o deslocamento da mão para o espaço neutro, acontece também uma mudança na expressão facial,

uma vez que a boca se fecha, e na configuração de mão  , que, associada ao movimento de esfregar as pontas dos dedos, sugere uma ação de se temperar algo, o que pode remeter à possibilidade de ser SAL. Contudo, não é possível confirmar que seja sal, pois pode ser um outro tipo de tempero. Dessa forma, não podemos afirmar que se trata de um sinal icônico em virtude de não ser tão fácil estabelecer uma percepção de que de fato esse sinal seja SAL. Além disso, não podemos considerá-lo arbitrário, uma vez que há algumas características presentes em sua formação que podem sugerir uma ideia ou mesmo uma pista. Então, ou esse sinal é translúcido ou é obscuro. Embora em sua execução seja possível estabelecer uma motivação para o sinal a partir do ponto de contato da língua e do movimento realizado, ainda assim não podemos determinar que de fato se trata de sal, o que descarta a possibilidade de que seja um sinal translúcido. Com base nisso, consideramos que seja um sinal obscuro, uma vez que, embora se verifique uma motivação, ainda assim faltam outras informações que nos permitem estabelecer uma associação com sal.


### 4.1.3 PÃO

Na Figura 82, apresentamos o sinal de PÃO.

Figura 82 - Sinal de PÃO

PÃO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/ni79MxfRw2E">https://youtu.be/ni79MxfRw2E</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

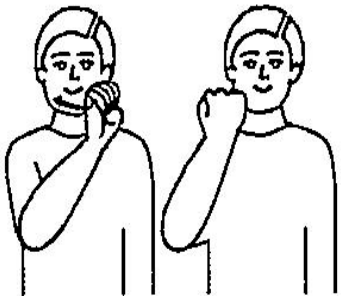
O sinal de PÃO inicia com a mão fechada (CM= , a palma voltada para frente, o polegar tocando (PC) o canto direito da boca fechada (L) imprimindo um movimento (M) semicircular da mão e do pulso para baixo, mantendo o dedo polegar em contato com o canto da boca fechada e, ao mesmo tempo, girando a palma em um movimento semicircular para trás, de forma contínua, uma única vez. Considerando essa realização, indagamo-nos: apenas com essas informações, seria verdade que as pessoas conseguiriam assimilar esse sinal com alguma coisa? Aprofundando um pouco mais essa pergunta, assumindo que as pessoas não conhecem e nunca tiveram contato com a Libras, se a elas for perguntado qual o significado desse sinal, saberiam informar? Os testes que realizamos com os nossos colaboradores surdos nos mostraram que não, pois nenhum deles conseguiu nos dizer, mesmo que aproximadamente, que poderia ou seria algum tipo de ação ou algo que apontasse, por exemplo, para um objeto ou uma substância, líquida ou sólida. Diante desse resultado, fomos analisar o sinal. Tomando como ponto de partida o fato de que, durante a realização, a mão inicia um movimento na direção da boca até que as duas se toquem, até esse ponto, muito pouco ou quase nada realmente pode ser

dito. Todavia, há ainda um outro movimento realizado pela mão, dando a entender que há uma torção do pulso que força a mão girar para baixo. Entretanto, esse último movimento contribui de algum modo para a identificação que buscamos? Na realidade, também não. Isso faz todo o sentido. De um modo geral, esse é um gestual muito usado pelas pessoas com finalidades diversas. Por exemplo, ele pode indicar uma chamada de atenção para que uma pessoa “fique de boca fechada” e “não dê palpite” sobre o que está sendo discutido em uma roda de conversa entre amigos. Além disso, é possível que remeta a algo que está sendo retorcido ou espremido, por exemplo, uma laranja que alguém esteja chupando, dentre outras possibilidades. Isso nos faz concluir que PÃO é arbitrário. A bem da verdade, se pararmos para analisar a situação, a ação de torcer parece não se adequar à ideia de que se trata de pão, até porque, quando se come pão, torcê-lo não é algo que se costuma fazer, se tanto, roê-lo, mesmo assim se o pão estiver passado, ressecado, no popular, duro.

#### 4.1.3.1 PÃO. 2


Na Figura 83, destacamos outra sinalização para PÃO.2.

Figura 83 - Sinal de PÃO.2

PÃO.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/vbAJjsW1GGI">https://youtu.be/vbAJjsW1GGI</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).



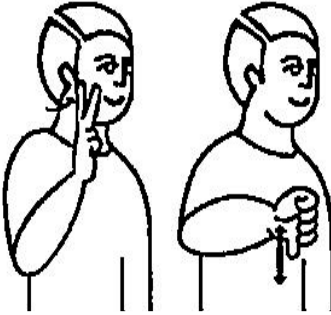
O item lexical PÃO. 2 se realiza com a mão fechada (CM=) com (OR) a palma da mão para frente tocando dorso da mão no canto esquerdo da boca fechada (L). Na sequência, a mão realiza um M semicircular, virando a palma (OR) para trás, finalizando com a mão tocando o canto direito da boca, que permanece fechada.

Ao darmos sequência em nossa análise do sinal, verificamos que, embora a mão tenha um ponto de contato do início ao final do sinal nos dois cantos da boca, ainda assim não podemos sugerir que seja algo relacionado a comer ou a ingerir alguma coisa, pois, do início ao fim, a boca permanece fechada, ao mesmo tempo em que a forma da mão também não sugere que se possa estar conduzindo algo ou alguma coisa na boca, uma vez que a mão permanece fechada em toda a execução do sinal. Mesmo considerando a ocorrência do movimento de deslocamento de um lado para o outro da boca, ainda assim não nos sugere nenhuma pista. Dada a ausência de elementos, já podemos dizer que não se trata de um sinal icônico. Logo, podemos dizer que também não se trata de um sinal translúcido, pois nenhuma motivação se revela em toda a execução do sinal. Por conseguinte, não sugerimos que seja um sinal obscuro pela ausência de informações ou até mesmo pela dificuldade de se explicar a sua formação. Assim, acreditamos que o sinal seja arbitrário pela ausência de informações que possam remeter ao sinal de SAL.


#### 4.1.4 VINAGRE

Na Figura 84, visualizamos o sinal de VINAGRE.

Figura 84 - Sinal de VINAGRE


VINAGRE	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>Obs.: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/3_2ShasxwsQ">https://youtu.be/3_2ShasxwsQ</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal de VINAGRE começa com a mão posicionada na vertical, somente com os dedos indicador e médio distendidos, e os outros fechados (CM=, com OR da palma da mão posicionada na lateral da face, próxima à bochecha. Na sequência,


a mão realiza um movimento tocando os dedos distendidos na bochecha. Logo após, ocorre um deslocamento da mão para frente no espaço neutro alterando a CM e fechando os dedos da mão, deixando apenas o polegar distendido e inclinado para



baixo (CM=). Então, tem-se um movimento de balançar a mão para baixo, várias vezes.

O que chama a atenção na execução do sinal? Será que é possível identificarmos alguma pista ou dado relevante que nos permita associar a que o sinal remete? Verificamos que o sinal se inicia próximo ao rosto; na sequência, há um ponto de contato com a ponta dos dedos indicador e médio na bochecha, o que pode sugerir uma motivação em sua formação inicial que se direciona ao sinal de VINHO na Libras. Tal hipótese nos conduziu a realizar uma pesquisa da origem da palavra vinagre<sup>56</sup>, pois, se considerarmos apenas a CM no rosto, não conseguimos estabelecer nenhuma associação. De acordo com o dicionário, o termo vinagre “provém da palavra francesa *vinaigre* que significa vinho azedo, embora muitos tipos de vinagre não sejam obtidos do vinho”. Isso nos leva a considerar que talvez o sinal de VINAGRE não possa ser considerado como arbitrário. No entanto, na Libras, o sinal de vinho não se realiza apenas com o contato da ponta dos dedos indicador e médio na bochecha, mas há um movimento em pequenos círculos, no sentido horário sobre a bochecha. Assim, essa hipótese inicial é refutada, pois não podemos considerá-la como uma motivação para o sinal. Logo, faz-se necessário dar continuidade à realização de todo o sinal. No momento em que ocorre o deslocamento para o espaço neutro, surge uma



alteração na forma e na orientação da mão () , associada ao movimento repetitivo para baixo. Mas o que isso nos sugere? No máximo poderia indicar ou mesmo dar a ideia de que se está jogando algo para baixo ou como se fosse para manifestar algo negativo, uma vez que, culturalmente, no Brasil, usamos o mesmo gesto para designar algo negativo, desfavorável ou mesmo ruim.

Dessa forma, a conclusão a que chegamos é que não há como estabelecer uma compreensão a que remete o sinal, isto é, não há nenhuma evidência que seja tão óbvia a ponto de ser considerado um sinal icônico, demonstrando ou sugerindo que se trate de vinagre. Além disso, não é possível considerá-lo translúcido, uma vez

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vinagre/>. Acesso em: 10 jul. 2022.



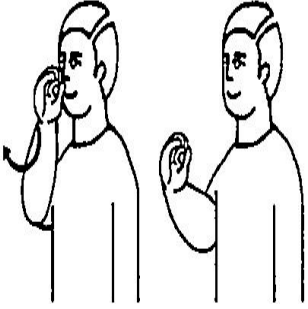
que, em sua execução, não há elementos que possam sugerir uma motivação para o sinal. Se tal característica não se revela, não podemos dizer que o sinal seja obscuro, pois inexistente uma relação que possibilite associar a algo ou mesmo uma motivação inicial que tenha se tornado obscurecida. Assim, descartadas as outras três possibilidades, pelo fato de o sinal não apresentar em sua realização nenhuma evidência que revele uma percepção ou mesmo uma compreensão a que remete o sinal, sugere-se que seja arbitrário.

## 4.2 GRUPO ANIMAIS


### 4.2.1 ELEFANTE

Na Figura 85, apresentamos o primeiro sinal do grupo de Animais: ELEFANTE.

Figura 85 - Sinal de ELEFANTE

ELEFANTE	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/O0FiJZ__jZ4">https://youtu.be/O0FiJZ__jZ4</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal ELEFANTE inicia com a mão na vertical, os dedos unidos e curvados tocando a ponta do polegar (CM , com a palma da mão para a esquerda (OR), tocando a ponta do polegar no nariz (L). Na sequência, a mão realiza um movimento na forma de um arco para baixo e para frente no sentido anti-horário (M), finalizando no espaço neutro em frente e no centro do peito.

O que podemos verificar a partir da execução e dos parâmetros presentes no sinal de ELEFANTE? Ao analisarmos a execução do sinal, observamos que, embora

nesse sinal os parâmetros presentes no momento da execução possam apresentar uma caracterização que denota uma motivação para o sinal, sugerindo a ideia de uma tromba de elefante, ainda assim é importante que o não sinalizante tenha conhecimento da espécie animal ELEFANTE para associe essa informação ao sinal.

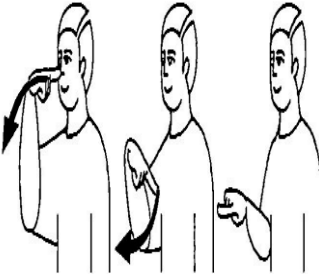
Então, perguntamo-nos: será que o sinal de ELEFANTE é icônico? Se não podemos afirmar que todas as pessoas já tiveram contato, seja nas figuras ilustrativas de livros, em filmes ou documentários na TV, ou mesmo em circo, tampouco é possível determinar que se trata de um sinal icônico para um não sinalizante. Todavia, se não é possível enquadrá-lo como um sinal icônico, que mapeia de forma óbvia as propriedades do referente, também não o definimos como um sinal arbitrário, que não apresenta nenhuma relação entre a execução do sinal e o que ele representa, uma vez que, em sua formação, há parâmetros que indicam uma motivação para o sinal, como o grande porte desse animal. Notadamente, o elefante é um animal que com uma cabeça grande e orelhas largas e achatadas, as quais têm formas e marcas especiais, como uma impressão digital. Além disso, a probóscide (tromba) se destaca por ser longa e muscular, formada pelo lábio superior e pelo nariz, e por desempenhar diversas funções, como a manipulação de objetos e a ingestão de água. Desse modo, a característica que mais se sobressai é a sua tromba. Contudo, esse é um conhecimento que só pode ser associado a uma pessoa que tenha essa bagagem cultural; a pessoa precisa ter esse conhecimento prévio.

Então, restam-nos duas possibilidades: ou esse sinal é translúcido ou obscuro. Considerando que os sinais translúcidos estão mais próximos dos sinais icônicos por apresentarem em sua formação uma motivação que pode justificar a associação do sinal ao referente, julgamos que seja um sinal translúcido porque um não sinalizante ou mesmo uma pessoa que não conheça o referente poderá compreender a motivação para o sinal após a sua explicação. Dessa forma, descartamos a possibilidade de ser um sinal obscuro porque, embora não seja evidente para muitos, é possível observar e compreender a motivação para o sinal. Assim, dada toda a contextualização, o consideramos um sinal translúcido.

#### 4.2.1.1 *ELEFANTE.2*

Na Figura 86, destaca-se um segundo sinal de *ELEFANTE.2*.


Figura 86 - Sinal de ELEFANTE.2

ELEFANTE	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/sH-h0ByeG_o">https://youtu.be/sH-h0ByeG_o</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).


O sinal ELEFANTE.2 inicia com todos os dedos fechados, apenas com o dedo



indicador distendido (CM ) , com a palma da mão para a esquerda (OR), tocando a ponta do polegar no nariz (L). Na sequência, a mão realiza um movimento na forma de um arco para baixo e para frente no sentido anti-horário (M), finalizando no espaço neutro em frente e no centro do peito, com ENM neutra.

Dando continuidade à análise, o que podemos observar que possa favorecer uma percepção a que denota o sinal? Verificamos que os parâmetros presentes no início do sinal podem dar uma ideia que seja algo relacionado a um órgão do olfato,



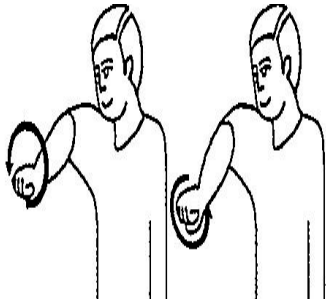
uma vez que a  tem um ponto de contato na ponta do nariz. No entanto, na continuidade do sinal, o movimento realizado pode sugerir como se fosse uma tromba de elefante. Então, perguntamo-nos: será que o sinal de ELEFANTE é icônico? Embora nesse sinal os parâmetros presentes no momento da execução possam apresentar uma caracterização que indique uma motivação para o sinal, sugerindo a ideia da tromba do animal elefante, ainda assim, é importante que o não sinalizante tenha conhecimento da espécie animal ELEFANTE para que possa estabelecer uma associação ao sinal. Se não podemos afirmar com certeza de que se trata de um sinal icônico, também não há como considerá-lo arbitrário, pois há em sua formação e execução características muito determinantes que podem ser associadas ao que o sinal representa. Descartados os fenômenos da iconicidade e da arbitrariedade, nessa

linha tênue, temos os translúcidos e os obscuros. Considerando que no sinal podemos destacar como uma marca determinante a associação do movimento à tromba de um elefante, esse é um fator determinante para sugerir que, pela motivação, possa ser encarado como um sinal translúcido, descartando a possibilidade de ser obscuro. Portanto, sugerimos ser um sinal translúcido.

#### 4.2.1.2 ELEFANTE.3

Na Figura 87, temos o sinal para ELEFANTE.3

Figura 87 - Sinal de ELEFANTE.3

ELEFANTE.3	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/JthLoZnzaCQ">https://youtu.be/JthLoZnzaCQ</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

No sinal ELEFANTE.3, observamos que se inicia com a mão fechada (CM=



69), com palma (OR) para baixo, na horizontal, com o braço distendido no espaço neutro ao lado do tronco (L). Na sequência, acontece um M com a cabeça se aproximando do ombro. No momento que a cabeça toca o ombro, o braço e a mão simultaneamente realizam um M em círculos para a direita (sentido horário), várias vezes, finalizando o sinal sem que se observe a ocorrência da ENM.

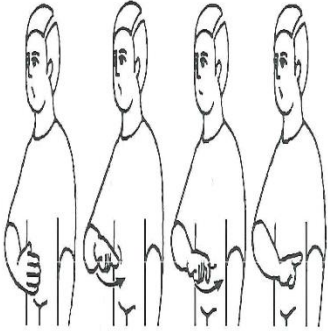
Partindo da execução do sinal, o que podemos constatar? Será que se trata de um sinal icônico? Podemos claramente identificar a que remete esse sinal? Para respondermos a essas questões, precisamos verificar se há evidências e, se sim, como se manifestam. Ao observarmos a execução do sinal, verificamos que, embora

todos os parâmetros estejam presentes, dificilmente conseguimos estabelecer uma associação a que remete o sinal. Considerando que o sinal ELEFANTE.3 representa um animal de grande porte com características muito evidentes, por exemplo, o seu tamanho, a grande tromba, as presas e a pele grossa e frouxa, pela execução do sinal, não conseguimos estabelecer nenhuma característica que indique uma dessas características determinantes do animal. Devido à ausência de informações, concluímos que não é um sinal icônico, tampouco translúcido, uma vez que não identificamos na execução nenhuma motivação para o sinal. Partindo do princípio de que não há uma motivação, que, embora estivesse oculta, pudesse estabelecer um sentido ao sinal, não podemos considerar como obscuro. Então, a conclusão a que chegamos é que se trata de um sinal arbitrário.

4.2.2 VERME


A Figura 88 refere-se ao sinal de VERME.


Figura 88 - Sinal de VERME

VERME	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p>CM OR L M ENM</p>	<p><a href="https://youtu.be/1bVK45cck5w">https://youtu.be/1bVK45cck5w</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).


O sinal para VERME origina-se com a mão aberta, com todos os dedos unidos


(CM= ), com a palma da mão (OR) posicionada e com ponto de contato tocando a região inferior do abdômen; na sequência, há uma mudança na forma da mão,

apenas com o dedo indicador distendido e demais dedos fechados (CM=)<sup>49</sup>), com a palma da mão (OR) para baixo, na horizontal, no lado direito da cintura. Então, ocorre um movimento da mão e do dedo, distendendo e curvando o indicador, percorrendo toda a cintura, com expressão facial negativa (ENM), finalizando o sinal no lado esquerdo do abdômen.

A partir de sua formação e execução, o que as nossas análises podem revelar quanto ao sinal de VERME? Mesmo que não seja possível estabelecer uma rápida associação a que denota o sinal, é possível verificar que, em toda a sua execução, os parâmetros são relevantes, porque há características que nos permitem relacioná-las a sintomas que são próprios de uma pessoa que está sentindo dor, mesmo cólicas e/ou distensão abdominal, já que a locação se manifesta na região do abdome.

Além disso, ainda que seja possível associar a uma dor abdominal pela

formação inicial dos parâmetros presentes ( +OR+L), associado ao ponto de contato na região abdominal, as pistas não são evidentes para afirmarmos categoricamente que se trata de verme, pois é possível que sejam cólicas por gases, diarreia ou constipação, alimentação em excesso, estresse ou tensão muscular. Nesse caso, precisamos observar toda a realização do sinal. Na sequência da execução, ocorrem alterações significativas: há uma mudança na configuração de

mão ()<sup>50</sup>), associada a dois outros parâmetros, que são o movimento retilíneo da mão ao redor da cintura com o dedo indicador distendendo e curvando, relacionado à feição facial negativa, que pode sugerir uma expressão de dor ou mesmo provocada por vermes.

Após essa análise, constatamos que não é tão natural associar que de fato seja o sinal VERME, pois, embora haja informações relevantes, elas não são categóricas a ponto de nos permitir estabelecer uma relação do parasita verme que se aloja no intestino.

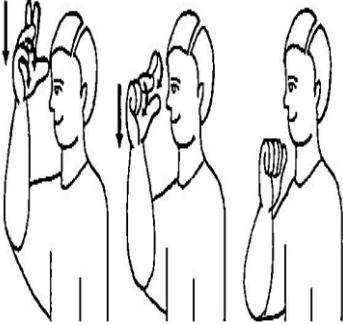
Diante disso, não podemos dizer que se trata de um sinal arbitrário, pois são reveladas algumas pistas em sua formação. Todavia, não é o caso de o classificarmos como icônico. Duas opções restam: ou é translúcido, ou é obscuro. Consideramos que não se trata de um sinal obscuro porque há características presentes que podem revelar uma forte motivação para o sinal, uma vez que os parâmetros presentes na

realização do sinal denotam que remete a algo ou a alguma coisa relacionada(o) a dor por cólica, seja ela abdominal ou mesmo de uma manifestação por verme. Dessa forma, embora não seja possível afirmar que se trata de VERME, há vários aspectos presentes na realização do sinal que sugerem uma motivação, por exemplo, a L (onde o verme se instala), o M (que o verme realiza), a ENM (de dor, de incômodo), o que nos leva a considerar que seja um sinal translúcido, cujo “[...] significado pode não ser adivinhado por um não sinalizante, mas a motivação para o sinal é clara uma vez que o significado é conhecido e um não sinalizante pode escolher o significado correto entre as alternativas.” (PERNISS; VIGLIOCCO, 2014, p. 17).


#### 4.2.3 GALINHA

A seguir, na Figura 89, encontra-se a execução do sinal de GALINHA

Figura 89 - Sinal de GALINHA

<u>GALINHA</u>	<u>PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL</u>	<u>SINALIZAÇÃO</u>
	<p>CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/naU4MICyZOo">https://youtu.be/naU4MICyZOo</a></p>


Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).


Para começar a nossa análise, passamos a observar de que maneira o sinal de GALINHA se manifesta em sua formação e execução. Primeiramente, verificamos que a mão está aberta, com os dedos polegar, indicador e médio distendidos e separados e os dedos anelar e mínimo curvados (CM= , com a palma da mão (OR) direcionada para a esquerda, próxima e ao centro da testa. Na sequência, a mão realiza um movimento retilíneo para baixo, ao mesmo tempo em que fecha os

dedos, um por um, iniciando pelo dedo mínimo, finalizando o sinal na altura do queixo



com todos os dedos fechados (CM=70).

Ao observarmos a execução do sinal, será possível associar a que remete? Para respondermos a essa questão, é preciso analisar cada parâmetro presente em sua formação e observar se, a partir deles, há uma possibilidade de estabelecer uma relação com as características presentes que favoreçam o reconhecimento ou mesmo que revele alguma(s) dica(s) de que se trata o sinal. O que verificamos é que, após a

execução do movimento, ocorre uma mudança na configuração de mão inicial (26

) e final (70) no momento do deslocamento, e nada mais. Logo, se, somente com os parâmetros, não conseguimos estabelecer uma compreensão a que remete o sinal, passamos a considerar que esse sinal não seja icônico, pela falta de elementos presentes em sua formação que revelem o referente.

No entanto, é preciso observar se há, em sua formação, parâmetros presentes que possam indicar uma motivação para o sinal. Assim, com o objetivo de nos aprofundarmos na análise, buscamos e trazemos como exemplo as características da galinha para sondar se, de fato, há como estabelecer uma relação, mesmo que pictórica ou figurativa, com a ave. Com o propósito de elucidar tal questão, as nossas buscas revelaram que uma das características marcantes da galinha ou do galo é a sua crista, que é uma protuberância típica de algumas aves responsável por regular a temperatura do corpo<sup>57</sup>. Surge, então, uma possibilidade de haver no sinal uma

motivação que se manifesta quando associamos {(26 +OR+L) + (M) + (70 +L)} na execução do sinal, pois passa a representar uma característica peculiar e própria da galinha ou galo. No entanto, não podemos dizer que se trata de um sinal translúcido, uma vez que, mesmo que haja uma motivação, ela não é tão evidente, pois se requer um esclarecimento para que se estabeleça essa relação. Entretanto, não podemos dizer que seja um sinal arbitrário, pois já identificamos uma possível motivação. Diante disso, resta-nos a possibilidade de que seja um sinal obscuro, haja vista que, de acordo com Klima e Bellugi (1979), essa tipologia é aquela que mantém

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/download/ANATOMIA/Apostila.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

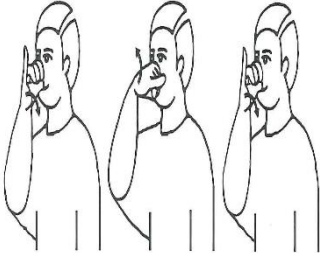


uma relação com o referente, no entanto, há uma alteração na sua forma a ponto de obscurecer a propriedade icônica.

#### 4.2.4 PORCO


Na Figura 90, destacamos a sinalização de PORCO.

Figura 90 - Sinal de PORCO


PORCO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/LVqK73FxRRU">https://youtu.be/LVqK73FxRRU</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Para compreender como o sinal precisamente se realiza, passamos a observar a sua consumação a partir da mão fechada, apenas com o dedo mínimo distendido

para cima (CM= ), com a palma da mão para a esquerda (OR), tocando a ponta do nariz. Na sequência, a mão realiza um movimento semicircular, para baixo e para o lado esquerdo, por duas vezes, finalizando assim o sinal.

Considerando a morfologia do sinal e sua execução, o que podemos observar a partir de nossas análises? Inicialmente, é muito difícil estabelecer uma associação a que remete o sinal, porém, para termos certeza disso, passamos a analisar toda a

sua execução. Verificamos que, pela associação dos parâmetros (  +OR+L), dificilmente uma pessoa poderia estabelecer uma relação com aquilo que o sinal significa. Entretanto, ao darmos prosseguimento, ao observarmos o movimento realizado de forma contínua, repetitiva e ligeiramente para baixo, sem que ocorra o deslocamento da ponta do nariz, talvez isso indique que se trate de algo relacionado

ao sentido do olfato. No entanto, ainda assim, não é possível ter nenhuma pista mais concreta. Com base nisso, já descartamos a possibilidade desse sinal ser icônico pela ausência de características que favoreçam a sua compreensão.


A partir disso, pela dificuldade de se estabelecer uma comparação ou mesmo uma identificação com o sinal de PORCO, passamos a considerar quais seriam as características marcantes e determinantes do animal que poderiam ser associadas à execução e que pudessem nos conduzir à tipologia do sinal.

Uma característica do PORCO é o seu focinho cartilaginoso e o hábito de focinhar o chão. Contudo, embora o PC e a L na ponta do nariz possam sugerir que seja algo que está relacionado ao órgão do sentido do olfato, quando associado ao movimento realizado, não há pistas que indiquem ou mesmo estabelecem uma relação com o animal. Tudo nos leva a descartar, desse modo, a possibilidade desse sinal ser translúcido ou mesmo obscuro. Devido à ausência de características ou mesmo de informações que possam remeter ao sinal, torna-se difícil adivinhar isso. Compreendemos, portanto, que o sinal seja arbitrário, pois, de acordo com Ortega (2017), esses são aqueles que não apresentam uma conexão evidente com o seu referente, o que é possível observar na realização do sinal de PORCO.

#### 4.2.4.1 PORCO.2


Na Figura 91, temos a segunda sinalização de PORCO.

Figura 91 - Sinal de PORCO.2

PORCO.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M  OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.	<a href="https://youtu.be/yZZZclpu9bA">https://youtu.be/yZZZclpu9bA</a>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal PORCO.2 inicia com a mão aberta, com todos os dedos distendidos e

unidos, e a ponta dos dedos apontando para a esquerda, (CM=) , com a palma (OR) para baixo, com ponto de contato do dorso do pulso sob o queixo (L). Na sequência, a mão realiza um M em círculos horizontais para a direita (sentido horário), finalizando o sinal.

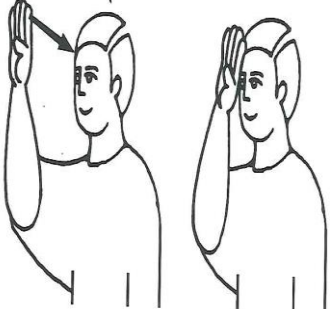
Dando sequência à análise, o que podemos verificar que possa ser determinante para compreendermos a que remete o sinal? Para respondermos a essa pergunta, precisamos analisar toda a sua execução. Quando consideramos a associação dos parâmetros (CM+OR+L), não conseguimos estabelecer uma ideia de que sinal se trata. Por conseguinte, mesmo ao associarmos o movimento, constatamos que ainda não há nenhum aspecto relevante que nos permita identificar uma motivação para o sinal. Diante disso, buscamos nas características do animal prováveis pistas. O porco é um animal mamífero com quatro patas e que tem o hábito de focinhar o chão e comer grama, raízes, frutas e sementes. Baseando-se nas características do animal e na execução do sinal, fica evidente que esse não é um sinal icônico, dada a ausência de atributos que remetam ao sinal. Também não podemos dizer de que há uma motivação muito evidente para o sinal, o que revela que não é um sinal translúcido. Assim, só podemos considerar que será ou obscuro ou arbitrário. Embora seja necessária toda uma contextualização para fazer uma correspondência do movimento da mão ao ato de focinhar o chão, existe uma motivação que não é tão evidente, mas que precisa ser associada para concluirmos que se trata de um sinal obscuro; não podemos dizer que se trata de um sinal arbitrário, se considerarmos essa possível explicação.

### 4.3 GRUPO PROFISSÕES

#### 4.3.1 SOLDADO


O primeiro sinal do grupo de Profissões é SOLDADO, visualizado na Figura 92:

Figura 92 - Sinal de SOLDADO

SOLDADO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/f3IVbBHPjXg">https://youtu.be/f3IVbBHPjXg</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Iniciamos as nossas análises a partir das informações de como o sinal se realiza: com a mão aberta na diagonal, com os dedos distendidos e unidos, com o

polegar dobrado contra a palma (CM= )<sup>03</sup>, que se encontra posicionada para baixo e na diagonal (OR), no espaço neutro próximo ao lado direito da testa. Na sequência, a mão realiza um movimento retilíneo para trás, tocando o lado do dedo indicador na testa, finalizando o sinal.

A partir dessa explicação, o que podemos demonstrar com as nossas análises? Primeiramente, observamos que há traços importantes que nos indicam que o sinal é uma ação, algo como bater continência<sup>58</sup>. Segundo os registros, o ato de bater continência tem sua origem com os cavaleiros na Idade Média, pois “[...] ao se apresentarem diante do seu soberano antes de uma batalha, os cavaleiros, vestindo armaduras, eram obrigados a usar a ponta dos dedos da mão direita para erguer a viseira do elmo, o capacete medieval, surgindo assim o gesto.”<sup>59</sup>. Essa informação é relevante em nossas análises, uma vez que nos permite compreender a motivação para o sinal, pois é um gesto que favorece o reconhecimento como se fosse uma atitude típica dos soldados na contemporaneidade para bater continência ou para cumprimentar um superior não somente no Brasil, mas em diversas localidades no mundo. No Brasil, há o reconhecimento de que o ato de bater continência é uma saudação militar que revela respeito aos superiores ou mesmo ao símbolo nacional, por exemplo, a bandeira nacional.

<sup>58</sup> Há três definições para o termo continência, a saber: Estado de uma pessoa que se abstém de todo prazer carnal; Moderação nas palavras e nos gestos. Saudação militar. Fonte: <https://www.dicio.com.br/continencia/>.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://osollo.com.br/como-surgiu-a-continencia/>.

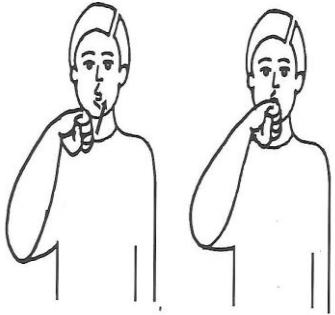
Com base nessas informações, consideramos que não estamos diante de um sinal arbitrário, uma vez que há características relevantes que podem sugerir a que se refere. Acreditamos que também não seja obscuro pelas evidências que se revelam na execução do sinal. Assim, o sinal só pode ser translúcido ou icônico. Segundo Capovilla e Raphael (2009), os sinais icônicos/transparentes são aqueles que denotam “[...] algumas propriedades visuais da forma do referente que ele representa [...]” (CAPOVILLA; RAPHAELA, 2009, p. 63) ou ainda podem representar um gesto típico da cultura local sendo comum e convencional.

Dessa forma, consideramos que o sinal SOLDADO seja icônico, pois, para além da motivação, trata-se de um gesto que pode ser muito representativo e significativo socialmente para os cidadãos que veem nesse profissional uma pessoa que trabalha em defesa das pessoas.

#### 4.3.2 BISPO


Na Figura 93, apresentamos o sinal de BISPO.

Figura 93 - Sinal de BISPO

BISPO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M ENM	<a href="https://youtu.be/VA3k9K3gi_U">https://youtu.be/VA3k9K3gi_U</a>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Ao darmos início a análise do sinal de BISPO, verificamos que, em sua formação, todos os parâmetros estão presentes. Observa-se que a mão está fechada

e na horizontal (CM= ) , com a palma (OR) para frente, no espaço neutro diante

da boca (L). Na sequência, ocorre um movimento retilíneo (M), para trás com ponto de contato do dedo mínimo nos lábios, como se fosse beijar a mão (ENM).

Com base na explicação de sua execução, o que isso nos revela? Nesse caso, há algumas características presentes que podem, de alguma forma, sugerir ou dar uma pista do sinal realizado. Entretanto, apesar disso, dificilmente uma pessoa responderia imediatamente a que se refere o sinal, o que nos leva a considerar que não é icônico. No entanto, como existe a possibilidade de uma associação, também não podemos considerá-lo como arbitrário.

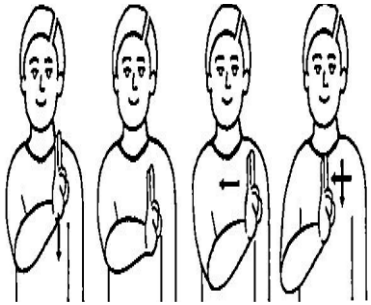
Descartadas essas duas possibilidades, precisamos definir se o sinal está mais para translúcido ou obscuro. Na execução do sinal, é possível constar que o contato do dedo mínimo nos lábios (L) pode dar a ideia de um beijo na mão, algo que, culturalmente, por um longo período, foi associado e valorizado como uma demonstração de respeito a uma pessoa mais velha, aos pais e familiares ou à namorada. No entanto, na atualidade, esse costume está em desuso.

Entretanto, em nosso país, como uma demonstração da cultura de algumas religiões, há o costume de beijar o anel episcopal como forma de respeito, de submissão e de reconhecimento de autoridade espiritual. Mesmo que não ocorra prontamente um reconhecimento a que remete o sinal, existe uma motivação em sua formação, favorecendo uma relação entre o sinal e seu significado. Considerando que há uma motivação que corresponde a um gesto típico da cultura e que ainda prevalece atualmente, mesmo não algo comum do dia a dia, descartamos a possibilidade de ser um sinal obscuro, sendo, desse modo, translúcido, pois de acordo com Ortega (2017), embora não seja tão evidente, há uma motivação para o sinal e há parâmetros em sua formação que estabelecem uma relação entre o sinal e o seu significado.


#### 4.3.3 PADRE.1

Na Figura 94, visualiza-se a sinalização para PADRE.1.

Figura 94 - Sinal de PADRE.1

PADRE.1	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/3qUyacm3o3Y">https://youtu.be/3qUyacm3o3Y</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Ao darmos início à análise do sinal PADRE.3, observamos que a mão está com os dedos indicador e médios distendidos e unidos, os demais dedos fechados (CM= ) na posição vertical, com a palma da mão (OR) posicionada para a esquerda e diante e próxima do lado esquerdo do peito (L). Na sequência, a mão realiza inicialmente um movimento retilíneo na vertical, de cima para baixo, e depois na horizontal, da esquerda para a direita, descrevendo como se fosse uma cruz, finalizando o sinal.

Partindo dessa execução, o que podemos observar? Há algumas evidências que podem conduzir a uma motivação para o sinal, embora esse reconhecimento possa não ser comum a todos, isso porque o movimento realizado pode ser associado a descrição de uma cruz. Isso já nos permite compreender que não se trata de um sinal arbitrário. Seguindo essa linha de raciocínio e observação, a realização do sinal pode representar a imagem de uma cruz ou ainda, o gesto realizado pelas pessoas cristãs como demonstração de respeito ou para marcar o início de uma celebração religiosa ou de uma oração. Essas informações nos levam a considerar que não é um sinal icônico.

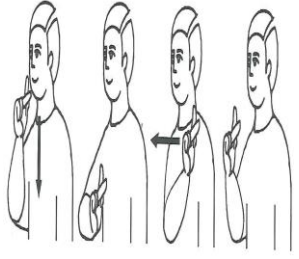
Descartadas essas possibilidades, só nos resta verificar onde se enquadraria o sinal: seria translúcido ou obscuro. Embora não seja óbvio, mas por ser a cruz, um símbolo cristão associado a algumas religiões, há uma motivação para o sinal, embora não represente a figura do PADRE. Isso nos indica que o sinal está mais próximo de

ser obscuro, pois, apesar de ter uma relação com o referente, a sua compreensão só será possível depois de uma explicação (ORTEGA, 2017).

#### 4.3.3.1 PADRE.2


Na Figura 95, destacamos outra sinalização para PADRE.

Figura 95 - Sinal de PADRE.2

PADRE.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/ReUm6MWKCzU">https://youtu.be/ReUm6MWKCzU</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal de PADRE.2 inicia com os dedos anelar e mínimo fechados, dedo médio apontando para baixo, dedo indicador apontando para frente, palma do polegar

tocando a lateral do dedo médio (CM= ) , a palma (OR) da mão para a esquerda, diante do rosto (L). Na sequência, a mão realiza um M de cima para baixo, na vertical, parando o M no espaço neutro em frente ao peito; depois, há um M da esquerda para a direita, na horizontal, descrevendo uma cruz.

Partindo da realização do sinal, o que podemos observar? Será possível afirmar que se trata de um sinal icônico? Inicialmente, verificamos que, nesse sinal, a CM



pode sugerir como se fosse uma inicialização do termo padre, uma vez que essa CM corresponde a letra P no alfabeto da Libras. No entanto, somente essa associação não revela ou identifica o sinal. Assim, quando visualizamos os demais parâmetros, há um movimento em frente e próximo ao peito, que, associado à forma como se realiza, pode sugerir a descrição da imagem de uma cruz. Portanto, se o reconhecimento não é óbvio, descartamos a possibilidade de ser um sinal icônico, o que nos leva a nos aprofundarmos um pouco mais em nossa análise.



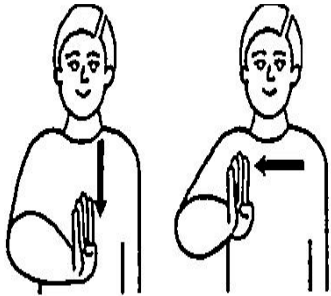
Perguntamo-nos: será que todas as pessoas conseguem estabelecer uma associação da cruz ao sinal de PADRE? É muito provável que não, o que reforça a ideia de que não se trata de um sinal icônico. Para um não sinalizante, é necessário que a pessoa tenha um conhecimento de mundo relacionado à imagem de uma cruz, ligada a ritual feito por cristãos católicos e ortodoxos para professar a fé. No entanto, esse mesmo gesto não é realizado pela maioria dos protestantes e evangélicos por não ser uma ordenação da Bíblia.

Dada toda essa observação, o que verificamos é que há algumas possibilidades, embora remotas, de que seja uma explicação plausível para alguns, isto é, uma possível motivação. Então, não podemos dizer que se trata de um sinal arbitrário. Pela motivação do sinal, que pode se dar pela CM ou pela sua realização, acreditamos que seja translúcido, descartando a tipologia obscura, uma vez que essa motivação pode ser compreendida por alguns.

#### 4.3.3.2 PADRE.3


Na sequência, apresenta-se, na Figura 96, o sinal de PADRE.3.

Figura 96 - Sinal de PADRE.3

PADRE.3	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/kzMxbWFRvJo">https://youtu.be/kzMxbWFRvJo</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal de PADRE.3 inicia com a mão vertical aberta, dedos unidos e com o

polegar dobrado contra a palma (CM=) , palma (OR) posicionada para a esquerda, diante do peito no centro (L). Na sequência, a mão realiza um M de cima

para baixo, na vertical. Depois, o M se realiza da esquerda para a direita, na horizontal, descrevendo uma cruz e finalizando o sinal.

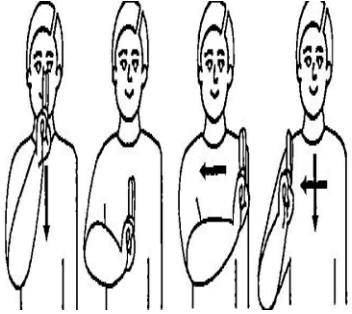
Verificamos que, nesse sinal, alguns parâmetros sugerem a representação de uma cruz ou de algo que se cruza, mas não revela o significado do sinal PADRE. No entanto, na Igreja Católica, um dos símbolos que representa a Santíssima Trindade é o sinal da cruz, um ato realizado pelos cristãos no momento de oração ou pelos padres para abençoar os fiéis. Com base nisso, não podemos descartar a possibilidade de que exista uma motivação para o sinal.

Se não é um sinal que, ao ser executado, possa revelar de fato a que remete, não podemos considerá-lo como icônico. No entanto, dado que há, em sua formação, características que, se bem contextualizadas, revelam qual é o sinal realizado, também não é o caso de ser arbitrário. Embora exista uma motivação para o sinal, ela não é tão evidente, o que nos leva à conclusão de que não se trata de um sinal translúcido, restando a opção de ser um seja obscuro.


#### 4.3.3.4 PADRE.4

A Figura 97, a seguir, contém o sinal de PADRE.4.

Figura 97 - Sinal de PADRE.4

PADRE.4	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p>CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/LCmTXw62tMs">https://youtu.be/LCmTXw62tMs</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

O sinal de PADRE.4 inicia com a mão na vertical fechada, dedos indicador e médio distendidos e unidos, demais dedos fechados (CM= 21), palma (OR) posicionada para esquerda, na face, diante do nariz (L). Na sequência, a mão realiza

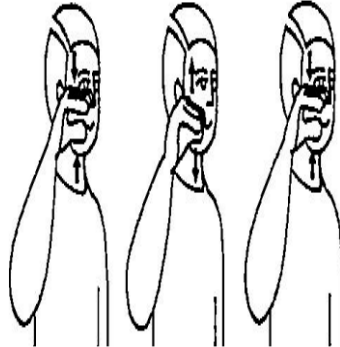
um movimento para baixo (M) no espaço neutro até o centro do peito. Depois, a mão realiza um M da esquerda para a direita, na horizontal, descrevendo uma cruz.

O que nos revela a formação do sinal PADRE.4? Há características que podem sugerir a descrição de uma cruz. Embora a cruz possa apresentar diferentes significados – representa a paixão e a morte de Cristo, um instrumento de tortura e execução ou mesmo um sinal de adição –, não podemos afirmar que não seja um gesto que pode ser associado e compreendido por muitas pessoas, indicando que o sinal não é arbitrário. Entretanto, se não é tão óbvio a ponto de ser imediatamente reconhecido, também não estamos diante de um sinal icônico, restando-nos duas possibilidades: translúcido ou obscuro. Ainda que seja possível estabelecer uma relação com algumas dessas motivações, elas não são tão explícitas ao ponto de determinar a que remete o sinal. Com base nisso, concluímos que não é um sinal translúcido, mas sim obscuro.

4.3.4 EMPREGADO

A próxima imagem, a Figura 98, apresenta o sinal de EMPREGADO.

Figura 98 - Sinal de EMPREGADO

EMPREGADO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/5RU_ZopFLJ4">https://youtu.be/5RU_ZopFLJ4</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Para finalizar as nossas análises neste capítulo, apresentamos e analisamos o sinal de EMPREGADO, que inicia a sua execução com a mão com todos os dedos flexionados, com o polegar paralelo aos demais dedos (CM=)



, com a palma (OR) posicionada para frente, com ponto de contato do polegar no canto direito da boca (L).

Na sequência, ocorre um movimento com os dedos, afastando e aproximando os



dedos do polegar (CM= $\text{08}$ ) por várias vezes, finalizando o sinal.

Observando a sua realização, o que podemos verificar quanto ao seu possível enquadramento? Seria EMPREGADO um sinal icônico, translúcido, obscuro ou arbitrário? Considerando os parâmetros presentes, constatamos que há a possibilidade de acontecer algo similar ao sinal de COMER, isto é, indicar uma ação como se estivesse com algo ou alguma coisa na boca, pois, do início ao final da realização, o dedo polegar fica em contato com o canto direito da boca. No entanto, diferentemente do que ocorre com o sinal de COMER, em que é possível estabelecer uma motivação, em EMPREGADO, o que nos chama a atenção é a forma como o movimento se realiza, para fora, descartando que seja algo para comer ou ingerir, pois a boca está fechada. Se não há nada tão óbvio, não podemos considerá-lo um sinal icônico, tampouco translúcido, uma vez que não conseguimos associar ou mesmo estabelecer uma relação que possa ter sido motivada para denotar EMPREGADO.

Sendo assim, será que é possível remeter a alguma entidade no mundo a



execução associando ( $\text{10} + \text{L} + \text{PC} + \text{M}$ )? Não encontramos nenhuma motivação ou característica que revele ou sugira a que sinal se trata. Partindo desse princípio, não podemos dizer que é um sinal translúcido. Ademais, pela ausência de pistas, informações ou características que possam identificá-lo, podemos concluir que não se trata de um sinal obscuro. Logo, acreditamos que o sinal seja arbitrário, pois não há em sua formação e execução parâmetros que oportunizem uma assimilação a algo ou alguma coisa relacionada ao significado do sinal. De acordo com Capovilla e Raphael (2009), sinal pode ser classificado como opaco/arbitrário quando o seu significado não pode ser reconhecido a partir de sua forma, isto é, a sua representação é “[...] incomum e não convencional [...]” (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2009, p. 63).

#### 4.4 RESULTADOS

Concluída a etapa de análise dos sinais selecionados, sintetizamos, nesta seção, os resultados a que chegamos no percurso investigativo. É importante

ressaltarmos o grande diferencial desta tese, que nos permitiu evidenciar que há a possibilidade de outras gradações entre os fenômenos linguísticos, em um *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Em outras línguas, esse mesmo tipo de estudo já foi investigado, sendo observadas tais gradações, como já mencionado nesta tese. No entanto, no Brasil, somente os estudos de Capovilla haviam demonstrado a possibilidade de um sinal ser translúcido. Em nossa pesquisa, a relevância foi de compreender que também podemos observar sinais obscuros em Libras nessa gradação.

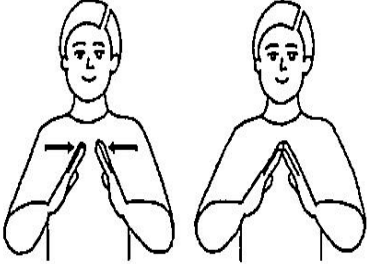

Assim, o diferencial desta tese ultrapassa os estudos do binômio iconicidade/arbitrariedade, pois foi realizada a partir de uma observação detalhada dos itens lexicais selecionados, visando a compreender de que forma essas gradações se manifestam. A metodologia e as estratégias adotadas no percurso, como o uso do formulário no *Google Forms*, oportunizaram-nos um recurso muito preciso como ferramenta de análise dos sinais.

Analisar para observar uma possível gradação da iconicidade à arbitrariedade é um grande desafio, tendo em vista a linha tênue entre tais aspectos. De acordo com Cruz-Aldetre (2008), o “[...] grau de iconicidade é subjetivo, pois, aos olhos de quem não conhece a língua, alguns sinais a olho nu parecem não ter relação com o objeto designado, enquanto em outros se vê uma possível motivação.” (CRUZ-ALDETRE, 2008, p. 62).

A tentativa de responder à hipótese inicial - se a maioria dos sinais na Libras é icônica e se haveria outras gradações possíveis nesse *continuum* da iconicidade à arbitrariedade - nos conduziu a muitas análises e debates que nos levaram a concluir que, de fato, na Libras temos outras possibilidades de manifestação dos sinais, pois, em alguns, a motivação é tão óbvia que são classificados como icônicos, em outros, percebe-se uma determinada motivação para a formação do sinal, assim, sendo considerados translúcidos. Todavia, quando esse aspecto não é tão óbvio, os sinais podem ser definidos como obscuros. Além disso, se não é possível verificar nada que indique qual o sinal realizado, ele será arbitrário.

Para reforçar o que dissemos, temos um clássico exemplo, o sinal de CASA. Seria na verdade icônico? Icônico para quem? Na Figura 99, expomos o sinal de CASA extraído de Capovilla *et al.* (2017, p. 549).




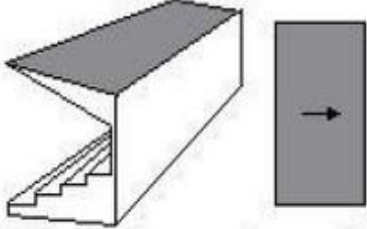

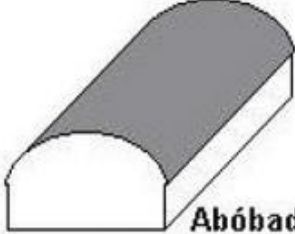
Figura 99 - CASA

CASA	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	 <p data-bbox="804 472 842 584">OR L M</p> <p data-bbox="673 622 976 696">OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p data-bbox="1018 506 1430 539"><a href="https://youtu.be/VZebXgorhy0">https://youtu.be/VZebXgorhy0</a></p>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

A realização do sinal de CASA inicia-se com as mãos abertas, todos os dedos distendidos, unidos e inclinados uns para os outros, com orientação palma a palma, no espaço neutro em frente e próximo ao peito, no centro, com expressão facial neutra. Na sequência, as mãos realizam um movimento retilíneo tocando as pontas dos dedos indicador, médio e anelar de ambas as mãos, finalizando o sinal. A motivação para o sinal pode ser o formato do telhado nas casas. No entanto, nem todas as casas apresentam o mesmo formato de telhado, por exemplo, ocas, iglu, uma água (edícula), arquibancada, cúpula, abóbada.

Figura 100 - Tipos de telhados

OCA <sup>60</sup>	IGLU <sup>61</sup>	UMA ÁGUA <sup>62</sup>
		
ARQUIBANCADA	CÚPULA	ABÓBADA
 <b>Telhado de arquibancada</b>	 <b>Cúpula</b>	 <b>Abóbada ou Telhado em arco</b>

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2022).

Ao considerarmos os vários tipos de telhados, não é possível afirmar que o sinal de CASA é icônico por representar o formato de um telhado. Partindo do princípio de que há uma motivação no sinal, não podemos determinar como sendo um sinal icônico, no entanto, não podemos afirmar que seja um sinal arbitrário. Contudo, se não é possível classificá-lo como icônico ou arbitrário, há duas outras possibilidades nesse *continuum*: ou é um sinal translúcido, ou é um sinal obscuro.

Dessa forma, o sinal de CASA está mais próximo da iconicidade do que da arbitrariedade, uma vez que em sua realização há parâmetros que podem sugerir uma semelhança com o formato de um telhado, que é uma estrutura presente em todas as construções (uma cobertura das edificações). Ademais, não podemos considerá-lo obscuro porque a motivação para o sinal se manifesta na sua realização, o que sugere que seja um sinal translúcido.

No entanto, pesquisadores asseveram que a iconicidade dos sinais, às vezes, apresenta um aspecto "sombrio", pois, em decorrência da evolução e da mudança histórica dos sinais, determinadas qualidades icônicas, que estão presentes no sinal,

<sup>60</sup> Disponível em: <https://mapio.net/images-p/7675163.jpg>

<sup>61</sup> Disponível em: <https://thumbs.dreamstime.com/b/iglu-congelado-isolado-no-fundo-branco-76823047.jpg>

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.guiadaengenharia.com/wp-content/uploads/2020/08/cobertura-1.png>

podem diminuir ou mesmo se perder com o tempo, tornando os sinais completamente arbitrários<sup>63</sup>.

Logo, compreendemos que a iconicidade de um sinal não se constitui apenas pela semelhança entre a forma e o significado presentes no sinal, mas se revela por meio da constituição dos parâmetros que podem sugerir uma semelhança com a imagem relacionada ao referente, pois “[...] a iconicidade só existe por meio de esforços mentais dos seres humanos; e depende das nossas associações conceituais naturais e culturais.” (MARTINS, 2007, p. 85).

O resultado de nossa investigação nos permite dizer que pode ocorrer nos sinais da Libras os mesmos níveis de gradação como em outras línguas de sinais já investigadas. Após as análises linguísticas realizadas, identificamos que para os sinais atenderem a determinada gradação, eles manifestam:

- (i) Sinais-Icônicos: às vezes, são compreensíveis por serem de uso comum e convencional, sendo reconhecidos pela forma ou pela gestualidade. Os parâmetros presentes em sua formação contribuem para a compreensão do que evocam, isto é, há uma situação em que os itens lexicais têm, em sua própria morfologia, informações que remetam ao significado e/ou à entidade a que se referem, a ponto de permitir uma associação com referente desde que a pessoa tenha uma bagagem cultural que oportunize estabelecer essa relação de semelhança;
- (ii) Sinais Translúcidos: embora exista um aspecto representacional, a sua identificação pode não ser tão imediata como no caso anterior, isto é, não são tão evidentes, mas estabelecem uma relação com o referente por algum aspecto na realização do sinal, de modo que são passíveis de ser compreendidos, desde que seja explicado;
- (iii) Sinais Obscuros: a identificação dos referentes mantém uma relação com o que é referenciado, no entanto, isso somente será possível com explicações, pois a motivação inicial do sinal tornou-se obscura com a evolução dos tempos;
- (iv) Sinais Arbitrários: são aqueles que não manifestam qualquer tipo de relação com o referente, não sendo possível compreendê-lo por não ter nenhuma associação entre o sinal e aquilo a que se refere.

---

<sup>63</sup> Pesquisadores como Frishberg (1975) e Woodward (1976) estudaram a mudança histórica dos sinais da ASL. No Brasil, podemos citar o estudo de Diniz (2010).



Quanto a esses níveis de gradação compreendemos que:

A face icônica não aparece no processamento de sinais na memória imediata. A mudança histórica diminui as propriedades icônicas dos sinais ASL; alguns sinais se tornam mais opacos ao longo do tempo, outros completamente arbitrários. As operações gramaticais submetidas aos signos podem submergir ainda mais a iconicidade. (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 34).

O que nossas análises evidenciaram quanto aos parâmetros foi que são determinantes com relação ao que expressam. As formas e a OR de mãos, a L, o M realizado e as ENM podem transmitir significados. Por exemplo, a CM pode representar formas, tamanho e espessura que podem remeter à imagem do que evocam, representando as propriedades físicas, como é o caso dos classificadores.

Já a orientação da mão (OR) auxilia na compreensão se está próximo ou distante do corpo, se está para cima ou para baixo, para os lados, revelando para onde a forma da mão se apresenta na execução do sinal, isto é, a OR revela a direção da palma na mão na execução do sinal (FERREIRA-BRITO, 1995).

Os movimentos (M) podem apresentar ações que imitam o referente, pois, em sua realização, podem representar um contorno, caracterizar formas geométricas, ser um M de contato, um M realizado pelo pulso de torcedura ou dobramento e ser do tipo interno das mãos de abertura, de fechamento, de curvamento ou de dobramento. Para além dessas tipologias, há uma caracterização quanto à sua direcionalidade, de maneira contínua, de retenção ou refreado e, ainda, com uma frequência de repetição simples ou repetida por várias vezes (QUADROS; KARNOPP, 2004).

A locação (L) é determinante para indicar o espaço onde os demais parâmetros se manifestam, ou seja, “[...] é o *lócus* de movimento do sinal, seu ponto de articulação.” (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 50).

E as expressões não manuais (ENM) nos permitem interpretar ações ou reações que podem denotar sentimentos e sensações, sendo expressos no rosto, na cabeça, simultaneamente no rosto e cabeça e no tronco. Quando as expressões são faciais, na Libras, podem ser gramaticais, relacionadas à estrutura, à morfologia (por exemplo, elas marcam grau de intensidade, tamanho) e à sintaxe (negação, interrogação, ênfase). As expressões faciais podem ser usadas, também, para

expressar sentimentos (alegria, angustia, ansiedade, sofrimento e outros) (FERREIRA-BRITO, 2010).

Os resultados das análises revelaram que é possível relacionar iconicidade à motivação, e arbitrariedade à imotivação. No entanto, não se pode dizer que são conceitos sinônimos, haja vista que nem todo sinal motivado é icônico, sem contar que a motivação pode se manifestar em outras duas gradações: translúcida e obscura. O que pode ocorrer é a existência de uma relação associada a partir de uma representação visual mental, entre o significante e o significado.

Com base nesses aspectos, apresentamos, no Quadro 9, os resultados da pós-análise. Na primeira coluna, constam as categorias semânticas; na segunda, terceira, quarta e quinta colunas estão os níveis de gradação e a respectiva quantidade identificada após as análises dos itens lexicais e os seus equivalentes em sinais. Ressaltamos que alguns itens lexicais estão registrados sob duas ou mais formas, o que justifica o registro de mais itens lexicais do que o previsto (CAPOVILLA *et al.*, 2017).

Quadro 9 - Resultados das análises

<b>CATEGORIAS SEMÂNTICAS</b>	<b>ICÔNICO</b>	<b>TRANSÚCIDO</b>	<b>OBSCURO</b>	<b>ARBITRÁRIO</b>	<b>TOTAL</b>
01. ALIMENTOS	-	02	02	05	09
02. BEBIDAS	02	02	04	02	10
03. CASA	-	-	03	-	03
04. OBJETOS ESCOLARES	-	01	02	02	05
05. CORES	-	01	03	02	06
06. ORIENTAÇÃO TEMPORAL	-	02	08	12	22
07. PESSOAS	-	03	-	01	04
08. FAMÍLIA	-	01	06	01	08
09. PROFISSÕES	01	03	09	02	15
10. ANIMAIS	03	11	18	15	47
11. ADJETIVOS	01	18	17	17	53
12. ADVÉRBIOS	-	03	11	06	20
13. CONJUNÇÕES	-	-	02	01	03
14. INTERJEIÇÕES	01	01	05	04	11
15. INTERROGAÇÕES	-	-	03	-	03
16. PREPOSIÇÕES	-	-	03	07	10
17. PRONOMES	01	01	09	10	21
18. SUBSTANTIVO	-	-	-	01	01
19. VERBOS	09	09	11	24	53
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>58</b>	<b>116</b>	<b>112</b>	<b>304</b>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

A partir desses dados, geramos um gráfico, disposto na Figura 101, das porcentagens de acordo com cada nível dos fenômenos linguísticos.

Figura 101 - Porcentagem identificada dos itens léxicas das categorias semânticas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Portanto, ressaltamos que, entre os sinais icônicos e arbitrários, se encontram os sinais translúcidos e obscuros, que podem apresentar uma motivação na origem de sua formação ou algum parâmetro que favoreça ou possibilite uma associação a que remete o sinal. No caso dos sinais obscuros, essa motivação tornou-se ofuscada ao longo dos tempos, perdendo sua propriedade de representatividade. Dessa forma, consideramos que os sinais translúcidos estão mais próximos dos sinais icônicos, e que os sinais obscuros estão mais próximos dos sinais arbitrários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Criar uma nova teoria não é como destruir um velho obstáculo e erguer um arranha-céu em seu lugar. É mais como escalar uma montanha e adquirir vistas novas e mais amplas." (Albert Einstein).*

Durante todo o percurso de investigação, visando a responder às nossas hipóteses iniciais, muitos estudos foram realizados e diversas estratégias foram elaboradas para que fosse possível gerar uma boa análise dos dados e, com isso, produzir os resultados da pesquisa. Os dados obtidos e os resultados das análises evidenciaram que a iconicidade é um fenômeno importante e presente nas línguas naturais, como há tempos estudiosos da área já defendem. Embora tenhamos feito uso de muitas estratégias, realizados novos percursos investigativos, a nossa conclusão seria tão somente essa? É lógico que não!

Considerando que a iconicidade é um fenômeno natural, é preciso compreender o seu valor e a sua singularidade tanto nas línguas orais como na língua de sinais. Então indagamos: o que representa a iconicidade nas línguas orais? De que forma se manifestam? E nas línguas de sinais? De fato, será que na Libras a maioria dos sinais são icônicos?

Levando em conta o debate travado pelos filósofos na antiguidade a respeito da natureza das palavras, os estudos de Saussure sobre a natureza das palavras ser arbitrária, embora considere que nas línguas orais existe uma maleabilidade na arbitrariedade, uma vez que a onomatopeia é um claro exemplo, pois apresenta um caráter arbitrário, e há uma convenção que se atribui para a representar determinados sons (SAUSSURE, 2012), questiona-se: se nas línguas orais são poucas as palavras consideradas icônicas, será que os sinais da Libras, em sua maioria, são de fato icônicos?

Nossas análises revelam que não! O que pode ser considerado de uma forma muito generalizada como um sinal icônico, por conta de uma motivação, em uma análise linguística mais profunda, verificamos que essa afirmação não se sustenta.

A partir da fundamentação teórica que norteou e permeou o desenvolvimento da pesquisa e ancorou a análise dos dados, podemos enfatizar que na Libras é possível existir outras gradações no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade. Os resultados mostram que, na Libras, a iconicidade não é um fator determinante na

constituição dos itens lexicais, e que outras gradações estão presentes na perspectiva dos fenômenos linguísticos, sendo, em sua maioria, arbitrários (KLIMA; BELLUGI, 1979; TAUB, 2001; SU, 2004; ORTEGA, 2017).

Acreditamos que a relevância desta pesquisa, materializada nesta tese de doutorado, está para além de uma classificação tipológica dos sinais, pois buscou compreender o fenômeno linguístico da iconicidade em uma perspectiva singular e própria de cada língua de sinal, respeitando as suas especificidades linguísticas.

Assim, destacamos que:

- Existem outras duas gradações no *continuum* da iconicidade à arbitrariedade na Libras, os translúcidos e os obscuros, e o que os determina é a relação entre a forma e o significado que se estabelece ou não na formação do sinal;
- Os sinais icônicos podem representar classificadores semânticos ou uma relação entre a forma e o significado culturalmente construídos, os quais podem ser reconhecidos em algumas situações mesmo sem o conhecimento da língua de sinais. Contudo, para que o reconhecimento ocorra, é necessário um conhecimento prévio do que o referente possa representar;
- Os sinais translúcidos são os que apresentam características que podem estabelecer uma relação de sentido, sendo compreendidos a partir de uma explicação. Assim, um não sinalizante consegue entender a motivação para o sinal quando há uma justificativa ou uma explicação do sinal;
- Os sinais obscuros são aqueles em que existe uma motivação em sua formação, estabelecendo uma relação com o referente, no entanto, ela não é evidente, o que dificulta a sua percepção e, por muitas vezes, a motivação inicial se perdeu ao longo do tempo, ficando obscurecida;
- Os sinais arbitrários são os que não estabelecem uma conexão entre a forma e o referente, pois não é possível realizar uma associação do signo ao seu significado ou ao referente.

Temos ciência da contribuição dos estudos iniciais de Saussure (2012) com o conceito de arbitrariedade do signo linguístico e, posteriormente, de Peirce (1885) com o conceito de iconicidade nas línguas naturais. Seus apontamentos foram fundamentais e serviram de base para que outras investigações pudessem aprofundar

e acrescentar novos sentidos quando relacionados à língua de sinais. No entanto, ao estudarmos esses conceitos, precisamos analisar a partir da singularidade de formação com os parâmetros que representam as unidades sublexicais na língua de sinais.

Os dados analisados nos permitem compreender que a iconicidade, nas línguas de sinais, em especial na Libras, apresenta uma singularidade quanto a outras gradações que refletem a forma como os sinais se constituem a partir de seus referentes, com a combinação de parâmetros, que são fundamentais para sua categorização. No entanto, concordamos com a ponderação de Frydrych (2012) de que “[...] todo o sinal é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico.” (FRYDRYCH, 2012, p. 291). Os dados nos revelam que todo sinal icônico é arbitrário, uma vez que se estabelece a partir de características singulares.

Compreendemos que a pesquisa poderá contribuir para a área de estudos linguísticos como uma nova perspectiva na área de formação e capacitação dos intérpretes de Libras e de ensino de LIBRAS, uma vez que, quanto mais se conhece a gramática de uma língua, seja ela de tradição oral ou de sinais, mais esse conhecimento poderá ser revertido em ferramentas direcionadas aos profissionais que atuam na área, seja no ensino, na área da tradução e/ou na interpretação de Libras.

Acreditamos, portanto, que pesquisas futuras sobre os fenômenos linguísticos da iconicidade e da arbitrariedade possam ser aprofundadas, contribuindo com os estudos da linguística da Libras, especialmente por considerar os fatores relacionados à cultura na interpretação dos itens lexicais.

## REFERÊNCIAS

- BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the Nonmanual Componentes of American Sign Language. *In*: SIPLE, P. **Understanding language through sign language research**. New York: Academic Press, 1978, p. 27-57.
- BARTHES, R. **Michelet**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Silver Spring, Maryland, v. 5, p. 1-19, 1974.
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.
- BATTISON, R. Analyzing Signs. *In*: VALLI, C.; LUCAS, C. (Orgs.). **Linguistics of American Signs Language: an introduction**. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallasudet University Press, 2000.
- BÉBIAN, R. A. A. **Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sords-muets**. Paris, France: [s.n.], 1825.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. Aspects of sign language and its structure. *In*: KAVANAGH, J. F.; CUTTING, J. E. (eds.) **The role of speech in language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1975, p. 171-2013.
- BELLUGI, U.; KLIMA, E. S. Two faces of sign. Iconic and abstract. *In*: S. HARNAD, D. HOEST, I. LANGCASTER (eds.). **Origins and evolution of language and speech**. Mew Your: New York Academy of Sciences, 1976, p. 514-538.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BERLIN, B. Evidence for pervasive synesthetic sound symbolism in ethnozoological nomenclature. *In*: HINTON, L.; NICHOLS, J.; OHALA, J.J. (eds.). **Sound Symbolism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 76-103.
- BOLINGER, D. **Meaning and form**. London: Longmans, 1977.
- BONET, J. P. **Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos**. 1620. Disponível em: <https://historiaragon.com/2017/01/05/juan-de-pablo-bonet/>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- BORBA, F. S. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília: Presidência da

República, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 18 abr. 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamente a Lei nº 10.436 de 22 de abril de 2002 e o artigo 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 18 abr. 2018.

BULLWER, J. **Chirologia**. 1644. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo/a30105.0001.001/32:11?page=root;size=125;vid=110295;view=text>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CABRÉ, M. T. **Terminology**: theory, methods and applications. Tradução de Janet Ann DeCesaris. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

CAGLE, K. M. **Exploring the ancestral roots of american sign language: lexical borrowing from cistercian sign language and french sign language. 2010. Thesis** (PhD of Philosophy Educational Linguistics) - University of New Mexico, Albuquerque, 2010.

CÂMARA JR, J. M. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMPELLO, A. R. A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, v. 2, p. 8 -25, jul./ 2011.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* A Língua de Sinais Brasileira e sua iconicidade: Análises experimentais computadorizadas de caso único. **Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação**, v. 1, n. 2, p. 781-924, 1997.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a Libras em suas mãos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CAPOVILLA, F. C.; MARTINS, A. C.; OLIVEIRA W. G. S. Criando dicionários de línguas de sinais: modelos iconográfico, linguístico e contemporâneo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 152-169, jul./dez. 2018.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo Deit-Libras – Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2012.



CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAYLEY, G. **Arquitetura pedagógica computacional para interações intelectuais entre crianças surdas e pais não-surdos em Libras e Português**. 2013. Tese (Doutorado em Informática) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONSTÂNCIO, R. F. J. **O intérprete de libras no ensino superior: sua atuação como mediador entre Língua Portuguesa e a Língua de Sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2010.

CORRÊA, F. S. **Língua Brasileira de Sinais: expressões inovadoras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014.

COSTA, V. H. **Iconicidade e produtividade na língua brasileira de sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012.

CRUZ-ALDRETE, M.; VILLA-RODRÍGUEZ, M. Á. La iconicidad en la formación del lexicón en la Lengua de Señas Mexicana. **Lengua y Habla**, n. 17, p. 14-33, ene./dic., 2013.

CUXAC, C. French sign language: Proposition of a structural explanation by iconicity. *In*: BRAFFORT, R. *et al.* (eds.). **Lecture Notes 398 in Computer Science (including subseries Lecture Notes in Artificial Intelligence and Lecture Notes in Bioinformatics)**. Berlin: Heidelberg, 1999, p. 165–184.

CUXAC, C. Iconicité des Langues des Signes. **Faits de langues**, Paris, p. 47-53, mar. 1993.

CUXAC, C. **Iconicité des langues des signes: mode d'emploi**. Les Cahiers de Linguistique Analogique 1. A.B.E.L.L.: Université de Bourgogne, 2003.

CUXAC, C.; SALLANDRE, M-A. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. *In*: PIZZUTO, P.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. (eds.) **Verbal and signed languages: Comparing structures, constructs and methodologies**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 13–34.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DUARTE, E. R. *et al.* Estudo de Caso Sobre a Inclusão de Alunos com Deficiência no Ensino Superior. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, v. 19, n. 2, p. 289-300, abr./jun. 2013.

ELFENBEIN H. A. Nonverbal Dialects and Accents in Facial Expressions of Emotion. **Emotion Review.** v. 5, n. 1, p. 90-96, 2013.

FARACO, C. A. Estudos Pré-saussureanos. *In:* MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos.** São Paulo: Cortez, 2004.

FAULSTICH, E. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. *In:* SALLES, H. M. M. L. (org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** GO: Cãnone, 2007, p.119-142.

FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).** 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 1998.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. **LIBRAS em Contexto – Curso Básico – Livro do Professor.** 2. ed., Brasília: MEC/SEESP/FNDE, 2008.

FERREIRA BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. **Sign Language Studies**, [s.l.], v. 13, n. 42, 1984.

FERREIRA BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.

FERREIRA BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. *In:* FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro: Babel, 1995.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FITZGERALD, A. **Mouthing and Mouth Gestures in Irish Sign Language: A Cognitive Linguistic Framework.** 2014. Thesis (PhD of Linguistics, Speech and Communication Sciences) - University of Dublin, Dublin, 2014

FRISHBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, n. 51. p. 696-719, 1975.

FRISHBERG, N. C. Arbitrariness and iconicity: Historical change in American Sign Language. **Language**, v. 51, p. 696-719, 1975.

FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 291, 2012.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes**. Etude de langues de signes émergentes pratiquées par des sourds brésiliens. 2004. Thèse (Doctorat) - Université Paris 8, Paris, 2004.

GAMA, F. J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Editora ATLAS, 2019.

GROSSO, B. **Iconicity and Arbitrariness in Italian Sign Language: An Experimental Study**. 1993. Thesis (PhD of Psychology) - University of Padua, Pauda, 1993.

GUIMARÃES, C. **Arquitetura pedagógica computacional para interações intelectuais entre crianças surdas e pais não-surdos em Libras e Português**. 2013. Tese (Doutorado em Informática) - Universidade Federal do Paraná, 2013.

HAIMAN, J. **Natural syntax**. Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 18 abr. 2018.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editõra Cultrix e Universidade de São Paulo, 1969.

JANUZZI, G. S. M. Políticas públicas de inclusão escolar de pessoas portadoras de necessidades especiais: reflexões. **Revista GIS**, Rio de Janeiro, p. 30-36, out. 2004.

JOHNSTON, T. A. **A general introduction to australian ign lan uag (auslan)**. Adelaide: National Centre for Research and Development, 1987.

JONSHTON, T. A. **AUSLAN: The Sign Language of the Australian Deaf Community**. 1989. Thesis (PhD of Philosophy in Linguistics) - University of Sydney, Sydney. 1989.

KARNOPP, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KENDON, A. How gestures can become like words. *In*: POYATOS, F. (ed.). **Cross-cultural perspectives in nonverbal communication**. Cambridge: Hogrefe & Huber Publishers, p. 131–141, 1988.

KENDON, A. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins 1985, p. 109-150.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras):** um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, SK. **American Sign Language syntax**. New York, NY: Mouton, 1980.

LIMA-HERNANDES, M. C. O princípio da iconicidade e sua atuação no Português do Brasil. **Filologia E Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 83-96, 2006.

MANDEL, M. Iconic devices in American Sign Language. *In*: L. A. FRIEDMAN (ed.). **On the Other Hand**. London: Academic Press, 1977, p. 57-107.

MARINHO, R. S. **Neologismos em Libras:** um estudo sobre a criação de termos na área de Química. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística:** uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; WILSON, V. Linguística e ensino. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 235-242.

MARTINS, A. C. **Lexicografia, metalexigrafia e natureza da iconicidade da Língua Brasileira de Sinais – Libras**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MARTINS, T. A. **Estudos para especificação e modelagem de estruturas e organização de um dicionário monolíngue de Libras**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

MEIR, I. Iconicity and metaphor: Constraints on metaphorical extension of iconic forms. **Language**, v. 86, n. 4, p. 865–896, 2010. DOI:10.1353/lan.2010.0044.

NAVES, T. *et al.* Análise da iconicidade de quatro propostas de denominações neológicas para conceitos da Física (acústica) na LSB. **Sensos-e**, v. 6, n. 1, p. 106, 2019.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Livro S.A., 1969.

ORMEL, C. W. *et al.* Dust coagulation and fragmentation in molecular clouds-I. How collisions between dust aggregates alter the dust size distribution. **Astronomy & Astrophysics**, v. 502, n. 3, p. 845-869, 2009.

ORTEGA, G. **Iconicity and Sign Lexical Acquisition: a Review.** *Front: Psychol*, 2017.

PADDEN, C. Interaction of morphology and syntax in ASL. 1983. Thesis (Doctoral Dissertation) - University of California, San Diego, 1983.

PEIRCE, C. S. **Semiótica.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PEIRCE, C.S. (ed.). **Studies in logic by members of the John Hopkins university.** Cambridge: John Benjamins Publishing Co. University Press, 1983.

PEREIRA, M. C. C. **Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes.** 1989. Tese (Doutorado Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERNISS, P. M. **Space and Iconicity in German Sign Language (DGS).** München: Universidade Radboud Nijmegen, 2007.

PERNISS, P.M. Locative functions of simultaneous perspective constructions in German Sign Language narratives. *In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; O. CRASBORN (Eds.). Simultaneity in Signed Languages: Form and function.* Amsterdam: John Benjamins, 2007, p. 27-54.

PERNISS P.; THOMPSON R. L.; VIGLIOCCO G. Iconicity as a general property of language: evidence from spoken and signed languages. **Front. Psychol**, n. 1, p. 227, 2010.

PERNISS P. M; VIGLIOCCO G. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. **Phil. Trans. R. Soc.**, [s.l.], v. 369, e-20130300, 2014.

PERNISS, P. *et al.* **Mapping language to the world: the role of iconicity in the sign language input.** [s.l.]: [s.n.], 2017.

PEZATTI, E. G. GDF: uma teoria gramatical ou uma teoria do uso?. **Guavira Letras**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 25-35, 2011.

PIETRANDREA, P. Iconicity and arbitrariness in Italian Signs Language. **Sign Language Studies**, [s.l.], n. 2, v. 3, p. 296-231, 2002.

PIZZUTO E. Deixis, anaphora and person reference in signed languages. *In: PIZZUTO, P. PIETRANDREA; R. SIMONE (eds.). Verbal and Signed Languages: Comparing structures, constructs and methodologies.* Berlin/ New York: Mouton De Gruyter, 2007, p. 275-308.

PIZZUTO, E.; VOLTERRA, V. Iconicity and transparency in Sign Languages: Acrosslinguistic cross-cultural view. *In*: EMMOREY, K.; LANE, H. (ed.). **The signs of a language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, NY: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2000.

PLATÃO. **Diálogo**: Crátilo (ou da Justeza dos Nomes). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1988.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Binais brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, L. O. **Que palavra vem a sua mente? Um estudo de associação semântica em libras**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

REILLY, J. **How faces Come to serve Grammar**: the development of nonmanual morphology in American Sign Language. In *Advances in the sign language development of deaf children*. New York: Oxford University Press, 2006.

REILLY, J. S., MCINTIRE, M. L.; SEAGO, H. Affective prosody in American Sign Language. **Sign Language Studies**, n. 75, p. 113–28, 1992.

ROCCAFORTE, M. **Studi linguistici sulle componenti orali della lingua dei segni italiana (LIS)**. 2009. Tesi di Laurea (Dottorato di Ricerca in Scienze Documentarie, Linguistiche e Letterarie) - Universidade de Roma, Roma (2009).

ROCCAFORTE, M. **Studi linguistici sulle componenti orali della lingua dei segni italiana (lis)**. 2017. Tesi di laurea (Dottorato Linguistiche e Letterarie) - Università di Roma, Roma, 2017.

RODERO TAKAHIRA, A. G. R. **Compostos na Língua de sinais brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RUSSO CARDONA, T.; VOLTERRA, V. **Le lingue dei segni**. Storia e semiotica. Roma: Carocci Editore, 2007.

SALAZAR ROMERO, C.; MERCADO, A. I. **Las Maravillas de la comunicación están en nuestras manos**. Escucha mis manos y sabrás lo que digo. Jalisco: Secretaría de Educación, 2010.

SALLANDRE, M-A. **Les unités du discours en Langue des Signes Française.** Tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Paris VIII, Vincennes-Saint Denis, Paris, 2003.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and linguistic universals.** Cambridge: Cambridge University, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHEMBRI, A. The representation of motion events in signed language and gesture: A preliminary report. *In*: SCHULMEISTER, R.; H. REINITZER (eds.). **Progress in sign language research**: In honor of Siegmund Prillwitz. Hamburg: Signum Verlag, 2002, p. 99-126.

SCHEMBRI, A., JONES, C.; D. BURNHAM. Comparing Action Gestures and Classifier Verbs of Motion: Evidence From Australian Sign Language, Taiwan Sign Language, and Nonsigners' Gestures Without Speech. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, n. 10, v. 3, p. 272-290, 2005.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, [s.l.], v. 1, p. 1-2, 1997.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1999.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Linguagem de Sinais.** Cesário Lange, SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

SOFIATO, C. G. **O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira.** 2005. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. Justaposições: o Primeiro Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais e a Obra Francesa que Serviu de Matriz. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, v. 18, n. 4, p. 569-586, out./dez. 2012.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**: as outline of the visual communication system for the American deaf. Buffalo, Nova York: Buffalo University, 1960.

STOKOE, W. C. **Sign language structure.** Silver Spring: Linstok Press, 1978.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles.** Washington, D.C.: Gallaudet College Press, 1965.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SU, S. F. **Iconicity in Taiwan Sign Language**. Thesis. (PhD of Linguistics) - National Chung Cheng University, Taiwan, 2004.

SUPALLA, T. **Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language**. Dissertation (Master of Linguistics) - University of California, San Diego, 1982.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How Many Scats in a Chair? The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language. *In: Siple, Patrícia (ed.). **Understanding Language through Sign Language Research***. New York: Academic Press, 1978, 91-132.

TAI, J. H-Y. **A Study of Taiwan Sign Language**: Phonology, Morphology, Syntax and Digital Graphic Dictionary. National Chung Cheng University. Research Project funded by National Science, Taiwan, 2001-2005.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. *In: In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook***. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388- 412.

TAUB, S. Iconicity in American Sign Language: concrete and metaphorical applications. **Spacial cognition and computation**, Netherlands, v. 2, p. 31-50, 2000.

TAUB, S. **Language from the body**: Iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001.

THOMPSON, R. L.; VINSON, D. P.; VIGLIOCCO, G. The link between form and meaning in American Sign Language: Lexical processing effects. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, [s.l.], n. 35, v. 2, p. 550–557, 2009.

THOMPSON, R. L.; VINSON, D. P.; VIGLIOCCO, G. The link between form and meaning in British Sign Language: Effects of iconicity for phonological decisions. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, [s.l.], n. 36, v. 4, p. 1017–1027, 2010.

ULLMANN, L. P. A Sample of Operant Studies. **The Journal of Special Education**, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 319-321, 1968.

VALLI, K; LUCAS, C. **The Linguistic Structure of American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1992.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. *In: EMMOREY K.; LANE HARLAN. **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima***. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 2000.

WILCOX, S. **Gesture and Language**: cross-linguistic and historical data form signed languages. Amsterdam: John Benjamins, 2004.



XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – DADOS DA ANAMNESE

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram considerados alguns instrumentos que, dada a natureza da investigação, mostram-se necessários não apenas para conduzir a coleta de dados, mas também para as análises a serem realizadas. Dentre os instrumentos utilizados, um deles diz respeito aos procedimentos iniciais de elaboração de um questionário semiestruturado, possibilitando aos entrevistados liberdade para registrarem suas especificidades quanto à aquisição da língua.

Segundo Gil (2014), a elaboração do questionário deve atender a alguns critérios para favorecer a análise dos dados. Para tanto, e considerando nosso objeto de estudo, as questões foram elaboradas de forma a favorecer a possibilidade de tabulação e de reflexão dos dados obtidos, com questões claras e de fácil entendimento, respeitando o histórico de vida e familiar dos sujeitos que compuseram a pesquisa.

Destarte, as perguntas constantes no questionário têm como objetivo compreender como se deu o processo de aquisição de língua. Em atendimento ao objeto da pesquisa, as principais questões elaboradas são:

- a) Os pais são surdos ou ouvintes?
- b) Quem da família se comunica em língua de sinais?
- c) Qual o tipo de surdez e quando foi identificado a mesma?
- d) No processo de aquisição de língua em que fase de sua vida aprendeu a Libras e quem ensinou?
- e) Quais os primeiros sinais adquiridos? Considera que é mais fácil aprender sinais icônicos ou arbitrários?
- f) Qual a melhor maneira de ensinar os sinais para pessoas surdas e o que considera ser importante aprender primeiro?
- g) O que a aquisição da Libras possibilitou em sua vida?
- h) As pessoas com as quais convive sabem Libras? De que forma se comunica com quem não sabe a Libras?

O critério de seleção dos participantes foi o de considerar a especificidade dos estudantes que são surdos e usuários da língua de sinais. Assim, a pesquisa foi realizada em uma instituição pública de ensino superior, no município de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Participaram 23 estudantes surdos que estão cursando uma das turmas do curso de Licenciatura Letras-Libras no ano de 2018, na Faculdade de Educação a Distância EaD-UFGD. Para melhor compreensão, o questionário foi realizado de acordo com o interesse do objeto da pesquisa. Iniciamos com a identificação, com o histórico familiar, com o tipo de surdez e com o período que passou a fazer uso da Libras na comunicação. Vale destacar que há previsão de outros encontros. Portanto, aqui geramos os dados preliminares<sup>64</sup>.

Dos 23 estudantes, 10 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades variando de 18 a 50 anos, conforme distribuição ilustradas pelo Quadro 1.

A faixa etária corresponde está indicada no Quadro 1:

Quadro 1 - Faixa etária dos estudantes

FEMININO		MASCULINO	
De 18 a 19 anos	2	De 18 a 20 anos	1
De 20 a 29 anos	3	De 21 a 30 anos	4
De 30 a 39 anos	2	De 31 a 40 anos	5
De 40 a 50 anos	3	De 41 a 50 anos	3

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

Na avaliação do histórico familiar, considerando a maneira como interagem no seu ambiente familiar, os dados apontam que, em grande parte, são filhos de pais ouvintes e que, no gênero feminino, alguém da família sabe Libras, mas, no gênero masculino, sete dos entrevistados responderam que ninguém da família sabe Libras.

Quadro 2 - Histórico familiar

FEMININO		MASCULINO	
Pais ouvintes	9	Pais ouvintes	12
Pais surdos	1 (pai e mãe surdos)	Pais surdos	1 (pai surdo/mãe ouvinte)
Na família sabem Libras		Na família sabem Libras	
Pai		Pai	1
Mãe	5	Mãe	2
Irmãos	5	Irmãos	4
Cônjuges	2	Cônjuges	0
Filh@s	1	Filh@s	-
Prim@s	2	Prim@s	-
Todos sabem	2	Todos sabem	1
Ninguém sabe	-	Ninguém sabe	7

<sup>64</sup> A pesquisa prevê a continuidade de novos questionários, pois os dados obtidos podem confirmar ou refutar nossas hipóteses objetos de estudo.

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

A maioria possui perda profunda, e os dados apontam que 52% da família identificou a surdez enquanto os filhos eram bebês.

Quadro 3 - Tipos de perda e período identificado da perda.

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
DA grau leve		DA grau leve	
DA grau moderado	1	DA grau moderado	1
DA grau severo	1	DA grau severo	2
Surdez profunda	8	Surdez profunda	10
<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Bebê	6	Bebê	6
0 a 3 anos	3	1 a 3 anos	4
4 a 5 anos		4 a 5 anos	2
Ao entrar na escola		Ao entrar na escola	1
Otosclerose	1 (após os 30 anos)		

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

No processo de aquisição da língua de sinais, os dados apontam que a aquisição da língua de sinais do gênero feminino se deu em 70% na faixa etária dos 3 aos 8 anos de idade e em 30% após os 15 anos de idade. No gênero masculino, dos 13 entrevistados, 31% na faixa dos 3 aos 5 anos; 38% na faixa dos 8 aos 15 anos; e 31% dos 17 aos 34 anos de idade.

Quadro 4 - Faixa etária de aquisição da Língua de Sinais

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Aos 3 anos de idade	2	Aos 3 anos de idade	0
Aos 4 anos de idade	1	Aos 4 anos de idade	0
Aos 5 anos de idade	3	Aos 5 anos de idade	4
Aos 8 anos de idade	1	Aos 8 anos de idade	0
Aos 10 anos de idade	0	Aos 10 anos de idade	1
Aos 13 anos de idade	0	Aos 13 anos de idade	2
Aos 14 anos de idade	0	Aos 14 anos de idade	2
Aos 15 anos de idade	1	Aos 15 anos de idade	0
Aos 17 anos de idade	1	Aos 17 anos de idade	1
Aos 19 anos de idade	0	Aos 19 anos de idade	1
Aos 25 anos de idade	0	Aos 25 anos de idade	1
Aos 30 anos de idade	1	Aos 30 anos de idade	0
Aos 34 anos de idade	0	Aos 34 anos de idade	1

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

Ao analisarmos quem ensinou a LS, foi possível constatar que, independentemente do gênero, 90% aprenderam com professores surdos ou amigos surdos.

Quadro 5 - Com quem aprendeu a Libras

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Professores surdos	5	Professores surdos	4
Professores ouvintes	1	Professores ouvintes	2
Amigos surdos	4	Amigos surdos	5
Associação de surdos	0	Associação de surdos	1
Pai surdo	0	Pai surdo	1

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

No processo de aquisição de língua, buscou-se saber quais foram os primeiros sinais adquiridos em LS, sendo possível identificar como o básico de comunicação os sinais correspondentes a cumprimentos e família, conforme explicação dada pelos surdos entrevistados.

Quadro 6 - Primeiros sinais adquiridos

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Não lembra	1	Não lembra	2
Básicos de comunicação	4	Básicos de comunicação	7
Visuais/icônicos	1	Visuais/icônicos	0
Alfabeto e número	4	Alfabeto e número	3
Caseiros (próprios da família)	0	Caseiros (próprios da família)	1

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

Para compreender o nosso objeto de estudo, a questão elaborada buscou identificar se os sinais adquiridos inicialmente eram icônicos ou arbitrários. Os entrevistados identificaram que o processo de assimilação e de compreensão foi mais fácil com sinais icônicos, e quanto aos sinais arbitrários na aquisição da LS, os participantes relataram que aprenderam no contexto de diálogo e interação.

Quadro 7 - Sinais iniciais

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Icônicos	8	Icônicos	11
Arbitrários	0	Arbitrários	
Icônicos e Arbitrários	2	Icônicos e Arbitrários	2

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

No quadro correspondente à análise de como ensinar a LS para surdos, os dados indicam que, para os entrevistados, o contato com surdos é uma opção majoritária, considerando como segunda opção o profissional TILS<sup>65</sup>, sendo que dois dos entrevistados do sexo masculino registraram cinco possibilidades e outro mencionou quatro possibilidades.

Quadro 8 - Ensino de L1

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Figuras	2	Figuras	3
Jogos		Jogos	3
Filmes de surdos		Filmes de surdos	2
Com profissional TILS	1	Com profissional TILS	5
Com fonoaudióloga		Com fonoaudióloga	2
Contato com outro surdo	7	Contato com outro surdo	9

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

Em consonância com os Quadros 4 e 5, primeiros sinais adquiridos e tipos de sinais inicialmente adquiridos, os dados consideram que os entrevistados compreendem a importância inicialmente dos diálogos, depois dos verbos e vocabulários. Um dos participantes respondeu que seriam necessárias as três opções.

Quadro 9 - Primeiros sinais

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Vocabulários	3	Vocabulários	4
Verbos	3	Verbos	6
Diálogos	4	Diálogos	5

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

O próximo quadro teve como objetivo verificar se houve mudanças na vida dos acadêmicos após aquisição da LS. Os dados obtidos refletem a importância de a Libras favorecer a comunicação e socialização com a comunidade surda.

Quadro 10 - Importância da Libras

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Melhorou comunicação	5	Melhorou comunicação	6

<sup>65</sup> TILS é a sigla da profissão de Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida pela Lei nº 12.319/2010.

Possibilitou participar da comunidade surda	3	Possibilitou participar da comunidade surda	6
Ajudou compreender a LP	1	Ajudou compreender a LP	
Possibilitou ser professora de Libras	1	Possibilitou ser professora de Libras	1

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

O Quadro 11 informa se as pessoas que convivem com os entrevistados são usuários da LS e, caso não sejam, de que forma se comunicam com quem não têm conhecimento da LS.

Quadro 11 - Como se comunicam com as pessoas que convivem.

<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>	
Comunicam em Libras	2	Comunicam em Libras	2
Se comunicam por gestos caseiros	4	Se comunicam por gestos caseiros	8
Se comunicam na oralidade	2	Se comunicam na oralidade	1
Registram por escrito	2	Registram por escrito	2

Fonte: Dados tabulados pela pesquisadora.

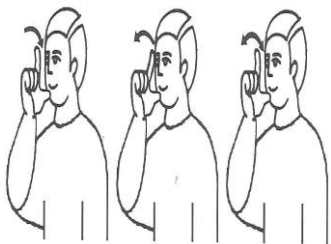

Dentre os entrevistados, há um indicativo de que esses têm contatos com outros usuários da LS. No entanto, quando as pessoas com as quais convivem não sabem a LS buscam, outros recursos para estabelecer a comunicação são utilizados, como os gestos caseiros, que são predominantes, e o registro escrito, como segunda possibilidade.

APÊNDICE B – SINAIS ANALISADOS NO GOOGLE FORMS A PARTIR DA OBRA DE CAPOVILLA *ET AL.* (2017)

Neste apêndice, constam como exemplo dez análises realizadas na categoria semânticas de bebidas. Ressaltamos que todas as categorias foram analisadas no formulário do *Google Forms*, contudo, devido ao extenso volume de dados, destacamos apenas esse como exemplo.

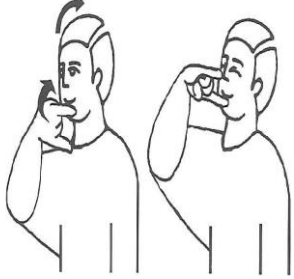
**01. BEBIDAS**

Para a categoria semântica de Bebidas, dos oito sinais constantes no Dicionário de Capovilla *et al.* (2017), há 10 entradas, pois alguns sinais apresentavam mais de uma entrada para o mesmo sinal.

01. ÁGUA	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p>CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/3EDVeYSg9Zs">https://youtu.be/3EDVeYSg9Zs</a></p>
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 132).</p>		
<p>O sinal se realiza com a mão na vertical com os dedos polegar e indicador distendidos e demais dedos fechados (CM=, com a palma da mão posicionada (OR) para a esquerda, tendo como PC a ponta do polegar no queixo (L), com a boca fechada. Na sequência acontece um M balançando o indicador para a esquerda, para baixo, por duas vezes permanecendo com a boca fechada finalizando assim o sinal.</p> <p>Na formação do sinal de ÁGUA podemos observar a presença de vários parâmetros. Qual a contribuição de cada parâmetro na formação do sinal? Será que de forma isolada eles conseguem ser um indicativo para compreensão do sinal? Partindo da configuração de mão verificamos a ocorrência da mesma forma de mão para representar a letra L no alfabeto manual da Libras, contudo essa associação ainda não nos sugere nenhuma pista relevante que possa</p>		




remeter ao sinal. O que podemos verificar então se associarmos outros parâmetros? Bem, associada a orientação da mão ainda não revela nenhum significado. Pois bem, sigamos com a observação trazendo agora o parâmetro da Locação, que embora apresente um ponto de contato no queixo ainda não favorece nenhum dado que possa remeter ao sinal. Entretanto, será que ao trazermos para análise o parâmetro de Movimento haverá uma nova compreensão? Observamos ao associarmos (CM + O + L + M) que a forma como esse Movimento se realiza de “balançar” o dedo indicador para o lado em uma velocidade contínua, não sugere ou dá informações que nos permita remeter ou associar a qualquer sentido. Dessa forma, apesar de estar localizado próximo a boca com ponto de contato do dedo polegar no queixo, ainda assim não há nada na realização do sinal que favoreça a compreensão de ser um líquido, ou mesmo, que possa remeter a ingestão de algum líquido. Então pela ausência de características que possam sugerir a que remete o sinal consideramos que não se trata de um sinal icônico, tão pouco podemos considerá-lo como um sinal translúcido uma vez que não observamos nenhuma possível motivação para o sinal. Descartadas as duas possibilidades anteriores, ou esse sinal é obscuro ou é arbitrário. Contudo, pela falta de traços que denotem algum tipo de percepção a que possa remeter o sinal, consideramos que não se trata de um sinal obscuro. Logo, por não ser possível uma identificação do item lexical sugere-se que este sinal seja arbitrário. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de ÁGUA encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

02. AGUARDENTE	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p style="text-align: center;">OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/mMJS8bu3gjl">:https://youtu.be/mMJS8bu3gjl</a></p>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 134). Única entrada.

O sinal inicia com os dedos indicador e mínimo distendidos e demais

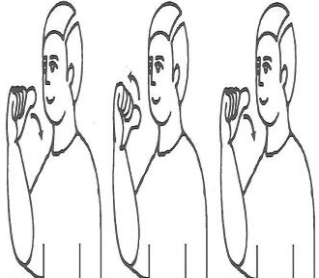


dedos fechados (CM= ), com a palma da mão (OR) posicionada para o rosto e com ponto de contato do dedo indicador no centro do queixo, um pouco abaixo do lábio inferior (L). Na sequência ocorre um movimento (M) semicircular, com a CM virando para cima e para trás e, ao mesmo tempo inclina a cabeça para trás, finalizando assim o sinal mantendo a boca fechada.


No sinal de AGUARDENTE, encontram-se presentes em sua formação os parâmetros a saber: CM, L, O, M. Partindo deste reconhecimento inicial, da presença desses parâmetros, o que temos? Verificamos que quanto à configuração da mão, de forma isolada, sem estar correlacionada aos outros parâmetros, talvez não seja possível associá-la a algo ou alguma coisa com sentido. Isso nos permite constatar que somente a ocorrência do parâmetro de configuração, sem a associação de outros parâmetros não é possível relacionar a nada. Contudo, se observamos a ocorrência do parâmetro de Locação será possível uma nova perspectiva de compreensão do sinal? Assim trazemos para análise a observação da Locação associada a Configuração de Mão. Embora a Locação se manifeste no queixo da pessoa, podendo remeter a algo que possa sugerir que corresponda a algo ou alguma coisa que seja relacionado a comportamentos ou atitudes das pessoas por estar ancorado no corpo, ainda assim em nada favorece uma compreensão do sinal. Pois bem, verificando, pois, a orientação da mão associado a Locação (CM + O + L) ainda assim não é possível remeter a nada. E se levarmos em consideração o parâmetro do Movimento? Será que a partir desse parâmetro ocorra uma compreensão quanto ao sinal AGURADENTE? Verificamos que ao ser acrescentado o Movimento realizado com dobramento do pulso para cima e ao mesmo tempo o movimento

da cabeça para trás começa agora a apresentar um novo sentido, pois pode sugerir como se fosse para beber uma bebida de dose única, ou mesmo uma dose de remédio, ou ainda para ingerir qualquer líquido. Uma outra motivação seria o fato de que culturalmente, no Brasil é um hábito beber aguardente (pinga) em um copo bem pequeno, isto é, de tamanho reduzido (cálice) próprio para beber pinga. Dessa forma o M passa a exercer uma contribuição significativa no sentido do sinal, uma vez que pode contribuir para se estabelecer uma relação ao sinal, ou mesmo um indicativo quanto ao significado do sinal. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de AGURADENTE encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

O que sugere ser um sinal obscuro.

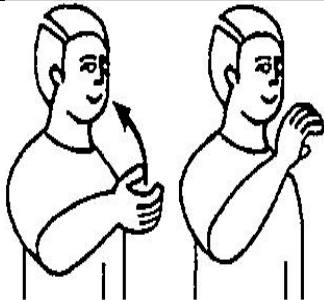
03. BEBER	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p style="text-align: center;">OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;">; <a href="https://youtu.be/Ff95qqA-mKw">https://youtu.be/Ff95qqA-mKw</a></p>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p.395). Corresponde à primeira entrada das duas possíveis para o sinal de BEBER

O sinal se constitui a partir da combinação dos parâmetros de (CM= ) , com polegar distendido, situado no espaço neutro (L), em frente e próximo a boca fechada. Na sequência há um M de balançar a mão para frente e para trás, na horizontal, com a boca fechada durante toda a realização do sinal.

Na formação do sinal de BEBER é possível identificar a presença de alguns parâmetros a saber: Configuração de Mão, Orientação, Localização, Movimento. O que nos permite verificar a presença desses parâmetros? Qual a sua função ou contribuição na formação do sinal? Bem ao darmos início verificamos que na Libras essa configuração apresenta a mesma formação para a letra A do alfabeto manual, contudo, nesse sinal não há como estabelecer essa relação uma vez que a configuração de mão para a letra se constitui com outra

orientação de mão. Assim, somente a configuração de mão não nos permite associar à algum referente, isto é, o que pode se referir a alguém ou alguma coisa ou mesmo um contexto real ou abstrato. Bem, vejamos então se associarmos a Locação (CM + L) haverá uma contribuição para compreendermos o sinal? Vejamos. Considerando que a Locação se realiza no espaço neutro em frente e próximo a boca, é possível que ocorra uma ideia como se fosse algo que pudesse ser ingerido, engolido ou mesmo expelido pela boca. No entanto, ainda assim não é possível associar ou remeter a algo ou alguma coisa. Será que nesse caso, se adicionarmos o parâmetro de Movimento haverá alguma contribuição? A fim de verificarmos essa possibilidade passamos a observar de que forma o Movimento se apresenta na formação do sinal. Bem, na realização do sinal ocorre um movimento para frente aproximando-se da boca e para trás ainda próximo e na frente da boca, com repetição desse movimento, o que pode sugerir que seja algo que possa ser colocado dentro da boca. Se levarmos em consideração que culturalmente, no Brasil, essa gesticulação pode sugerir a ideia de beber é possível considerarmos então que os parâmetros de M e L são relevantes, pois podem sugerir uma característica usual para o ato de ingerir uma bebida, representando como se estivesse bebendo algo ou mesmo introduzindo alguma bebida para dentro da boca. Sugere-se ser um sinal icônico. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de BEBER encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como verbos referentes a alimentação.

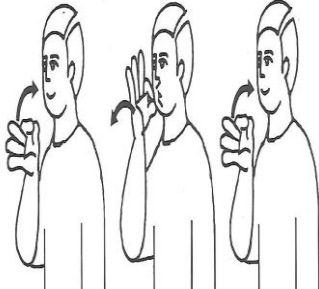
04. BEBER.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/5u5gqJxpA5w">https://youtu.be/5u5gqJxpA5w</a></p>
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p.395). Corresponde à segunda entrada das duas possíveis para o sinal de BEBER</p>		

O sinal inicia com a mão com os dedos unidos e curvados, com o polegar





paralelo aos demais dedos e curvado (CM= ), isto é, mão na horizontal parada com a palma (OR) para a esquerda, no espaço neutro em frente ao tronco, no centro. Na sequência a mão realiza um M semicircular, para cima e para trás, no centro, em direção à boca, que permanece com a boca fechada, finalizando assim o sinal.

Olhando atentamente para a imagem do sinal de BEBER. 2 será que podemos identificar a presença de parâmetros em sua formação que nos permitam estabelecer uma possível relação de significado? Vejamos com atenção os parâmetros presentes. Será possível identificarmos o sinal apenas considerando o parâmetro de CM presente na imagem? Será possível a CM remeter à: (i) uma entidade no mundo que represente a um substantivo? Ou a uma (ii) ação no sentido de um verbo, como por exemplo BEBER? Pois bem, será possível identificarmos o sinal apenas considerando o parâmetro de CM? Vejamos. Neste sinal inicialmente identificamos a presença dos parâmetros de CM, I, O, M. Considerando que temos na sua formação a presença destes parâmetros, embora durante a execução a boca permaneça fechada, a forma da mão, a L e o M favorecem a compreensão do ato de um ser humano levar um objeto cilíndrico (do tipo de um copo) para a boca, que pode sugerir como se fosse ingerir uma bebida. Pode-se constatar que há uma evidente motivação para a realização do sinal ao ato de beber. Sugere-se que esse sinal seja icônico. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de BEBER encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como verbos referentes a alimentação.

05. CAFÉ	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M ENM	<a href="https://youtu.be/KUVU7hoRZBM">https://youtu.be/KUVU7hoRZBM</a>


Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 505). Corresponde à segunda entrada das três possíveis para o sinal de CAFÉ.

O sinal se constitui a partir da combinação dos parâmetros de (CM=) inicial e final iguais, L no espaço neutro, no centro, diante do rosto. Inicia com a mão na horizontal aberta, com a palma para a esquerda, com os dedos indicador e polegar unidos pelas pontas e demais dedos distendidos e abertos (cm=) , diante e próximo a boca (L). Na sequência ocorre um M semicircular da mão de baixo para cima, para trás em direção à boca. A ENM se caracteriza com a boca fechada enquanto o sinal está no espaço neutro, mas quando a mão se aproxima da boca há um M de contrair a boca ficando assim semiaberta, como se estivesse ingerindo algo,

O sinal se constitui a partir da combinação dos parâmetros da mão com os dedos indicador e polegar unidos pelas pontas e demais dedos distendidos, mantendo-se com essa CM do início ao final da realização do sinal. No entanto, no início a CM está L no espaço neutro, no centro, diante do rosto. Na sequência realiza um M semicircular de baixo para cima, para trás, em direção à boca que está fechada, mas quando a CM se aproxima da boca, a boca se contrai e na finalização do sinal volta a posição de boca fechada.

A forma da mão e o seu M em direção a boca que está contraída sugere como se estivesse levando um líquido para ser ingerido. Dessa forma, pela constituição e organização sequencial dos parâmetros que apresentam uma característica peculiar ao ato de ingerir uma bebida quente, sugere-se que esse sinal possa indicar a ingestão de uma bebida quente, no entanto não é possível afirmar que se trata da ingestão de café.

Sugere-se que esse sinal possa ser translúcido uma vez que é possível identificar a ingestão de uma bebida quente, no entanto não é possível afirmar que se trata da ingestão de café. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de CAFÉ encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

06. CAFÉ.2	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	CM OR L M ENM	<a href="https://youtu.be/ReZNKhWduuY">https://youtu.be/ReZNKhWduuY</a>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 505). Corresponde à terceira entrada das três possíveis para o sinal de CAFÉ.

O sinal inicia com a mão na vertical aberta, com os dedos polegar e indicador unidos pelas pontas dos dedos e demais dedos distendidos (CM=

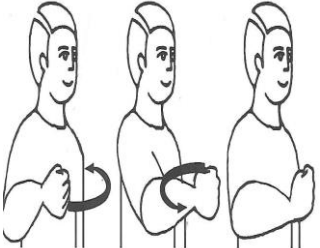


), com a (OR) palma para a esquerda, no espaço neutro, diante do rosto (L), próximo ao centro da boca contraída (ENM). Na sequência há um M de cima para baixo e de baixo para cima da mão tremulando no espaço neutro, em frente a boca que está tensa (contraída), finalizando assim o sinal.

Considerando que temos a ocorrência de todos os parâmetros, qual será a contribuição de cada na execução do sinal que possa favorecer ou contribuir para identificar a que o sinal remete? Vejamos. Neste sinal a forma da mão sugere um gesto de pinça, isto é, a posição dos dedos em que polegar e indicador se juntam para pegar, segurar ou mesmo esfregar alguma coisa pode indicar que se está segurando algo. Contudo, embora a CM possa sugerir algumas das ações citadas precisamos associar aos outros parâmetros para que seja possível uma pista. Assim ao trazermos a OR+L surge uma possibilidade de se associar a algo que possa ser levado à boca por estar diante e próximo a boca. Pelo fato que na sequência ocorre um M tremulando a mão diante da boca contraída, embora a boca permaneça fechada pode sugerir que seja algo que se possa ingerir, engolir ou mesmo tocar nos lábios. Portanto, embora haja aspectos que denotem uma ideia ou mesmo algumas possibilidades, como por exemplo, tragar um cigarro, passar um batom nos lábios, tomar uma bebida, não é possível afirmar que seja um sinal relacionado ao sinal de CAFÉ. Portanto, descartamos que seja um sinal icônico por não ser possível uma clara evidência, entretanto também descartamos a possibilidade de ser arbitrário porque é possível perceber que há uma motivação. Embora se constate uma motivação não podemos




considerar que seja um sinal translúcido porque ainda não há como afirmar o que sugere de forma mais óbvia. Assim sugere ser um sinal obscuro. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de CAFÉ.2 encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

07. CERVEJA	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização.</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/hijvU6PSSFA">https://youtu.be/hijvU6PSSFA</a></p>
<p>Fonte: Capovilla <i>et al.</i> (2017, p. 628). Corresponde à primeira entrada das três possíveis para o sinal de CERVEJA.</p>		


O sinal de CERVEJA se forma a partir da combinação da mão fechada




(CM=  <sup>69</sup>) com a palma do polegar tocando os demais dedos, na horizontal com (OR) da palma para a esquerda, no espaço neutro em frente ao tronco (L). Na sequência a mão realiza um M semicircular para a esquerda (sentido anti-horário) descrevendo um arco no espaço, finalizando com a palma para trás.

O que será que podemos observar na realização do sinal? Pois bem, inicialmente, neste sinal a forma como a mão está fechada e posicionada pode sugerir que esteja segurando algum objeto. No entanto, somente considerando a associação da CM+OR+L verificamos que essas informações ainda não são suficientes para uma identificação ou mesmo uma pista a que o sinal possa estar se referindo. Assim, passamos a considerar a realização do M que se manifesta realizando um movimento semicircular, da direita para a esquerda finalizando com o dobramento do pulso para trás o que ainda não nos revela a que remete o sinal. Não podemos dizer que a ausência do parâmetro ENM dificulte ou mesmo seria um aspecto relevante na compreensão do sinal, no entanto, o que verificamos é que na realização desse sinal não há traços que favoreçam ou contribuam para revelar a que remete o sinal ou mesmo, uma pista que leve a ponderar a que possa remeter o sinal. Dessa forma consideramos que não é um sinal icônico e nem tão pouco translúcido, uma vez que não é possível associar

nenhuma manifestação a que possa remeter o sinal. Sendo assim também não podemos dizer que se trata de um sinal obscuro. Logo, como não há como estabelecer o significado ao sinal de CERVEJA consideramos que se trata de um sinal arbitrário. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de CERVEJA encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

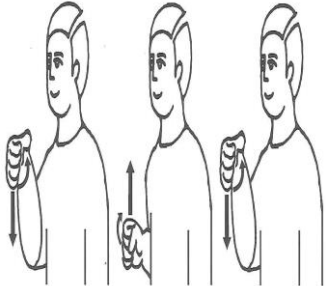
08. CHÁ	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L</p> <p>OBS: os parâmetros M e ENM não se manifestam nessa sinalização.</p>	<p><a href="https://youtu.be/Aap96xSm-Pg">https://youtu.be/Aap96xSm-Pg</a></p>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 631). Corresponde à segunda entrada das quatro possíveis para o sinal de CHÁ

Na realização do sinal CHÁ observamos a palma da mão na horizontal, aberta, para baixo (OR), com os dedos separados e curvados (CM=) e o dorso da mão tocando sob o queixo (L), finalizando assim o sinal sem que ocorra nenhum movimento.




Com base na formação do sinal CHÁ o que as nossas análises podem nos revelar? Somente observando os parâmetros não é possível identificar a que denota o sinal, uma vez que não há em sua formação dois parâmetros a saber, M e ENM que talvez pudessem sugerir uma ideia. Será possível estabelecer uma associação a uma expressão que queira registrar uma pessoa de queixo caído, como se fosse para sustentar uma ação de perplexidade por algo ou alguma coisa. Se assim fosse possivelmente a ENM que não se manifesta nesse sinal seria praticamente obrigatória ou mesmo muito importante para que fosse sustentar a ideia de perplexidade. Ou seria ainda para demonstrar uma pose? Pois bem, o que verificamos é que não nesse sinal características marcantes e determinantes que contribua para a compreensão do sinal, embora no léxico da Libras este mesmo sinal é realizado para o item lexical de FELINO e para um

dos tipos de realização do item lexical de LEÃO. Será possível que o sinal esteja buscando uma referência a esses dois sinais: FELINO e LEÃO? Considerando que no Brasil uma das marcas famosa e conhecida de chá é o CHÁ MATE LEÃO, talvez esse sinal tenha uma motivação a partir da marca do chá. Assim, há possibilidade de se estabelecer uma referência a uma característica da marca do produto que permitindo assim associar o sinal ao significado do item lexical de CHÁ. Portanto, não podemos dizer que se trata de um sinal icônico, mas também não podemos considerar como um sinal arbitrário, uma vez que há essa possibilidade de em sua formação ter a motivação para o sinal. Contudo se toda uma contextualização e explicação precisa ser dada para essa percepção e associação a que remete o sinal, não se trata de um sinal translúcido, o que nos leva a considerar que se trata de um sinal obscuro. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de CHÁ encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.


09. LEITE	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p>CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização</p>	<p><a href="https://youtu.be/d6jz2820FsU">https://youtu.be/d6jz2820FsU</a></p>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1657). Única entrada (as outras são para tipo de leite: condensado; de coco; de soja).

O sinal se realiza com a mão fechada com o dedo polegar tocando os

demais dedos (CM=) , na horizontal, com a palma da mão (OR) para a esquerda, no espaço neutro em frente ao tórax (L). Na sequência ocorre um M retilíneo com a mão, de cima para baixo e de baixo para cima, abrindo (CM=) e fechando (CM=) a mão simultaneamente e ligeiramente, com os dedos indicador, médio, anelar e mínimo unidos tocando a lateral do polegar. A partir de sua formação o que as nossas análises nos permitem revelar?

Pois bem, verificando a ocorrência da associação dos parâmetros CM+OR+L, sem a ocorrência do parâmetro M não há elementos que nos permitam associar ou mesmo ter uma ideia a que remete o sinal. No entanto, quando ocorre o movimento associado ao ato de abrir e fechar os dedos é possível que surja a ideia de uma ação que denote o ato de contrair algo segurando com firmeza a mão, ao mesmo tempo em que simultaneamente a mão se abre relaxando o músculo da mão podendo desprender ou mesmo soltar o que estava preso na mão. Mas, a que tipo de ação esse movimento remete? Não temos como afirmar mediante as possibilidades existentes, pois pode ser um movimento relacionado a um exercício para melhorar a mobilidade da mão, pode ser para puxar algo ou ainda pode remeter a uma ação de ordenhar o leite da vaca, embora esse tipo de ordenha só se realize mesmo na zona rural, com pequenos produtores, uma vez que atualmente por conta da tecnologia esse ato de ordenha já está automatizado pelas grandes empresas e indústrias de laticínios. No entanto, podemos considerar a possibilidade da ocorrência de uma motivação na formação do sinal que pode ser associada ao ato de retirar o leite da vaca. Verifica-se então que essa motivação pode ter se perdido ou mesmo suprimida por conta da evolução dos tempos, fato esse que nos permite afirmar que não se trata de um sinal icônico, mas também não podemos considerar como arbitrário. Dessa forma, consideramos que essa motivação embora distante em sua origem ainda pode se manifestar muito presente para alguns. Dessa forma consideramos que se trata de um sinal translúcido e não de um sinal obscuro. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de LEITE encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.

10. VINHO	PARÂMETROS ACIONADOS PELO SINAL	SINALIZAÇÃO
	<p style="text-align: center;">CM OR L M</p> <p>OBS: o parâmetro ENM não se manifesta nessa sinalização</p>	<p style="text-align: center;"><a href="https://youtu.be/uTlyWQzbnAQ">https://youtu.be/uTlyWQzbnAQ</a></p>

Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2869).

O sinal inicia com a mão na vertical, com os dedos indicador e médio



distendidos e abertos (CM= 54), e demais dedos fechados e unidos, com (OR) da palma posicionada para a esquerda e com ponto de contato da ponta dos dedos na bochecha (L). Na sequência ocorre o M circular para frente (sentido horário) e para trás, na bochecha, várias vezes finalizando assim o sinal. A questão que surge após a verificação da execução do sinal è: somente observando a sua execução é possível remeter a que denota o sinal? Observamos que não. Então cabe nos aprofundarmos em nossas análises a fim de verificarmos a que conclusão poderemos chegar. Pois bem, nesse sinal o fato de ser realizado com os dedos tocando e se movimentando na bochecha embora não remeta a nada pode sugerir que se tenha a intenção de mostrar algo associado a bochecha ou mesmo que se está chamando a atenção no rosto. Portanto, já concluímos que não se trata de um sinal icônico. Para que possamos atribuir qual fenômeno se faz presente nesse sinal continuamos a análise. O que pode revelar somente o movimento realizado sobre a bochecha? Culturalmente há uma associação possível que a bebida do vinho ou outras destiladas causam um rubor na face. Tal fato é comprovado cientificamente com pesquisas que asseveram que o rubor facial indica uma alta sensibilidade ou mesmo intolerância ao álcool e que pode provocar ao longo dos tempos o desenvolvimento da hipertensão. Portanto, apesar de não ser evidente, percebe-se que pode haver uma motivação para o sinal. Assim, não podemos dizer que se trata de um sinal arbitrário. No entanto, a formação do sinal pode ter sido motivada por uma convenção cultural atribuída a uma característica determinante de quem bebe muito. Sugere-se que o item lexical possa ser obscuro. De acordo com Capovilla & Raphael (2001, p. 1438) o sinal de VINHO encontra-se registrado no campo semântico de Alimentação, sendo classificado como bebidas.